



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

WALLACE LINHARES JULIO

**MEMÓRIA, FÉ E RESISTÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES DO JONGO
DE LINHARINHO PARA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA**

**VITÓRIA
2024**

WALLACE LINHARES JULIO

**MEMÓRIA, FÉ E RESISTÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES DO JONGO
DE LINHARINHO PARA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisas Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão escolar.

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Patrícia G. Rufino Andrade.**

VITÓRIA

2024

WALLACE LINHARES JULIO

**MEMÓRIA, FÉ E RESISTÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES DO JONGO
DE LINHARINHO PARA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisas Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão escolar.

Vitória, 25 de Setembro de 2024.

Profa. Dra. Patrícia Gomes Rufino Andrade (PPGPE/ES)

Orientadora

Documento assinado digitalmente



ROSALI RAUTA SILLER

Data: 30/12/2024 21:32:33-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Rosali Rauta Siller

Membro Interno (PPGPE/UFES/ES)

Profa. Dra. Aissa Afonso Guimarães

Membro Interno (UFES/ES)

Documento assinado digitalmente



CAIRO MOHAMAD IBRAHIM KATRIB

Data: 27/12/2024 09:20:52-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibrahim Katrib

Membro Externo (UFU/MG)

Documento assinado digitalmente



JANE MARIA DOS SANTOS REIS

Data: 27/12/2024 08:26:12-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Jane Maria dos Santos Reis

Membro Externo (UFU/MG)

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

L735m Linhares Julio, Wallace, 1986-
MEMÓRIA, FÉ E RESISTÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES DO JONGO DE LINHARINHO PARA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA / Wallace Linhares Julio. - 2024. 169 f. : il.

Orientadora: Patrícia Gomes Rufino Andrade.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Quilombolas. 2. Territorialidade. 3. Jongo. 4. Antirracismo. 5. Quilombos. 6. História Oral. I. Gomes Rufino Andrade, Patrícia. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

DEDICATÓRIA

Com imensa gratidão e reverência, dedico esta pesquisa de mestrado a todas as mulheres negras quilombolas e jongueiras da minha família; minha vó Eduvirgem, Maria de Henrique (toda minha vida chamei de Titia), Tia Carmem, bem como à minha mãe Maria da Glória e à minha tia Regina. Embora não estejam mais entre nós fisicamente, tenho a certeza que seus espíritos celebram mais uma vitória. Essas mulheres negras foram os alicerces sobre os quais construí minha identidade. À Comunidade Quilombola de Linharinho, especialmente às mulheres que são exemplos de força, expresso minha admiração e solidariedade. A todos os integrantes da minha casa de axé o *Kwê Cejá Togozirê*. Em particular, expresso minha admiração ao meu doté Marcos de T'Ogum e Tio Léo . E às crianças pretas, desejo que sejam resistência e força em um mundo que muitas vezes é injusto.

AGRADECIMENTOS

Aqui estou, com a tinta da gratidão e a caneta da emoção, escrevo estas palavras singelas aos sagrados que me permitiram chegar até aqui. A **Exu**, senhor do movimento, dedico o meu louvor. Nada se desenha sem a sua autorização, pois Exu é o princípio de tudo, o primeiro traço no tecido do destino.

A **Oyá**, dona do meu ori, rainha da minha vida, a ela eu devo a força, a coragem e a persistência, ela que me manteve de pé todo esse tempo. A **Omolu**, meu segundo santo, rendo homenagens. Ele me presenteou com o dom da observação, a capacidade de enxergar além das aparências. A **Ogum**, aquele que me raspou, a minha gratidão. Sua navalha moldou minha essência, e esculpiu minha coragem.

À **minha família**, meu pai Benedito, meu irmão, meus sobrinhos, apesar de não entenderem todo esse processo estão sempre comigo. Minha madrinha Elis Regina, meu primo Fagner, Valquíria, a vocês, agradecimentos profundos.

À **minha orientadora Patrícia Rufino**, pela confiança e aposta neste trabalho, minha reverência. Cada aprendizado compartilhado é um tesouro que guardarei para sempre. A senhora é uma grande potência!

A **Noélia Miranda**, ser especial que a vida me presenteou, minha gratidão transborda.

Ao meu pai de Santo, o dote **Marcos De T'Ogum e ao Tio Léo**, pilares na minha vida espiritual, meus sinceros agradecimentos.

A **Dona Gessi Cassiano, Luandra, Letícia, Juliana** artífices desta pesquisa, meu respeito. Cada memória que trouxeram enriqueceu a minha pesquisa. Vocês, mulheres negras quilombolas, são a força e a resistências na Comunidade Quilombola de Linharinho.

Aos meus **estudantes dos nonos anos** da EMEF. Dr, Mário Vello Silveses companheiros nesta aventura, meu apreço. Juntos, desbravamos os caminhos do quilombo de Linharinho.

Ao **grupo de pesquisa Territorialidade e Novas mídias** por tanto aprendizado, minha gratidão. Cada leitura, cada dedicação, moldou minha formação.

E a **vida**, que me concedeu mais uma oportunidade de ser Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, eu me curvo em reverência.

Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela gritando: Cocaína
Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme
Eu sou a porra do Mississippi em chama
Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama
Racista filha da puta, aqui ninguém te ama
Jerusalém que se foda, eu tô à procura de Wakanda, ah.

(Baco Exu do Blues)

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema Memória, Fé e Resistência: Contribuições das mulheres do jongo de Linharinho para Educação Quilombola. Busca pensar as interfaces das narrativas quilombolas e sua utilização no espaço escolar. Partimos das seguintes questões: Como pensar a Educação Escolar em uma comunidade quilombola? Como resgatar a memória das mulheres do jongo de Conceição da Barra, valorizando sua fé e sua resistência de maneira que possam contribuir para a educação escolar quilombola? A ausência dessa discussão em uma escola pertencente ao Território Quilombola do Sapê do Norte foi o dispositivo para pensarmos a pesquisa, compreendendo o processo de enfrentamento racial e de gênero, mas também as narrativas que chegam à escola carregadas do estereótipo racista brasileiro. Neste processo, o resgate da memória das mulheres do jongo de Conceição da Barra apresenta como fundamento a fé, resistência e memória. Os objetivos específicos foram: 1) Identificar a partir das memórias, tradições de fé, resistências, as aspirações das mulheres negras lideranças quilombolas. 2) Registrar as memórias relacionadas ao jongo, e aos anseios das mulheres que lutam pela equidade em Linharinho. 3) Criar um produto digital com relatos e memórias. O percurso metodológico compreende uma análise qualitativa do discurso, considerando um diagnóstico preliminar sobre os conhecimentos difundidos ou não na escola, as interfaces das discussões sobre Educação Quilombola e as narrativas das mulheres no/do território. A pesquisa baseia-se na história oral temática de quatro mulheres negras da Comunidade Quilombola de Linharinho e o processo de “tradução” escolar feita pelos estudantes do nono ano da EMEF. Dr. Mário Vello Silveiras vivenciaram de forma intensa a cultura quilombola durante visitas ao Ponto de Memória de Santa Bárbara, que tem como guardiã Dona Gessi Cassiano. Por meio deste estudo, verificou-se que as jogueiras são fontes de manutenção das práticas quilombolas, de conhecimento, identidade e cidadania, fortalecem a formação de lideranças femininas e são necessárias a composição dos currículos escolares para a valorização da população negra e a compreensão de uma Educação Antirracista.

Palavras-chave: Educação Escolar quilombola. Territorialidades. Memória

ABSTRACT

The topic of this research is Memory, Faith and Resistance: Contributions of the jongo women of Linharinho to Quilombola Education. It seeks to think about the interfaces of quilombola narratives and their use in the school space. We started with the following questions: How to think about School Education in a quilombola community? How can we rescue the memory of the jongo women of Conceição da Barra, valuing their faith and resistance so that they can contribute to quilombola school education? The absence of this discussion in a school belonging to the Quilombola Territory of Sapê do Norte was the point to think about the research, understanding the process of racial and gender confrontation, but also the narratives that arrive at the school full of Brazilian racist stereotype. In this process, the recovery of the memory of the jongo women of Conceição da Barra presents faith, resistance and memory as its foundation. The specific objectives were: 1) Identify, based on memories, faith traditions, resistance, the aspirations of black women quilombola leaders. 2) Record memories related to jongo, and the desires of women who fight for equity in Linharinho. 3) Create a Reference for Anti-Racist Pedagogical Practices for Quilombola Education. The methodological path comprises a qualitative analysis of the discourse, considering a preliminary diagnosis of the knowledge disseminated or not at school, the interfaces of discussions about Quilombola Education and the narratives of women in/from the territory. The research is based on the thematic oral history of four black women from the Quilombola Community of Linharinho and the process of school “translation” carried out by ninth- grade students at EMEF. Dr. Mário Vello Silveiras who experienced quilombola culture intensely during visits to the Santa Bárbara Memory Point, whose guardian is Gessi Cassiano. Through this study, it was observed that jongueiras are sources of maintenance of quilombola practices, knowledge, identity and citizenship, strengthen the formation of female leaders and are necessary for the composition of school curricula to value the black population and understand Anti-Racist Education.

Keywords: Quilombola school education. Pedagogical Practices, Territorialities. Memory

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Eduvirgem Jacinta de Almeida	25
Imagem 2 - Capim Sapé.....	54
Imagem 3 – Comunidade Quilombola de Linharinho	64
Imagem 4 – Gessi Cassiano	80
Imagem 5 - Luandra Gomes dos Santos	82
Imagem 6 – Juliana Gomes do Nascimento	83
Imagem 7 – Letícia dos Santos Nascimento	84
Imagem 8 – EMEF. Dr. Mário Vello Silvaes	87
Imagem 9 – A minha comunidade quilombola.....	130
Imagem 10 - A minha comunidade quilombola.....	131
Imagem 11 - A minha comunidade quilombola.....	132
Imagem 12 – Chegada ao Ponto de Memória de Santa Bárbara – Comunidade Quilombola Linharinho	139
Imagem 13 – O pesquisador com Dona Gessi Cassiano	140
Imagem 14 – Ponto de Memória de Santa Bárbara	141
Imagem 15 – Ponto de Memória de Santa Bárbara	141
Imagem 16 – Ponto de Memória de Santa Bárbara	142
Imagem 17 – Capa do Referencial de Práticas Pedagógicas	147
Imagem 18 – Processo de construção dos gêneros textuais	148
Imagem 19 – Processo de construção dos gêneros textuais	149
Imagem 20 – Processo de construção dos gêneros textuais	150
Imagem 21 – Atividade produzida pelos estudantes	151
Imagem 22 – Atividade produzida pelos estudantes	152

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 -Busca no banco de dados de pesquisas teses e dissertações.....	40
Ilustração 2 -Busca no banco de dados de pesquisas teses e dissertações.....	41
Ilustração 3 - Mapa de Limites Administrativos do município de Conceição da Barra.....	53
Ilustração 4 - Dados da quantidade de municípios que possuem comunidades quilombolas no Espírito Santo.....	57
Ilustração 5 - População Quilombola em território quilombola.....	58
Ilustração 6 - Dados das Comunidades Quilombolas em Conceição da Barra – ES	59
Ilustração 7 - Distribuição total de estudantes matriculados por etapa educacional, considerando sexo e cor/raça	85
Ilustração 8 - Distribuição de estudantes por localidade.....	86
Ilustração 9 - Distribuição de estudantes por localidade.....	86
Ilustração 10 – Distribuição de estudantes por turno, etapa, raça/cor.....	87
Ilustração 11 - Distribuição dos respondentes do questionário por categoria da Escola Mário Vello Silves	91
Ilustração 12 - Distribuição de autodeclaração racial na EMEF. Dr. Mário Vello Silves	92
Ilustração 13 - Autoidentificação quilombola na EMEF. Dr. Mário Vello Silves	93
Ilustração 14 -Dados sobre o nível de conhecimento sobre a organização do quilombo	94
Ilustração 15 - Interpretação do conceito “quilombola” no questionário diagnóstico.....	95
Ilustração 16 - Dados sobre as práticas já trabalhadas na EMEF. Dr. Mário Vello Silves.....	96
Ilustração 17 -Conhecimento do Jongo na EMEF. Dr. Mário Vello Silves.....	97
Ilustração 18 - Reconhecimento das Jongueiras na EMEF.Dr. Mário Vello Silves.....	97
Ilustração 19 - A importância da memória das mulheres quilombolas do jongo na educação da EMEF.Dr. Mário Vello Silves.....	99
Ilustração 20 - Incidentes de racismo.....	100

Ilustração 21 - Perfil das entrevistadas	107
Ilustração 22 - Categoria Luta e Resistência.....	111
Ilustração 23 - O Jongo como saber ancestral feminino.....	115
Ilustração 24 - Fé.....	117
Ilustração 25 - Santa Bárbara, a padroeira da Comunidade.....	120
Ilustração 26 - A infância na comunidade.....	124
Ilustração 27 - Ser mulher negra quilombola.....	125
Ilustração 28 - Educação Escolar Quilombola.....	128

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IJSN - : Instituto Jones dos Santos Neves

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ACQL - Associação da Comunidade Quilombola de Linharinho

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ALE - Aprofundamento em Leitura

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

CNE – Conselho Nacional de Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Despachando a rua.....	11
1.1.1 Apresentando a pesquisa	15
1.1.2 Minhas Memórias Quilombolas	21
2. REFERENCIAL TEÓRICO: AS <i>AYABÁS</i> DO CONHECIMENTO.....	29
2.1 Explorando Horizontes: Revisão de Literatura	39
3. TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DA BARRA.....	47
3.1 Sapê do Norte.....	54
3.1.2 Linharinho uma Comunidade de Resistência: Foco da Pesquisa.....	64
3.1.3 O Jongo com dança ancestral	66
3.1.4 O Território como resistência	69
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS - ABORDAGEM DE NATUREZA QUALITATIVA	72
4.1 . Vozes Quilombolas: Sujeitos desta Pesquisa.....	77
4.1.1 Gessi Cassiano	80
4.1.2 Luandra Gomes dos Santos	82
4.1.3 Juliana Gomes do Nascimento.....	83
4.1.4 Letícia dos Santos Nascimento.....	84
5. A EMEF. DR. MÁRIO VELLO SILVARES.....	85
5.1 Diagnóstico Inicial na EMEF. Dr. Mário Vello Silveiras	90
5.1.2 Visitas Técnicas à Comunidade Quilombola de Linharinho.....	101
6. MEMÓRIAS VIVAS DAS MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LINHARINHO: APRESENTAÇÃO DAS INFORMAÇÕES COLETADAS.....	107
6.1 Categoria de Luta e Resistência.....	110
6.1.1 O Jongo como saber ancestral feminino.....	113
6.1.2 Fé.....	117
6.1.3 Santa Bárbara, a padroeira da Comunidade.....	119

6.2 Infância na Comunidade.....	123
6.2.1 Ser mulher negra quilombola.....	125
6.2.2 Educação Escolar Quilombola.....	128
6.2.3 A Comunidade Quilombola de Linharinho sob olhar das entrevistadas.....	129
6.2.4 O entrelaçar da Educação Quilombola com o Ensino na EMEF. Dr. Mário Vello Silvaes.....	132
7. IN. CONCLUSÕES.....	153
8. REFERÊNCIAS	155

1 INTRODUÇÃO

1.1 Despachando a rua

Acorda povo, levanta e venham ver!
O Jongo de Santa Bárbara tem farofa com dendê.
Acorda povo, levanta e venham ver!
O Jongo de Santa Bárbara tem farofa com dendê.

Santa Bárbara chamou. Devoto, chegou a hora.
Quem confia em Deus, sempre ganha vitória.
Santa Bárbara chamou. Devoto, chegou a hora.
Quem confia em Deus, sempre ganha vitória.
(Cantiga do Jongo de Santa Bárbara)

Estamos na roda, eu e você unidos pelo ritmo ancestral. Escute o toque do tambor que ecoa, convocando todos os ancestrais para louvar a Santa Bárbara. Sigamos em circularidade. As mulheres com as saias rodadas, rodando girando, em um só compasso. Estamos na roda, eu e você, pés descalços em um só toque, sentido a energia do jongo.

São mulheres negras, quilombolas que carregam nos seus corpos a marca da ancestralidade, a memória de um povo que resistiu. Elas trazem a fé, a ancestralidade que se manifesta em música, dança e arte. Vejam, elas gingam nessa roda que é mais do que roda é vida, é luta, é celebração!

Gingam com a saia rodada, lenço na cabeça, pois é dia de louvar Santa Bárbara. São vozes femininas, vozes ancestrais, vozes que encantam, vozes plurais. Saudamos ao feminino guerreiro, que é a energia do encantamento, o feminino que cuida, que é potência espiritual, que cura, que luta e nos transmite força.

São mulheres pretas, retintas que na roda celebram o encontro com o outro. Roda representa ciclos, visto que ensina e troca saberes, ela é o círculo da vida, roda ancestral que quando fecha todos se protegem reciprocamente, roda onde todos podem se ver e ouvir. Assim, com um estandarte na mão está a mestra Gessi ¹que será observada, copiada e seguida. Aqui, a mestra puxa à frente com intuito de proteger aquelas que vêm atrás.

¹ Dona Gessi Cassiano é uma grande liderança na Comunidade Quilombola de Linharinho. Guardiã do Ponto de Memória de Santa Bárbara.

O tambor esquenta! O chão treme, o som se espalha pelo ar, o ritmo contagia, o corpo move, o sangue ferve e o suor escorre. São mulheres pretas quilombolas que trazem a fé, a resistência nas suas memórias.

Essa é a mesma fé, resistência e memória que minha Vó expressava quando lavava roupa à beira do tanque e cantava essa cantiga antiga: “*Glorioso Benedito quero falar, mas não posso. Preste assunto neste mundo que este mundo não é nosso*”. É importante destacar que essa era uma cantiga que vinha da sua alma, que contava a sua história, que revelava a sua cultura. Desse modo, trazia a memória dos seus ancestrais africanos, que sofreram a escravidão no Brasil. Dessa maneira, a cantiga nos mostra a sua fé, força, dor e a alegria.

Percebe-se que a cantiga é uma expressão de fé e resistência dos quilombolas, que como eu, aprenderam a contar suas histórias pela fé em São Benedito, Sant’Ana, Santa Bárbara como seus padroeiros, o desejo de falar suas , culturas e identidades, mas também o medo de sofrer as represálias em um mundo que não lhe pertence. Considerando esse contexto, a cantiga nos faz um convite a prestar a atenção nas coisas desse mundo, que são fontes de aprendizado, inspiração e esperança. Nesse sentido, compreender as vivências e práticas são formas de preservar a memória e a tradição dessas mulheres quilombolas que foram silenciados na história oficial.

Vale dizer que para Pollack (1989, p.2) é preciso recuperar as memórias e as identidades dos grupos sociais que foram excluídos, marginalizados ou dominados pela história oficial, que geralmente privilegia as elites, os vencedores ou as maiorias. Entende-se por memória oficial as narrativas construídas e difundidas historicamente como narrativa única na memória nacional. Essas narrativas geraram uma única forma de se compreender a memória coletiva sobre o processo de escravização que criou o mito da igualdade racial e nesta mesma esteira o estereótipo do negro brasileiro. Essa história construída, desconstruída e reconstruída pelos agentes da História Oficial – o Estado Brasileiro moldaram e transmitiram uma imagem do passado que se quer salvaguardar, impor e difundir, principalmente através do material didático em sala de aula. Em contrapartida, Pollack (1989, p.2) vai defender que a história oral ressalta a importância das memórias subterrâneas, que são formas de resistência, contestação ou alternativa que esses grupos desenvolveram para preservar sua cultura, a dignidade e a sua voz, foram por essas memórias e narrativas que optamos para construção desta pesquisa.

Seguindo a proposta de Pollack (1989, p.2), de resgatar as memórias e as identidades dos grupos sociais que foram excluídos, marginalizados ou dominados pela história oficial, usamos a metáfora de água e sal grosso para dar continuidade a nossa escrita. Dentro dessa perspectiva,

essa metáfora representa um ritual simbólico que faz parte das culturas afro-brasileiras, dos saberes ancestrais das histórias dos esquecidos no contexto da diáspora, que não foram narradas, nem discutidas na História Oficial.

Como quilombola, nascido nas terras do Sapê do Norte², presenciei em minha família jogar água com sal grosso na porta da rua, para limpar e proteger, era uma prática que fazia parte da nossa cultura. Dentro dessa ótica, essa prática cultural que era comum em nossas famílias, era também uma forma de exercer um ato de fé e proteção, transmitindo valores e conhecimentos que formaram a base da identidade da minha família na comunidade. Sendo assim, é importante pensar como esses saberes ancestrais são integrados na vida cotidiana e continuam a influenciar as práticas atuais.

O passar do tempo me fez retomar pela religião, minha fé ancestral, hoje referenciada no Candomblé. É nessa janela ancestral que me faz ressignificar pela mitologia negra. Invoco a presença de Exu na minha escrita, pois ele é o grande mensageiro de todos os Orixás. Saúdo a força do Orixá Exu! Exu é memória, é história, é vida! É ancestralidade! Transmissor de axé³, comunicação. Acreditamos que nada é feito sem sua permissão. A ele referenciamos nossos caminhos e também nossa individualidade e nossa fé.

De acordo com Rufino (2019, p.23) axé e Exu estão estritamente vinculados como energia vital. Que *Bara*⁴ seja um grande transmissor de axé, visto que ele é o grande gerador do que existe, é o possuidor do poder, a grande esfera do mundo, a ele cantamos com grande alegria: *Nawôkwannauá do/ Nawôkwannauê do/ Elegbaravodún/ Azankerê ,kerê/ Elegbaravodún/ Azankerê, kerê.*

Cardoso (2006) aponta necessidade de destacarmos a diversidade de manifestações, práticas e expressões artísticas, especialmente, a religiosidade de matriz africana, no processo de resistência secular ao massacre cotidiano da identidade étnico-cultural de homens e mulheres negras absorvidas pela sociedade brasileira, desvinculadas da história de luta, de sua ancestralidade, de sua religiosidade, dentro e fora de África.

Portanto, na visão de Cardoso (2006), há uma convenção institucional subliminar brasileira, para que essa pretensa (des)organização intencional, faça com que nossas histórias

² Sapê do Norte é uma região no norte do Espírito Santo, composta por comunidades quilombolas nos municípios de Conceição da Barra e São Mateus.

³ De acordo com Rufino (2019, p.67) o conceito de axé enquanto energia vital está estritamente vinculado a Exu. "O axé compreende-se como energia viva, porém não estática. É a potência que fundamenta o acontecer, o devir. Essas dinâmicas de condução do axé se dão por meio de diferentes práticas rituais, e o axé é imantado tanto na materialidade quanto no simbólico, expressando-se como um ato de encante".

⁴ Bara é um orixá das religiões de matrizes afro-brasileiras.

reais não cheguem a se organizar, pois estão fragmentadas, e assim abrem-se espaços para uma história única, que na visão de Adichie (2019) são perigosas, pois só apontam apenas um lado da história. Estas, porém estão disseminadas no território brasileiro, a tal ponto que, “desde criança, somos objetos de violência simbólica, que elimina totalmente negros e negras do processo de construção do país, silenciando a sua história”.

Cardoso (2006), com isso nossas vozes, religiosidades e ancestralidades são permanentemente silenciadas e fatalmente esquecidas como parte deste projeto de institucionalização racial. Por isso é tão importante reviver as histórias, trazer a tona nossas memórias quilombolas, cotidianos de resistência. É a partir daí que vamos ressignificar as histórias das populações negras na diáspora, bem como repensar a relação racial estereotipada.

O atabaque esquentou! Simbolicamente despachamos a rua para darmos início a nossa escrita ancestral visto que a memória escrita também é um meio de manter a tradição viva e latente. Pedimos a Exu para guardar a porteira, que ele seja o nosso guardião, nossa sentinela nessa encruzilhada da escrita. Oferecemos-te a palavra, Exu! Pois sabemos que o senhor é o princípio da comunicação, a linguagem como um todo, aquele que tem o domínio de todas as línguas, que faz a ponte com os Orixás. Rufino (2019, p.24). Assim, teremos daqui para frente um arsenal de caminhos abertos por Exu que se inserem processualmente. Esses caminhos, como trilhas invisíveis nos guiarão na busca pelo conhecimento ancestral.

Com todas as honras, Exu vai à frente, que ele possa nos proporcionar uma escrita/leitura tranquila e assim, nada de negativo aconteça nesse trajeto, nos guie nessa maravilhosa encruzilhada dos quilombos ancestrais.

1.1.1 Apresentando a Pesquisa

Esta pesquisa se dá em um território quilombola – Sapê do Norte, em que investigo práticas possíveis para pensarmos a Educação Quilombola a partir da investigação das histórias, narrativas e memórias contadas e vivenciadas pelas mulheres quilombolas do jongo. Neste sentido, considero também as memórias de minha infância e adolescência, já que, “falo de dentro” deste território, como sujeito que vivenciou essas práticas e hoje de outro lado, consigo escrever sobre elas. Portanto entrecruzam-se minhas próprias memórias, memórias da família, memórias quilombolas do Sapê do Norte a partir de mulheres quilombolas.

Outra questão fundamental é entender-me nesta comunidade como propulsor e impulsionador de práticas antirracistas na escola, de ascendência materna quilombola do Angelim de dentro, também sou professor em uma escola que recebe estudantes quilombolas e é de lá, deste outro lugar que vivenciamos cotidianamente práticas racistas e assim propomos estudar as territorialidades quilombolas e práticas de enfrentamento ao racismo a partir dos contextos desta que entendemos como “Educação Quilombola” que pretende a partir de suas territorialidades constituir-se como um processo de reconhecimento identitário, (ANDRADE,2018).

Iniciando com reverência e reflexão, a **CARTA DAS MULHERES QUILOMBOLAS DO TERRITÓRIO DO SAPÊ DO NORTE** ⁵escrita pelas mulheres quilombolas do território do Sapê do Norte/ ES, das comunidades de Conceição da Barra (Linhaquinho, Roda D'Água, Córrego do Alexandre, Morro da Onça, Córrego Grande, Angelim1, Angelim2, Angelim 3, Coxi, Córrego do Sertão, Santana, São Domingos) e das comunidades de São Mateus (São Cristóvão, Beira Rio, Nova Vista, São Jorge, Dilô Barbosa, Nossa Senhora da Penha).

A carta foi escrita por 130 mulheres, sendo elas trabalhadoras, agricultoras, extrativistas, pescadoras, beijeiras, benzedoras, rezadeiras, mães de santo, jogueiras, griôs, cozinheiras, senhoras do dendê, artesãs, artistas, erveiras, curandeiras, domésticas, estudantes, universitárias de graduação e pós-graduação, professoras, pedagogas, doutoras, assistentes sociais, advogadas, enfermeiras, escritoras, cantoras, produtoras, servidoras públicas, conselheiras municipais e estaduais, defensoras dos direitos humanos, guardiãs da natureza e dos saberes tradicionais, lideranças comunitárias e das nossas organizações representativas, guerreiras, carinhosas, choronas, mães, avós, jovens e crianças.

A carta nos convida a mergulhar nas tradições sagradas que tecem a essência das comunidades. Visto que é através da valorização da identidade e da sabedoria ancestral que se revela a força de sua conexão com a terra e o espírito. Elas escrevem:

Conversamos ainda sobre nossos saberes e conhecimentos tradicionais transmitidos das nossas antepassadas, sobretudo oralmente. A importância de valorizar a nossa identidade, a nossa relação atenta com a natureza, o cuidado da nossa saúde com ervas medicinais, com alimentação saudável da nossa agricultura e com as rezas das benzedoras. Respeitar a nossa devoção de fé é fundamental para honrarmos a nossa ancestralidade. Não iremos nós calar com intolerância religiosa! (CARTA DAS MULHERES QUILOMBOLAS DO TERRITÓRIO DO SAPÊ DO NORTE – 16 de Março de 2024).

⁵ A Carta das Mulheres Quilombolas do Território do Sapê do Norte, foi escrita no dia 16 de março de 2024, na Comunidade Quilombola São Domingos, no Encontro das Mulheres Quilombolas do Território Sapê do Norte.

A carta faz um chamado à resistência contra a intolerância, reafirmando a importância de se manter viva a herança cultural e espiritual quilombola. A transmissão oral de saberes e conhecimentos é o pilar da cultura quilombola, assim como também a ênfase na valorização da identidade e na relação cuidadosa com a natureza reflete uma visão de mundo onde saúde e o bem-estar estão intrinsecamente ligados ao meio ambiente e às práticas sustentáveis. Além disso, as rezas das benzedeadas e a devoção de fé são aspectos fundamentais que conectam a comunidade com sua ancestralidade, fortalecendo laços sociais e espirituais. De acordo com as mulheres quilombolas do Sapê do Norte:

Identificamos as profundas dificuldades para a Educação Escolar Quilombola, que demorou até 2003 para ser formalmente reconhecida, mas que, na prática, não tem políticas públicas efetivas até hoje. A precariedade das poucas escolas nas comunidades, a inadequação dos currículos e os maus tratos das secretarias municipais, inclusive colocando em risco as crianças que passam até 12 horas nos transportes, são exemplos do descaso do poder público, que acaba transferindo sua responsabilidade para as grandes empresas que se aproveitam para fazer propaganda. Ecoamos a nossa voz, queremos as Escolas quilombola no território sapê do Norte, adequada em estrutura e com currículo, e a aplicação da lei 10.639/2003. Que o estado garanta esse direito ao povo que desde sempre é negado, o acesso à educação! (CARTA DAS MULHERES QUILOMBOLAS DO TERRITÓRIO DO SAPÊ DO NORTE – 16 de Março de 2024).

Considerando o exposto, a realidade prática revela uma lacuna gritante entre legislação e sua implementação. A precariedade das escolas, a inadequação dos currículos que falham em refletir a riqueza cultural quilombola, e o tratamento negligente por parte das secretarias municipais, que comprometem a segurança e o bem-estar das crianças, são sintomas que de um sistema que perpetua exclusão. Percebe-se, conforme retrata a carta, que a transferência de responsabilidade para as empresas mascara o descaso com campanhas publicitárias, é uma estratégia que desvia o foco das falhas do poder público. É interessante notar também que a exigência por escolas quilombolas com infraestrutura adequada, currículos pertinentes e a efetiva aplicação da lei 10.639/2003 é um chamado para que o estado brasileiro honre seu compromisso com a educação como um direito inalienável, especialmente para aqueles a quem esse direito foi historicamente negado.

Oliveira (2022, p.1) vai nos dizer que os quilombolas enfrentam uma luta constante pela defesa de seus territórios e de suas culturas, que são ameaçados por diferentes formas de violência e de exploração. Ele nos mostra que os quilombolas não são vítimas passivas desses processos, mas também sujeitos ativos que resistem e reivindicam seus direitos. Diante disso,

Oliveira (2022, p.1) destaca que os territórios quilombolas não são apenas espaços físicos, mas também espaços simbólicos, onde se expressam as identidades, as memórias, os saberes, as cosmologias, as espiritualidades dos quilombolas.

Conforme aponta Oliveira (2022, p. 2) o direito à memória não é algo natural ou dado, mas sim algo que é construído e disputado social e historicamente. Em vista disso, à memória envolve questões de poder, de reconhecimento, de reparação e de justiça, pois foi uma conquista dos movimentos sociais que lutaram pela democratização do país e pela garantia dos direitos humanos. Portanto, o direito à memória está inscrito na Constituição da República Federativa de 1988 como uma forma de proteger e valorizar a diversidade cultural e histórica do país, sendo assim a memória é um direito fundamental para construção da cidadania e da identidade nacional.

A partir da perspectiva de Oliveira (2022), podemos compreender o direito à memória como um processo social e histórico que está em disputa entre diferentes grupos e interesses. Nesse sentido, a memória não é apenas uma expressão individual, mas também uma construção coletiva que envolve questões de poder, de reconhecimento, de reparação e de justiça. Nesse sentido, Pollack (1989, p.10) considera que as memórias individuais expressam as experiências, os sentimentos e as identidades dos grupos minoritários ou dominados, porém essas memórias serão afetadas, reprimidas e transformadas pela memória oficial.

Sob ótica semelhante, Schiffler e Nascimento (2012, p. 2) assinalam que a cultura, a memória e a história de um povo são construídas e transmitidas de diversas formas, não apenas pela educação formal, mas também pela educação informal, que se dá nas comunidades tradicionais. Visto que as comunidades possuem saberes e culturas próprios, que são registrados e compartilhados oralmente, de geração em geração, e que expressam a identidade e a resistência. Assim, esses saberes e culturas são válidos e importantes quanto os saberes e culturas difundidos nas escolas, e que devem ser reconhecidos e valorizados pela sociedade e pelo campo acadêmico.

Conforme aponta Andrade (2007, p.44) valorizar os saberes cotidianos na comunidade quilombola significa reconhecer que todos os saberes são importantes, válidos e complementares, e que não há uma hierarquia ou uma superioridade entre eles. Ela usa o conceito de rizoma, que é uma forma de organização não linear, não centralizada e não hierárquica, para sugerir que os saberes cotidianos devem se relacionar de forma horizontal, ou seja, sem subordinação ou dominação. Desse modo, todos os saberes têm suas limitações e

suas possibilidades, e que podem enriquecer mutuamente, a partir do ponto que em que se respeitam e se valorizam.

Dessa forma, Schiffler e Nascimento (2012, p. 5) salienta que as comunidades tradicionais que se baseiam na tradição oral, não se limitam aos objetos canônicos da representação artística, que são aqueles que seguem padrões, normas e modelos estabelecidos. Sendo assim, a cultura das comunidades tradicionais apresenta práticas indeterminadas, em movimento e performáticas, que são aquelas que não têm forma fixa, que se adaptam às circunstâncias e que se realizam no ato da expressão. Em síntese, essas práticas são produzidas no ato da sobrevivência social, ou seja, que elas são formas de resistir, de afirmar e de valorizar a identidade e a diversidade das comunidades tradicionais.

Nesta lógica, podemos compreender que a cultura quilombola baseia-se na tradição oral e se manifesta em práticas sociais, artísticas indeterminadas, em movimentos e performáticos, que expressam a sua identidade e a sua resistência. Dessa maneira, esta pesquisa tem como foco cinco mulheres quilombolas de Conceição da Barra, que são guardiãs e protagonistas dessa cultura, especialmente por meio do jongo, uma manifestação cultural afro-brasileira que envolve música, dança, poesia e ritual.

As questões de pesquisa que norteiam o trabalho são: **Como pensar a Educação Escolar em uma comunidade quilombola? Como resgatar a memória das mulheres do jongo de Conceição da Barra, valorizando sua fé e sua resistência de maneira que possam contribuir para a educação escolar quilombola?** Essas questões se justificam pela importância de preservar e de divulgar as memórias quilombolas, que são fontes de conhecimento, de identidade e de cidadania.

Além disso, essa questão se relaciona com o objetivo geral desta pesquisa que é: **resgatar as memórias das mulheres do Jongo de Conceição da Barra, valorizando a sua fé e a sua resistência, por meio de narrativas.** E os objetivos específicos que são: **1) Identificar a partir das memórias, tradições de fé, resistências, as aspirações das mulheres negras lideranças quilombolas. 2) Registrar as memórias relacionadas ao jongo, e aos anseios das mulheres que lutam pela equidade em Linharinho. 3) Criar um produto digital – Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação Quilombola.**

Seguiremos os caminhos metodológicos delineados por Paul Thompson (2002), que propõe o uso da *História Oral* como ferramenta para a “(...) interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”.

Utilizamos como referenciais teóricos Frantz Fanon (2020, 2022), Stuart Hall (2003), Antônio Bispo dos Santos (2023), Patrícia Rufino Andrade (2012) que nos permitiu debater como as mulheres quilombolas constroem e transmitem suas identidades, suas culturas e suas resistências.

Desta forma, apresentarei os capítulos estruturados da seguinte forma: No Capítulo I, iniciamos com uma roda de jongo. Partimos do pressuposto de que nada é feito sem pedir licença àqueles que vieram antes de nós. Assim, solicitamos a bênção de Exu e das vozes ancestrais femininas, bem como dos saberes familiares. Em seguida, apresentamos a pesquisa, abordando as questões geradoras, o objetivo geral, os objetivos específicos e a metodologia utilizada. Compartilho minhas próprias memórias quilombolas. Inspirados pelos caminhos metodológicos delineados por Paul Thompson (2002) optamos pelo uso da História Oral e também destacamos os teóricos que nos auxiliaram nessa investigação.

No Capítulo 2, Apresentamos os referenciais teóricos que fundamentaram nossa pesquisa. Em seguida, trazemos a revisão de literatura, abordando o que já foi produzido no campo da pesquisa sobre as relações do jongo, às memórias das mulheres quilombolas e a educação escolar quilombola. Para isso, examinamos as produções acadêmicas, incluindo dissertações e teses, relacionadas a esses temas.

No Capítulo 3, Exploramos o Território Quilombola de Conceição da Barra, um espaço profundamente marcado pela história e cultura quilombola. Abordamos o Sapê do Norte, cuja origem e significado estão relacionados à vegetação, geografia, agricultura e cultura da região habitada pelos quilombolas no Norte do Espírito Santo. Além disso, apresentamos dados sobre a quantidade de municípios com comunidades quilombolas no Espírito Santo e detalhamos a população quilombola no território. Fornecemos informações sobre as Comunidades Quilombolas em Conceição da Barra- Espírito Santo.

No Capítulo 4, descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa, bem como a abordagem qualitativa adotada. Nesse contexto, apresento as vozes quilombolas, que são as sujeitas dessa pesquisa. Cada uma delas em sua particularidade, a fim de compreendermos melhor a importância da construção da memória.

No Capítulo 5, apresentamos a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dr. Mário Vello Silvaes. Posteriormente, detalhamos o diagnóstico inicial realizado na escola e compartilhamos as experiências das visitas técnicas à comunidade quilombola de Linharinho.

No Capítulo 6, realizamos a análise dos dados das memórias orais das mulheres quilombolas. Suas vozes e experiências são fundamentais para compreender a luta contínua e a

identidade dessa comunidade. Em seguida, abordamos o entrelaçamento da Educação Quilombola com a EMEF Dr. Mário Vello Silves. As experiências na comunidade proporcionaram aos estudantes um contato direto com as tradições, fé, histórias e saberes quilombolas, que posteriormente foram trazidos para a sala de aula. Na Educação Escolar Quilombola, os estudantes participaram de atividades pedagógicas, valorizando as narrativas coletadas durante as visitas.

No Capítulo 6, apresento as in-conclusões desta pesquisa de mestrado. É importante ressaltar que este trabalho não está encerrado; pelo contrário, é um ponto de partida que requer continuidade. As in-conclusões aqui apresentadas servem como base para futuras investigações e aprofundamentos.

1.1.2 Minhas Memórias Quilombolas

Seguindo a perspectiva de Pollack (1989), que propõe uma análise das memórias coletivas a partir das memórias individuais, venho resgatar a minha própria memória quilombola, também silenciada pela história oficial. É nesse sentido que, em meio à luz acesa do lampião, relembro-me do cheiro forte de querosene. Me vejo criança e me recordo do cheiro de barro batido, a esteira estendida no chão, o fogão à lenha aceso, anunciando o cheirinho de café feito na hora, o muxá⁶ sobre a mesa molhadinho com bastante coco, o aipim manteiga que desmancha na boca, a moringa de barro por encher, os mivales⁷ para salgar, o pilão para lavar, a reza das 18 horas no radinho de pilha sobre a mesa para ouvir, o cheiro de cachimbo que exala por toda a cozinha, o xarope de alho para tomar, a licença para pedir quando se passa no meio da conversa, os causos de lobisomem para contar, a igreja para frequentar, o cortejo de São Benedito das Piabas para acompanhar, a novena de São Benedito para ir, a benção na sexta-feira da Paixão para tomar, um pedido a São Longuinho a fazer.

Abrir o baú das memórias e refazer o presente nos remete às nossas identidades. Sobre isso, Halbwachs (1990, p.25) vai nos dizer que a memória é influenciada pela nossa percepção e pelas lembranças passadas, que se ajustam entre si. De acordo com o autor, há em nós dois seres: um que é sensível e que testemunha o que vê no presente, e outro que é racional e que compara o que vê com o que já viu ou com o que ouviu dos outros. Diante disso, a nossa

⁶ De acordo com Bernadette Lyra (2017, p. 53) "(...)O muxá é uma das lembranças mais adoráveis que eu tenho. Era feito de fubá sequinho e dourado. Não muito. Só um puxado a ouro, quase vermelho, bem leve".

⁷ O mivale é um tipo de peixe da água doce que é consumido na região do Espírito Santo. Conhecido por ter uma carne branca, macia e saborosa.

memória não é uma reprodução fiel do passado, mas uma reconstrução que depende do nosso contexto presente e das nossas relações sociais. Em suma, a memória é coletiva, pois é formada e transformada pelas interações que temos com os outros (Halbwachs, 1990).

A minha memória individual, portanto, é expressão da nossa identidade quilombola, formada e transformada pelas interações que tivemos com nossos familiares, vizinhos, amigos, professores e colegas. Nossa memória individual é uma forma de explorar as vivências que deixaram marcas na construção da nossa identidade.

Desse modo, peço licença às mulheres quilombolas! Às mulheres quilombolas da minha vida, minha Vó, minha mãe e minhas tias! Vozes de resistência, de memória, de sabedoria, de coragem e orgulho. São vozes de mulheres que ecoam as dores e as alegrias de uma história de luta. Vozes da memória que se fazem ouvir nas histórias que contam, nas ervas que curam, nas rezas que protegem, nas lutas que travam, nas causas que abraçam, nas conquistas que alcançam, nas expressões culturais que preservam e transmitem.

Nos dias de hoje conseguimos encontrar representações de mulheres pretas em nossa literatura. Conceição Evaristo (2017, p.24-25) em seu poema VOZES-MULHERES fala deste reconhecimento quando escreve:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes

recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Vozes de Conceição Evaristo, mulher negra, poeta, escritora, quilombola, que no poema “Vozes-Mulheres” nos traz a trajetória de cinco gerações de mulheres negras, desde a bisavó que veio nos porões do navio negreiro, até a filha que recolhe todas as vozes em si e se faz ressonar vida-liberdade. Evaristo (2017) nos mostra como cada voz carrega em si as marcas do tempo e do espaço em que viveu, mas também como cada voz se conecta com as outras, formando rede de afetos, identidades e pertencimentos.

As vozes-Mulheres do poema de Conceição Evaristo se conectam com as minhas vivências quilombolas, pois ambas expressam a memória, a identidade e a resistência. Vozes de Eduvigem, Vozes de Maria da Glória, Vozes de Regina, Vozes de Carmem, Vozes de Titia. Essas são vozes-mulheres que nos inspiram e fortalecem.

Como homem preto, quilombola, candomblecista e professor, filho de uma mulher preta (Maria da Glória Linhares Julio – In Memoriam) e de um homem com características indígenas (Benedito Santana Julio) Sou do interior do norte do Espírito Santo – Conceição da Barra, nascido e criado em terras de pretos e pretas que exalam resistência. Terra de Pedro de Aurora, Zacimba Gaba, Benedito Meia-légua, Seu Terto, Berto, Gessi Cassiano, Maria Amélia, Dona Roxa (a grande guardiã de São Bartolomeu), Dona Carmen, minha Vó Eduvigem e tantos outros. Terra dos cortejos do Ticumbi⁸, do Alardo,⁹ das Pastorinhas, dos Reis de Boi, das ladainhas de Santa Bárbara, da Cabula, do Jongo, e tantas outras personalidades e expressões culturais.

Nesse processo, algumas mulheres tiveram papéis essenciais nas vivências quilombolas familiares (Minha mãe, Maria da Glória Linhares Julio – Minha Tia Regina Linhares (In Memoriam) e minha Vó Eduvigem Jacinta de Almeida (In Memoriam), porém minha Vó teve

⁸ É uma prática cultural que só existe no norte do Espírito Santo, em Conceição da Barra.

⁹ Folgado que revive guerras entre cristãos e mouros.

um papel diferente, ela é o exemplo do feminino guerreiro, feminino que é energia, ancestralidade, vida, voz que nos encanta até hoje, o feminino que cura.

As identidades Hall (2003) são processos transitórios, porém carregadas de memórias. Destacamos a discussão das identidades quilombolas, porque neste complexo processo de educação antirracista, em que tentamos desmistificar os estereótipos raciais negativos criados sob a marginalização da população negra, principalmente sobre a mulher quilombola, faz-se necessário compreender que identidade é esta a qual nos referimos e como estas identidades são negociadas no território.

Falar da minha Vó é trazer um pouco de Palmares, dos resistentes lutadores, da força da mulher negra, dessa vida coletiva, comunitária, que preserva desde as senzalas à organicidade da coordenação familiar das mulheres negras. Vó era uma mulher de muita sabedoria, de muita fé e de muita força. Quilombola, ela preservava as tradições e os conhecimentos de seus ancestrais, pois trazia consigo o benzimento, o cantar ancestral e as diversas formas de curar. Uma mulher que me ensinou muito sobre a vida, cultura e resistência. Nesse processo identitário, Eduvirgem Jacinta de Almeida, mulher preta, mãe solteira, mulher aguerrida e ativa, morou durante muito tempo no Angelim de Dentro, foi viúva duas vezes, durante um bom tempo foi parteira. Trazia consigo o seu fiel cachimbo, com fumo de rolo Sabiá. Me recordo que era embrulhado em uma embalagem bem avermelhada. Assim como também, carregava um galhinho de arruda na orelha, dizendo que “protegia contra mal olhado”.

Imagem 1 – Eduvirgem Jacinta de Almeida



Fonte: Arquivo do pesquisador

Vó trazia em seu cerne as práticas quilombolas. Ela sempre observava se as crianças estavam amarelas – doença que ela chamava “tiriça”, hoje nós conhecemos como Icterícia, minha Vó logo preparava um banho de picão preto. Estava sempre com um vestido estampado, na igreja São Benedito era a primeira a chegar, dizia que a “Missa se espera na porta da igreja”, mesmo sem leitura, sabia todos os cânticos: *“São Benedito que é tão simples como nós, sabe quem somos vai ouvir a nossa voz. São Benedito que é tão simples como nós, sabe quem somos vai ouvir a nossa voz”*.

Essa cantiga de São Benedito expressa a devoção e a confiança que minha Vó tinha no santo protetor dos negros e dos pobres. Ela acreditava que São Benedito era um intercessor que escutava as suas preces e as suas necessidades. Recordo-me que muitas pessoas da cidade procuravam a minha Vó para benzer. Ela serena diante do poder, benzia de cobreiro, usando sempre um talo de baga e em seguida deixava no sol para secar. Rezava também de dor de cabeça, porém não gostava muito, pois dizia que a dor passava para ela. Benzia contra destroncadura,¹⁰ assim trazia consigo um retalho de pano, agulha e linha. Relembro que as pessoas chegavam um pouco com medo, assustadas, principalmente ao saber que tinha que puxar um dedo, unir um osso, a cara que elas faziam era a melhor! Minha Vó perguntava “o que coso?”, assim, a pessoa benzida respondia “carne rendida e nervo torcido”. São esses saberes e fazeres carregados de fé, de axé que carrego comigo.

Neste círculo ancestral, também quero falar de Pedro Pembeiro, é um desafio, pois são memórias da infância que o tempo muitas vezes pode apagar. Lembro-me de Pedro sempre com um olhar faceiro, os dedos cheios de anéis e um sorriso meio tímido, era famoso com as suas garrafadas, seus banhos de ervas e também suas festas de São Cosme e Damião, são memórias de avivamento!

Recordo-me de quando tinha sete anos, durante as giras. Naquela época, não tinha a percepção que tenho hoje. Lembro que pegávamos a bicicleta e íamos para o Bairro Santana (Comunidade Quilombola Santana), perto da Igreja de Sant’Ana. Tínhamos que atravessar uma pequena ponte de madeira. Do outro lado, estava o Centro de Seu Pedro, aquele espaço, em contato direto com a natureza, no meio da mata, onde fazíamos trilhas, colhíamos frutos das árvores e tínhamos contato direto com o rio, representava uma ligação profunda com a natureza e a vivência quilombola que tive na minha infância.

. Sua casa de pau a pique, cheiro de barro batido, de folhas pelo salão, com uma grande mesa cheia de santos de todos os tipos e um quartinho onde ele fazia atendimentos. Lembro-

¹⁰ Alguma parte do corpo separado de junta ou articulação, deslocado.

me também de como amava arrancar dendê para, ao chegar em casa, cozinhar com água e sal. Essa memória palatável é muito importante e me emociona profundamente, levando-me de volta a esse espaço onde me vejo criança. É lembrar-se do manjar branco, caruru, gente feliz, crianças eufóricas, brincando, correndo pela mata, palmas, balas, doces, bolo, guaraná e muita cantiga:

“Cosme e Damião quer bandeira, quer bandeira pra brincar, quer bandeira.
Cosme e Damião quer bandeira, quer bandeira pra brincar, que bandeira”.
(Cantiga de Memória de Cosme e Damião)

Sobre isso, Hall (2003) destaca a importância das experiências culturais e comunitárias na formação da identidade. Como essas memórias e práticas culturais, como as giras, e a ligação com a natureza, contribuem para a construção da identidade coletiva e individual. A cantiga acima é mais do que uma simples melodia, é memória que me faz sentir orgulho da minha herança quilombola. A cantiga é expressão da minha cultura, da minha identidade e da minha fé. Com isso tudo, esta pesquisa surge das minhas vivências quilombolas.

É um resgate à memória quilombola, que foi formada e transformada pelas interações com os familiares, os amigos, professores e colegas, pois as práticas cotidianas, que envolvem gestos, ritos, códigos, ritmos e opções, são herdadas ou repetidas, mas também reinventados ou transformados. São formas de expressão cultural, que revelam as histórias, as tradições e as identidades das pessoas que as praticam. Assim como também, são formas de resistência, que se opõem ou se adaptam às normas e aos produtos impostos pelo sistema dominante. As minhas práticas cotidianas podem ser vistas como formas de resistência quilombola, que preservam e transmitem a memória e a tradição dos meus ancestrais, que revelam a minha cultura, a minha identidade e a minha fé.

Essas vivências em minha terra – território de Conceição da Barra, constituem-se como territorialidades quilombolas, abrindo o baú das memórias com lembranças afetivas palatáveis que aquecem o coração. Dessas memórias recordo o sabor do pirão de água que Vó fazia, e que era acompanhado de caranguejo que molhávamos no molho de pimenta, comíamos com a mão, todos os netos e netas. Recordo dela no velho fogão à lenha, quando fazia uma comida saborosa, um feijão com caldo grosso, cheiroso, bem temperado com alho e, às vezes, cozinava com carne seca também, práticas de nosso cotidiano que segundo Cardoso:

[...] A referência ao cotidiano, longe de ser uma mera manifestação de conformismo, da vida repetida, de reiteração acrítica, da opressão silenciosa; o cotidiano denota um sentido de lugar de resistência – lugar

onde se gesta um projeto autônomo das classes subalternas, livre dos discursos elitistas e institucionalizados em agências que lhes são exteriores [...](CARDOSO,2006, p.15)

Refletindo sobre memórias, as artes de fazer, cozinhar, Michel Certeau (1996, p.249) diz que comemos lembranças, são memórias de afeto, com sabores, cheiros, porém as mais seguras. Pois segundo os autores comemos aquilo que nos foi ensinado. O bolo da mãe, o muxá da Vó, o pão feito pela tia nos trazem memórias vivas, de um universo cultural bem peculiar. Desse modo, “É assim que comemos os fragmentos de culturas locais que se desfazem ou equivalente material de uma viagem passada ou futura”.

Desse modo, segundo Certeau (1996, p. 234) cada hábito alimentar é uma forma de expressão cultural, que revela histórias, tradições e identidades das pessoas que a praticam. Diante disso, a cozinha é um lugar de memória, de afeto e de comunicação, onde se misturam sabores, aromas, cores, texturas e sons, que remetem às origens, às experiências e relações das pessoas que cozinham e que comem. Com isso, as práticas culinárias de uma determinada sociedade em um determinado tempo estão ligadas por fatores sociais, culturais, econômicos, religiosos, políticos e ambientais.

Assim, a comida não é apenas um meio de nutrição, mas também um símbolo de identidade, de pertencimento e de resistência. A comida é uma forma de arte, de expressão e de comunicação, que revela valores, as crenças, atingidos pelas emoções das pessoas que a produzem e consomem (Certeau, 1996, p.234).

Concordando com Certeau (1996), Cardoso (2006) podemos entender a Educação Quilombola como práticas construídas em sociedade, nesses cotidianos históricos que se relacionam num processo específico de comunicação e identidade, nesse sentido, Cardoso ainda ressalta que:

[...] dentre todas as formas de lutas desenvolvidas pelo povo negro, a organização dos quilombos (comunidades construídas por negros e negras livres – além de povos indígenas e brancos marginalizados – estruturados em leis comunitárias), constituíam-se na mais avançada e sofisticada organização de resistência coletiva, em especial a “República Negra dos Palmares” que existiu de 1595 à 1695 e chegou a abrigar 50.000 pessoas na Serra da Barriga, hoje, Estado do Alagoas. [...] (p.27)

Desse modo, as minhas práticas cotidianas são, portanto, formas de reinventar o cotidiano, que trazem sentido e afeto para a minha vida. Esta pesquisa é, assim, a construção efetiva do meu compromisso político enquanto professor e pesquisador do Programa de

Mestrado Profissional em Educação, militante sobre o enfrentamento ao racismo religioso e atuante nas questões étnico-raciais, de resgate/valorização da pluralidade cultural, religiosa que fazem parte da identidade do povo brasileiro.

2. REFERENCIAL TEÓRICO: AS *AYABÁS* DO CONHECIMENTO

As Ayabás

Nenhum outro som no ar pra que todo mundo ouça
Eu agora vou cantar para todas as moças
Eu agora vou bater para todas as moças
Eu agora vou dançar para todas as moças
Para todas Ayabás, para todas elas
Eu agora vou cantar para todas as moças
Eu agora vou bater para todas as moças
Eu agora vou dançar para todas as moças
Para todas Ayabás, para todas elas
(Maria Bethânia)

Neste capítulo do referencial teórico, procuraremos trazer uma jornada explicativa para delinear e aprofundar os conceitos-chave que fundamentarão nossa pesquisa. Desse modo, convocaremos a perspectiva de Frantz Fanon (2020, 2022) para entender sobre colonialismo, que nos permitirá identificar as camadas de dominação e resistência entrelaçadas nas narrativas quilombolas. Stuart Hall (2003), com seus trabalhos sobre hegemonia cultural e a importância da linguagem nos estudos culturais, iluminará nosso entendimento de como as narrativas quilombolas são formadas e transmitidas. Antônio Bispo dos Santos (2023) vai nos ajudar a pensar a importância da sabedoria ancestral e das práticas tradicionais na construção de alternativas de socialização e relação com a natureza. Por fim, Patrícia Gomes Rufino Andrade (2012) nos guiará pelos conceitos de educação quilombola e os saberes intrínsecos ao quilombo, que ressoam no ambiente escolar. Juntos, esses teóricos nos fornecerão a essência teórica para uma compreensão vasta sobre Educação quilombola.

Para isso, vamos trazer simbolicamente os teóricos na figura das Ayabás, divindades femininas da religião do candomblé. Simbolicamente, os teóricos virão vestidos e adornados com as cores e símbolos das Ayabás, mães divinas do povo de axé. Estas são invocadas para trazer suas bênçãos e seu conhecimento. Assim, os teóricos são trazidos para “dar *rum*”, ou

melhor, para compartilhar suas ideias e pensamentos. “*Eu agora vou cantar para todas as moças!*”

“*Para todas Ayabás, para todas elas*” toca o adjá porque elas estão em terra! Desse modo, louvamos a força da mulher, a magia que emana do seu ventre. Cantamos para a dona dos ventos, a guerreira que inspira coragem, louvamos a senhora da vida e da morte, que é exemplo de ancestralidade. Saudamos a senhora do ouro, dona do útero sagrado, assim como também os saberes femininos ancestrais, pois são útero do mundo.

“*Eu vou bater para todas as moças!* O atabaque esquentado! Toca o *adaró* da Senhora dos ventos, *Eparrei Oyá!* Mulher intempestiva, senhora do *Akará*. O cavalo de santo Frantz Fanon (2022) com sua natureza revolucionária, é de Iansã, e vem em grande movimento circular, girando o corpo e os braços como se fosse um redemoinho de vento.

Fanon (2020) chama *lactificação*, o processo de embranquecimento, forma de negação, alienação da cultura e identidade. Em *Pele Negra Máscaras Brancas* nos chama a atenção para refletirmos os efeitos do racismo/ colonialismo a partir da linguagem e da produção real do sistema na Martinica. De acordo com o autor a linguagem é um fenômeno fundamental e que é importante analisar, porque a linguagem é imposta como um instrumento de dominação e assimilação cultural, “tendo em mente que falar é existir absolutamente para o outro”, como forma de alienação e submissão. Visto que a linguagem é uma forma de expressão da subjetividade e da consciência que permite ao sujeito se comunicar e se reconhecer no outro. “Mas é acima de tudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. Dominar a linguagem é uma potência, pois através da linguagem o indivíduo pode interpretar e nomear a realidade de acordo com sua visão e dos seus interesses.

A discussão empreendida por Fanon(2020) sobre a *lactificação* aborda a questão da alienação cultural e perda de identidade causada pelo colonialismo. Desse modo, a comunidade quilombola apesar das pressões externas como é exposta na *Carta das Mulheres Quilombolas do Território do Sapê do Norte*, “as perseguições do agronegócio em nosso território, onde nos tira o direito de ir e vir, vigilantes particulares truculentos, e drones fazendo vigia em cima de nossas propriedades o tempo todo, e, além disso, a perseguição de vigilantes seguindo mulheres e jovens (...)”. A comunidade mantém elementos culturais diferentes, como a produção de farinha, preservação de práticas sagradas de tradição nagô. Sendo assim, a resistência das comunidades quilombolas podem ser vistas na manutenção de suas tradições e na continuidade de seu idioma ancestral.

É interessante observar que os mais antigos preservam uma linguagem mais ancestral, conforme discute a Lélia Gonzalez (2020), na qual ela vai chamar de *pretoguês*, uma fusão da Língua Portuguesa com expressões afro-brasileiras. Desse modo, demonstra uma resistência, à “colonização da linguagem” mencionada por Fanon, é possível perceber que a comunidade não apenas sobreviveu à imposição cultural européia, mas também criou um espaço para afirmação de sua identidade e subjetividade.

Em apoio a essa argumentação, Andrade (2021, p. 81) nos fala “(...) identificamos experiências que nos remetem a africanidades conservadas nas diásporas africanas no Brasil, perpassadas de geração em geração como processos de vida, resistência”, desse modo, Andrade (2021) nos ajuda a refletir que além das histórias e curiosidades das mulheres que dançam jongo, ela também busca compreender as experiências que elas vivem e que revelam africanidades, ou seja, as influências da cultura africana que foram preservadas nas diásporas, os movimentos de dispersão dos povos africanos pelo mundo. Dessa maneira, essas africanidades são transmitidas de geração a geração, como formas de vida e resistência ao racismo e a opressão colonial.

Ainda, é preciso lembrar o que Andrade (2021, p. 81) nos fala que as mulheres negras que dançam o jongo constroem uma política do corpo que é a expressão da sua identidade, a sua história e sua resistência. É importante pensarmos que essa política do corpo vem das heranças ancestrais africanas, que foram recriadas nas senzalas, onde os escravizados de diferentes etnias se encontravam e se misturavam. Andrade (2021) reforça que essa política do corpo envolve a resistência em diferentes territórios: o físico, o do corpo e o religioso.

Continuando esse percurso teórico, Fanon (2022) destaca que nossos corpos absorvem a violência física, psicológica e cultural, imposta pela estrutura colonial racista. Contudo, é através da fé na ancestralidade que encontramos um caminho para conduzir nossos corpos para além dessa violência. Na Comunidade quilombola Linharinho a ancestralidade é um elemento vital para a preservação da identidade cultural e para a resistência contínua.

Em relação a essa abordagem, vê-se que a fé na Comunidade quilombola Linharinho não é apenas uma questão de crença espiritual, vai além disso, há um elo com o passado e uma forma de sobrevivência cultural. Esse elo permite que a comunidade se reafirme e se posicione contra as narrativas coloniais que tentam apagar sua história e identidade. É importante pensar, que Fanon (2022) reconhece essa fé como força transformadora que capacita os indivíduos e a comunidade a redefinir seu lugar no mundo.

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Fanon (2020) nos fala sobre o processo *desalienação genuína*, pois é o caminho que o homem atravessa para se libertar das amarras da colonialidade, e a *desalienação genuína* só acontece a partir da descolonização e da criação de uma nova cultura que não esteja baseada na superioridade branca.

A partir desse contexto, podemos entender que o jongo é uma forma de *desalienação genuína*, segundo o conceito de Fanon. Pois o jongo é uma manifestação cultural que preserva e recria as tradições e os saberes ancestrais africanos, o jongo é uma forma de resistir a colonialidade. Dessa forma, Andrade (2021, p. 82) enfatiza as “estratégias de oposição e fortalecimento de lideranças femininas que, historicamente no enfrentamento destas forças, evidenciaram aprendizagens intergeracionais, passadas dos mais velhos aos mais novos como estratégias de sobrevivência”.

Apoiando-se nos estudos de Stuart Hall (2003), convidamo-lo para *dá rum*, neste contexto simbólico Stuart Hall representa a orixá Nanã. É preciso respeito...muito respeito ! Porque a senhora da vida e da morte está em terra! *Saluba, Nanã!* A mais velha orixá, representação da ancestralidade, a grande anciã, orixá que guarda o segredo da vida e da morte, a mais sábia de todas as *yabás*, mãe que transita os dois mundos o da vida e da morte. Traz à mão seu *ibiri*, uma espécie de cetro, feito de fibras vegetais, enfeitado com flores, folhas e fitas de diferentes cores de roxo, com sua roupa roxa. São passos lentos, suave e cadenciado, deslizando os pés pelo chão, como se fosse uma senhora idosa. Símbolo de riqueza, sabedoria e ancestralidade.

Sob as vibrações da orixá Nanã, Hall trará contribuições do pensamento pós-colonial sobre a problematização das identidades, assim como também pensar a cultura diaspórica e suas múltiplas facetas. Assim como Fanon, Stuart Hall vai ter o mesmo contexto dos intelectuais diaspóricos, são intelectuais que deixaram seus países de origem para poder viver no mundo das ex-metrópoles, há uma profunda ligação entre o pensamento de Stuart Hall em sua própria situação histórica como um migrante.

Neste processo as culturas desempenham um papel central nos processos políticos de manutenção e/ou enfraquecimento das relações de poder hegemônicas na atualidade, sendo as diferentes práticas sociais objetos de disputas no campo discursivo. Sob a energia da senhora que transita nos dois reinos, Hall (2003) discute o problema da diáspora que é um fenômeno que atravessa toda a história da humanidade. Acrescenta que a diáspora é um fenômeno que desempenha um papel fundamental na formação das identidades culturais e se tornou um meio

de resistência e sobrevivência para muitos povos. Neste sentido, invocamos as culturas ancestrais para indicar que conforme Hall (2003):

(...) a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. (...) Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. Em vez de um pacto de associação civil lentamente desenvolvido, tão central ao discurso liberal da modernidade ocidental, nossa “associação civil” foi inaugurada por um ato de vontade imperial. (HALL, 2003, p. 30).

O cerne da discussão aqui empreendida é como as práticas sociais são vistas como objetos de disputa no campo discursivo, visto que é uma observação aguda de como a cultura e a linguagem são ferramentas de poder. Hall (2003) argumenta que a diáspora é um fenômeno histórico que desempenha um papel crucial na formação das identidades culturais. Assim, a identidade é uma construção histórica, composta por muitos povos com origem diversas.

É importante refletir que a Comunidade quilombola Linharinho é marcada por “rupturas aterradoras, violentas e abruptas” devido a uma série de fatores histórico e sociais (perda de suas terras ancestrais, imposição de uma nova ordem social e econômica e a tentativa de apagamento das diferentes culturas e identidades). Desse modo, Hall (2003) ressalta a importância de reconhecer as narrativas quilombolas como parte integrante da luta contra a hegemonia cultural e a necessidade de valorizar a linguagem e a cultura como meios de resistência e afirmação da identidade.

Com base no que dispõe Hall (2003) o jongo pode ser compreendido com *tradições*, “cujo teste é a fidelidade às origens”, pois as tradições culturais são reinterpretadas e reinventadas pelos sujeitos das diásporas. Hall (2003) vai nos dizer que as tradições não são formas *imutáveis* ou *fixas* porque são processos dinâmicos que se modificam a longo do tempo e espaço. Assim, o jongo é uma forma de *tradição* visto que mantém vivo o legado cultural e religioso dos povos africanos que são expressadas pelas cantigas, pelos ritmos, pelas roupas e danças.

É importante observar, de acordo com o pensamento de Hall (2003) o jongo também é uma forma de *tradução*, pois concilia e recria elementos da cultura africana de acordo com a vasta diversidade presente no Brasil, assim como também as condições históricas e sociais. As

traduções são formas de interpretar e de se relacionar com outras culturas e um meio de se reinventar e produzir novos sentidos.

Sendo assim, Hall (2003) argumentará que o hibridismo é uma forma de tradução cultural que nunca se completa, é uma forma de resistir à homogeneização e a dominação das culturas hegemônicas. Assim, Hall vai nos dizer:

Um termo que tem sido utilizado para caracterizar as culturas cada vez mais mistas e diaspóricas dessas comunidades é “hibridismo”. Contudo, seu sentido tem sido comumente mal interpretado. Hibridismo não é uma referência à composição racial mista de uma população. É realmente outro termo para a lógica cultural da *tradução*. Essa lógica se torna cada vez mais evidente nas *diásporas multiculturais* e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial. (...) Hibridismo *não* se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. (HALL, 2003, p. 74)

Nas palavras de Hall (2003) *Hibridismo não se refere a indivíduos híbridos*, pois é um processo de transformação cultural que nunca se fixa, assim como também uma posição de estratégia e política. Assim, para Hall (2003) o quilombo é um espaço de construção de identidades híbridas e também de resistência cultural. Dessa forma, resulta na tradução e da negociação entre as culturas africanas e as culturas existentes no Brasil.

Continuando esse *rum* teórico, Antônio Bispo dos Santos (2023) que vem sob as vibrações de *Oxum*, mãe ancestral divinizada, senhora da água doce, deusa da fertilidade, útero feminino. Santos (2023) vem ao som do atabaque que toca o *Ijexá*, dança suave, cadenciada, dengosa e sensual da Senhora do Ouro. Oxum cumpre o ato de um banho vaidoso nas águas do rio, enquanto se mira no espelho e seduz a todos (as) de forma faceira. Aquela que acalma as tempestades. Adornada da cabeça aos pés com joias de ouro, com o seu *abebé* dourado, um leque em formato circular que traz em seu meio um espelho e sua roupa amarelo ouro.

Com o seu *abebé*, Santos (2023, p. 35), em *Colonização, quilombos: modos e significações* - vem trazendo algumas *denominações*, em contradição ao que a academia chama de *conceito*, assim nos aponta caminhos sobre a *contra colonização*, que segundo o autor são todos “ (...) os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios”. Assim a *denominação* filosófica proposta por Santos (2023, p.35) destaca a importância da

resistência cultural e social, desse modo, podemos observar que a Comunidade quilombola Linharinho tem a resistência e a luta pela preservação de seus territórios e modos de vida como pilares, como a reafirmação da identidade cultural, da relação atenta com a natureza, a preservação da saúde através do uso de plantas medicinais, nutrição equilibrada, proveniente da agricultura local e a prática ancestral das orações.

É importante salientar que, segundo Santos (2023, p. 35-36) “essas comunidades contra colonizadores, a terra era (continua sendo) de uso comum e o que nela se produzia era utilizado em benefício de todas as pessoas, de acordo com as necessidades de cada um, só sendo permitida a acumulação em prol da coletividade”. Desse modo, a terra não é vista como mercadoria, mas como um bem comum, essencial para a sobrevivência e bem-estar da comunidade, o que se produz na terra é para o sustento coletivo. É importante pensar que a abordagem de Santos (2023) valoriza a sustentabilidade, a equidade e a solidariedade dentro da comunidade.

De acordo com Santos (2023, p. 65), a *denominação* de *biointeração* está enraizada nas comunidades quilombolas, representa uma prática civilizatória, de vivência, comunhão prazerosa. Dentro desse contexto, as atividades são de *extrair, utilizar e reeditar* são conduzidas de forma coletivamente, refletindo assim um compromisso compartilhado de bem-estar da relação comunitária, biointerativa em respeito à natureza.

Os dias começam geralmente nas madrugadas com os engenhos tocando e as pessoas que operam o engenho, a fornalha e demais implementos, comendo e cantando suas lidas e vidas, juntos formando uma grande orquestra que anima a todas e a todos com a música da vida e o movimento desenvolvido pelos que fazem parte desta orquestra formando uma das mais belas coreografias que já pudemos vivenciar. Daí em diante tudo é orquestrado como as demais expressões, inclusive a forma de realização das tarefas e de distribuição dos seus resultados. Assim como na casa de farinha, os serviços são compensados com a rapadura, o mel, a garapa, etc., e/ ou através da prestação de outros serviços. Os que não estão moendo naquele período podem pegar parte dessa produção e compensarem o trabalho da forma com que os donos dessa produção acharem, por bem, necessário. (Santos, 2023, p. 65)

Assim, a metáfora da orquestra ilustrada por Santos (2023) nos traz uma comunidade onde cada membro contribui harmoniosamente, seja pelo trabalho físico ou pela expressão cultural. Desse modo, essa *denominação* empregada pelo autor reforça a importância da

interconexão e do apoio mútuo, que são fundamentais para a sustentabilidade da comunidade quilombola.

Ainda, é preciso lembrar a relação de convivência entre os elementos da natureza, que segundo Santos (2023, p.68):

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas. (Santos, 2023, p. 68).

A *denominação* empregada por Santos (2023) ressalta a singularidade e a diversidade dentro das comunidades. A expressão “nem tudo que se ajunta se mistura” reflète a coexistência de diferentes práticas e crenças sem a necessidade de uniformidade. Assim como também, na manutenção de práticas agrícolas tradicionais como o cultivo de mandioca e a produção de farinha, ao lado de outras atividades.

Santos (2023, p 22-23), em *A terra dá, a terra quer*, provoca uma reflexão sobre a natureza da arte no contexto do quilombo, destacando que ela “é conversa das almas porque vai do individuo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada”. Assim, as cantigas que são cantadas no quilombo, cuja autoria é desconhecida, reforçam a ideia de que “a arte é a conversa das almas, a arte alimenta a vida, ela não deve ser mercadoria”.

Por outro lado, “A cultura é o contrário. Nós não temos cultura, nós temos modos – modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados”. Desse modo, a cultura é uma coleção dinâmica de “modo”, maneiras de perceber, sentir e agir no mundo, pois esses modos são fluídos e adaptáveis, refletindo a capacidade humana de mudança e evolução. A cultura é algo que vivenciamos e moldamos ativamente.

De acordo com Santos (2023, p.36), no quilombo as pessoas são *compartilhantes*, em contradição a ideia de *troca*, porque segundo o autor “(...) a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham.” Desse modo, os afetos são experiências que se vivenciam juntos e se constroem coletivamente, é um processo de construção de relações e comunidade, assim cria-se laços e conexões mais profundas. Santos (2023, p.38) acrescenta:

No quilombo, somos compartilhantes, desde que tenhamos nascidos aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento. E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas. Somos apenas moradores quando não temos uma relação de pertencimento, quando estamos aqui, mas partimos na primeira possibilidade que tivermos. (Santos, 2023, p. 38)

Assim, ser um *compartilhante* dentro de um quilombo implica uma conexão profunda com o ambiente, com as pessoas, os animais, as plantas. A identidade quilombola vai além da questão de localização geográfica, mas também de laços emocionais, culturais e espirituais com o lugar.

Por outro lado, influenciada pela essência de Iemanjá, Andrade (2012) teoriza sobre a dinâmica entre a educação quilombola e a educação escolar quilombola. Salve a senhora do mar salgado! Senhora dona de todas as cabeças, mãe de todos os orixás! Mãe que acolhe seus filhos! Vestida em tons azul claro e branco, simbolizando a espuma do mar e as ondas. Ela dança com passos ritmados e graciosos, imitando as ondas do mar. Em seus braços, carrega jóias cintilantes, e um grande colar de conchas que ecoa as profundezas do oceano.

É o cheiro da senhora das águas! Seu perfume é tão marcante quanto à brisa do mar, e em suas mãos um espelho adornado com conchas reflete a beleza das águas. *Odojá*, mãe das águas! Guardiã dos peixes e de todo mistério que há no fundo do mar, senhora das ondas que acariciam as areias! “*Eu agora vou dançar para todas as moças!*”

Andrade (2012, p. 47) destaca a importância de valorizar a os conhecimentos e práticas diárias das comunidades quilombolas. Desse o modo, a autora acrescenta que é preciso promover a “*horizontalização das relações de forma rizomática*”, assim, é preciso oferecer um espaço onde diferentes tipos de saberes têm a oportunidade existir e se relacionar em igualdade, sem a presença de uma estrutura hierárquica.

Andrade (2012, p.47) acrescenta: “remetendo-me ao quilombo, posso afirmar que o cotidiano da comunidade quilombola é espaço de realização do complexo, onde tudo se entrecruza e se entrelaça sem perda da variedade e da diversidade que o tecem”. Assim, a vida diária em uma comunidade quilombola é rica e multifacetada, tudo se entrecruza e se entrelaça. Quando ela diz “sem perda da variedade e da diversidade que o tecem”, indica que, apesar dessa complexa interconexão, a singularidade e a diversidade cultural são preservadas, como: as danças, ladainhas, histórias, práticas individuais elas não são perdidas, pelo contrário, elas são preservadas, valorizadas.

É interessante observar que de acordo com Andrade (2012, p. 101) é importante que a educação escola inclua as experiências, as narrativas vividas pelas comunidades quilombolas, assim como também os artefatos culturais que fazem parte do cotidiano dessas comunidades no currículo escolar. Desse modo, dará visibilidade as experiências e histórias pessoais desses indivíduos e esses conhecimentos, não é apenas teórico, ele se torna uma ferramenta prática na luta pela emancipação. A escola precisa ir além do conteúdo formal, e engajar em experiência vividas por essas comunidades.

A autora nos alerta que é preciso compreender a cultura negra dessas comunidades não isoladamente, mas em uma relação dinâmica com o mundo mais amplo, reconhecimento tanto as suas raízes locais, quanto sua importância e influência no mundo. A autora acrescenta:

(...) a manifestação cultural contribui, influencia para a mudança de atitudes na escola. Nesse caso, elevando, resgatando a auto-estima. Tal resgate incluía as brincadeiras de maquiagem no recreio, atividades muitas vezes despercebidas pelas professoras, mas que, no entanto, já repercutem nos fazeres escolares. Esses movimentos adentram a escola de forma quase imperceptível, mas é nessas brincadeiras que as crianças compartilham seus aprenderes. (Andrade, 2012, p. 116)

Desse modo, as práticas culturais têm um papel significativo na transformação das atitudes dentro do contexto escolar. Impactando positivamente na autoestima dos estudantes, pois é muito importante para o desenvolvimento pessoal e escolar. É importante pensar que são formas de aprendizagem que complementam o currículo formal e que muitas vezes ajudam a forma a identidade e socialização dos estudantes.

Por outro lado, Andrade (2012, p. 142- 143) destaca o processo de *territorialização subjetivo*, como os indivíduos das escolas, especialmente os das comunidades quilombolas internalizam e dão significado ao seu espaço. Porém, é preciso ter um trabalho de reconhecimento por parte da escola, para que aconteça uma mudança significativa na abordagem da escola.

Assim, segundo Andrade (2012, p. 164) é preciso buscar “(...) as teorias construídas e praticadas no dia-a-dia da escola na comunidade quilombola, bem como a necessidade de incorporar ao nosso cotidiano a interatividade e a intersubjetividade que, pelas narrativas, demonstram formas de como os currículos são trabalhados, bem como são percebidos e vividos esses saberes”. É importante pensar, a educação escolar como um processo dinâmico e interativo, onde o conhecimento é construído coletivamente. Dessa maneira, quando a autora

menciona a necessidade de incorporar ao nosso cotidiano a interatividade e a intersubjetividade refere-se à importância de ser ter um ambiente escolar onde o diálogo e troca sejam possibilidades fundamentais.

2.1 Explorando Horizontes: Revisão de Literatura

Nesta seção, buscamos conhecer o que já foi produzido no campo da pesquisa sobre as relações do jongo, as memórias das mulheres quilombolas e a educação escolar quilombola. Para isso, examinamos as produções acadêmicas (dissertações e teses) referentes a esses temas.

Para realizar esta revisão de literatura, consultamos banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), um banco de dados online, que reúne os trabalhos da pós-graduação. Permitindo assim, consultar os dados das teses e dissertações defendidas, como título, o autor, o orientador, o resumo, as palavras-chaves, área de conhecimento, o programa, a instituição e o ano da defesa. É importante destacar que é uma fonte de pesquisa confiável, atualizada e abrangente de informações e também a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) reúne e disponibiliza para download as teses e dissertações produzidas nos cursos de pós-graduação. É importante enfatizar que é possível escolher se a busca será por título, autor ou palavras chaves referente ao assunto.

Utilizamos as seguintes palavras-chave: *Mulheres do Sapê do Norte, Jongo do Espírito Santo, Territorialidade no Sapê do Norte, Memórias de Mulheres quilombolas e Educação Escolar quilombola Sapê do Norte*. A partir desses critérios selecionamos um total de 20 pesquisas, sendo 2 para cada uma das três primeiras palavras-chave, 13 para a quarta e 1 para a quinta. Com isso foram selecionados oito (8) para leitura, com maior qualidade e considerações apresentadas. Assim, os estudos selecionados seguem critérios de afinidade com o tema estudado, bem como a qualidade da metodologia, a relevância e sua contribuição para o conhecimento do assunto, apresentando colaborações e reflexões para nos ajudar a pensar a Educação Quilombola a partir da investigação das histórias, narrativas e memórias contadas e vivenciadas pelas mulheres quilombolas do jongo. De acordo com o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) os resultados apresentados são:

Ilustração 1 -Busca no banco de dados de pesquisas teses e dissertações

Palavras-chave	Mestrado	Doutorado	
Mulheres do Sapê do Norte	5	1	
Jongo do Espírito Santo	6	0	
Territorialidade no Sapê do Norte	4	1	
Memórias de Mulheres quilombolas	25	5	
Educação Escolar Quilombola Sapê do Norte	5	0	
Total	45	7	

Fonte:BDTD (2024)

Considerando o exposto na tabela 1, nota-se que há uma produção maior acadêmica sobre as memórias de mulheres quilombolas, tanto em nível de mestrado quanto de doutorado, do que sobre os demais temas relacionados às mulheres quilombolas do Sapê do Norte. Por outro lado, os temas de Jongo do Espírito Santo e Educação Escolar quilombola Sapê do Norte apresentam uma menor produção, especialmente em nível de doutorado, o que pode sugerir uma lacuna ou uma oportunidade de pesquisas nesses campos. Além disso, os dados revelam que há uma predominância de pesquisa de mestrado em relação ao doutorado, o que pode refletir o nível de formação e de acesso dos pesquisadores que se dedicam a esses temas. Do mesmo modo, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) nos traz os seguintes dados:

Ilustração 2 -Busca no banco de dados de pesquisas teses e dissertações

Palavras-chave	Mestrado	Doutorado	
Mulheres do Sapê do Norte	6	2	
Jongo do Espírito Santo	2	1	
Territorialidade no Sapê do Norte	8	1	
Memórias de Mulheres quilombolas	50	22	
Educação Escolar Quilombola Sapê do Norte	1	0	
Total	67	26	

Fonte:BDTD (2024)

Em relação a tabela 2, é possível observar que os dados mostram que, assim como no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES),

há uma produção acadêmica sobre as memórias das mulheres quilombolas, tanto em nível mestrado quanto de doutorado, do que sobre os demais temas relacionados às mulheres quilombolas do Sapê do Norte.

Desse modo, após a busca e a seleção das pesquisas, das teses e dissertações que abordam os temas de interesse para nosso estudo, precedemos à análise dos dados encontrados no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Com essa análise buscamos identificar as principais características, contribuições, lacunas dessas produções acadêmicas. Desse modo, utilizamos os seguintes critérios de análise: ano de publicação, instituição, objetivo, metodologia, resultados e conclusão. A partir desses critérios, buscamos compreender como as pesquisas se relacionam entre si, quais são as tendências, os avanços e os desafios no campo de estudo.

Na tese intitulada *“Donos do lugar”*: *A territorialidade quilombola do Sapê do Norte*, da Universidade Federal Fluminense, Ferreira (2009) busca enfatizar as formas de territorialidade construídas pelas comunidades afrodescendentes da região do Sapê do Norte, que compreende os municípios de São Mateus e Conceição da Barra, localizado no norte do Espírito Santo.

A pesquisadora buscou utilizar o tipo de pesquisa qualitativa. Metodologicamente usou as Histórias de vida, com isso traz elementos acerca das vivências atuais, assim como também das memórias alimentada pelas gerações mais antigas. A coleta das histórias de vida é acompanhada de observações e experiências de campo, espaço onde há oportunidade do registro empírico do saber-fazer. Essa abordagem é complementada por observações e experiências de campo, que fornecem um registro empírico do saber-fazer local. Ferreira (2009) coletou as entrevistas no período de 10 anos entre 1997 a 2007. A pesquisa fez uso também de informações colhidas por outros pesquisadores. Por fim, é importante destacar a importância de desmantelar as estruturas de poder que foram estabelecidas durante o colonialismo e que continua a existir na colonialidade. É preciso valorizar a territorialidade como abordagem que valoriza os laços emocionais e o sentimento de pertença.

Na dissertação sobre *Conflito territorial e soberania alimentar: Um estudo de caso na comunidade quilombola Angelim I, no Sapê do Norte-ES*, produzido por Pasini (2014), da Universidade Federal de Viçosa, a autora buscou analisar a relação entre o conflito territorial e soberania alimentar, através de um estudo de caso na comunidade quilombola Angelim I, situada na região conhecida como Sapê do Norte, no litoral norte do Espírito Santo.

A pesquisa é de natureza qualitativa, porém não impede o uso de dados quantitativo. O estudo se desenvolveu na forma de estudo de caso, que consiste em um estudo profundo da realidade. Por outro lado, buscou-se percorrer um caminho interpretativo através da articulação das escalas, indo do particular ao geral. A abordagem dialética buscou abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior do sujeito e também interior. Os processos e fenômenos sociais foram entendidos a partir da dinâmica de determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Foi feita uma revisão bibliográfica, assim como também a utilização de relatórios, publicações, reportagens, vídeos entre outros.

Por fim, as famílias enfrentam desafios para poder obter acesso aos alimentos. Assim como também, são poucas oportunidades para gerar renda, muitas famílias depende de assistência do governo, como aposentadoria e Bolsa Família. Além do mais, um boa parte da renda vem de empresas, frequentemente ligadas a fiscalização, que em muitos casos pode gerar conflitos dentro da comunidade.

A discussão empreendida na dissertação por Siqueira (2017), da Universidade Federal do Espírito Santo, na pesquisa “*Se o mestre não tiver firmação ele vai a nado*”: o Jongo de São Bartolomeu no norte Capixaba, na qual o autor faz uma análise de como as pessoas do norte do Espírito Santo expressam a sua identidade por meio da devoção de São Bartolomeu. Desse modo, Siqueira (2017), realizou uma pesquisa de campo no Bairro Santana, localizado no município de Conceição da Barra.

Metodologicamente é adotada a etnografia e considera a pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Desse modo, foi feito um estudo descritivo e interpretativo dos fatos empíricos, assim como também foi realizado procedimentos de pesquisa que respeitem a utilização da história oral. Ações de escuta, de observação e de escrita.

Por fim, o trabalho de campo realizado em Santana permitiu compreender o processo de constituição da identificação das pessoas que se auto declaram negras. Assim, as narrativas das memórias são fundamentais para a divulgação e valorização da cultura negra, pois elas carregam consigo as experiências, histórias e saberes desse povo.

Em estudo realizado por Marques (2019), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado *O cuidar feminino: Saberes e fazeres tradicionais de benzedeiros quilombolas de Mostardas-RS*, busca compreender a manifestação do cuidado e os significados atribuídos nos saberes e fazeres de um grupo de mulheres de duas comunidades rurais quilombolas, localizadas no interior do município de Mostardas, Rio Grande do Sul.

A pesquisadora faz uso de um trabalho de cunho sócio-antropológico, a partir de uma realidade invisível através de múltiplas percepções. Foi realizadas diferentes leituras a respeito, assim como também em contato com diversos conhecimentos e um repertório de práticas bem amplo.

Conclui-se como o saber das mulheres quilombolas se configura no seu fazer, além disso, as práticas realizadas são manifestações de saberes que elas possuem e que por meio desta, o cuidado se concretiza.

A discussão empreendida por Araujo (2020), da Universidade Federal do Espírito Santo, na dissertação intitulada *Entrelaçando saberes e narrativas: Formação de Professoras/es e lideranças quilombolas em Conceição da Barra* que buscou estudar as possibilidades emancipatórias para a formação de professoras/es e lideranças quilombolas.

É uma pesquisa-ação na qual tem como objetivo construir, colaborar, refletir, existencial, integral e comunitária. Valorização das memórias coletivas, assim como também faz-se uso de uma metodologia dialógica, que possibilita os exercícios da participação, da formação. Desse modo, a pesquisa valoriza as narrativas de todas/os participantes e destaca a escuta enquanto ferramenta. Portanto, os participantes mostraram as possibilidades e estratégias pedagógicas, sendo a literatura o ponto de partida. As narrativas coletadas demonstram como as resistências dos participantes se forjam nos movimentos sociais, na educação do quilombo.

A pesquisa realizada por Souza (2020), da Universidade Federal do Espírito Santo, na dissertação intitulada *“Na fita de Bárbara tem dendê; desata esse nó que eu quero vê”*: *Identidade e Memória social entre mulheres quilombolas do Sapê do Norte* consistiu em analisar, através dos recursos epistemológicos e teóricos da Psicologia Social, os processos identitários entre mulheres quilombolas de uma comunidade do Sapê do Norte- ES.

Desse modo, como aparato teórico e metodológico as ferramentas da análise psicossocial da memória social e sua interface com a identidade social. A Coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado. Assim como também, foi realizado dois estudos complementares, sendo que o primeiro consistiu em uma pesquisa-participante que teve como objetivo conhecer, analisar e descrever o funcionamento, organização, as práticas cotidianas, as relações familiares entre outros. O segundo, analisar e descrever as vivências e os processos identitários. Concluiu-se que a vida cotidiana dessas mulheres quilombolas remete a um modo de vida orientado pela ancestralidade e territorialidade.

A análise desenvolvida por Souza (2022), da Universidade Federal do Pará, na dissertação intitulada *O Sagrado (re)velado em narrativas orais de mulheres quilombolas de Santíssima Trindade – Pará*, corrobora com os resultados que buscou compreender o sagrado (re)velado em narrativas orais de mulheres quilombolas da Comunidade Santíssima Trindade-Pará.

Metodologicamente foi feita uma abordagem qualitativa com características descritivas, considerando as narrativas orais de três mulheres quilombolas da comunidade. Para a organização dos dados foi feita observação, entrevista, conversas informais, registro audiovisual e caderno de anotações.

Conclui-se que o sagrado ele é (re)velado através de manifestações de rituais religiosos com devoção aos santos, principalmente São Pedro. Há também um entrelaçamento entre vida e memória à própria história da comunidade, tornando-se fonte de conhecimento para conhecer a história local.

Nessa mesma direção, Mendes (2023), da Universidade Federal de Goiás, na dissertação *Memórias Necessárias: Narrativas e Histórias de mulheres negras quilombolas do município de Monte Alegre de Goiás* busca identificar e compreender as estratégias de resistências e protagonismo de mulheres negras quilombolas que estão em posição de lideranças na comunidade Kalunga, situado no município de Monte Alegre de Goiás. A pesquisa qualitativa se ancorou-se na história de vida de quatro mulheres, sendo o tipo de pesquisa história oral, apresentando-se como metodologia fundamental.

Portanto, essas mulheres por atuarem como lideranças elas ultrapassam algumas barreiras da invisibilidade, quebrando as fronteiras de espaços historicamente masculinos, além mais elas incentivam o protagonismo feminino, encorajam outras mulheres.

A análise de dados provenientes das pesquisas acadêmicas, teses e dissertações disponíveis no banco de dados da CAPES e na BDTD revela um panorama multifacetado do campo de estudo. Visto que através dos critérios estabelecidos como: ano de publicação, instituição, objetivo, metodologia, resultados e conclusão, pôde identificar uma evolução nas abordagens metodológicas e nos temas explorados. Nota-se uma tendência de valorização das narrativas pessoais e da experiência empírica, como demonstrado na tese de Ferreira (2009), que enfatiza a territorialidade quilombola através de histórias de vida. Além do mais, a abordagem qualitativa ressalta a importância do saber-fazer local e das memórias coletivas, contribuindo para a desconstrução de estruturas de poder residuais do colonialismo e para a valorização da identidade e pertença cultural.

Por outro lado, a dissertação de Pasini (2014) ilustra a aplicação de uma metodologia qualitativa complementada por dados quantitativos para examinar a intersecção entre conflito territorial e soberania alimentar. O estudo de caso na comunidade quilombola Angelim I destaca a dialética entre o particular e o geral, enfatizando a complexidade das relações sociais e a dinâmica de transformações vivenciadas pelos sujeitos. Ambas as pesquisas apontam para desafios contemporâneos, como a segurança alimentar e a geração de renda, refletindo as dificuldades enfrentadas pelas comunidades em manter sua autonomia e sustentabilidade em meio a estruturas socioeconômicas desiguais.

3.TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DA BARRA

Segundo Oliveira (2021, p.145) os primeiros dados sobre as comunidades quilombolas no Espírito Santo remontam aos anos de 1814 a 1817, quando o viajante prussiano Maximiliano Wied-Neuwied escreveu sobre os ex-escravizados na Fazenda do Campo e Fazenda Engenho Velho, localizadas próximas à então Vila de Guarapari.

Como explica Oliveira (2021, p.146) que Maximiliano Wied-Neuwied em sua expedição em direção ao atual limite entre o Espírito Santo e a Bahia deparou-se com a Fazenda Itaúnas. De acordo com Oliveira (2021) nesse local os negros escravizados desempenhavam funções de cuidar da criação de gado. E que a noite, ouvia-se sons dos tambores que preservavam os costumes e crenças africanas. Oliveira (2021) acrescenta:

É provável que o registro escrito feito pelo referido viajante seja um dos primeiros sobre o uso do tambor, que veio a se tornar o instrumento musical e símbolo central nos cultos religiosos da *cabula*, das *mesas de santo* e dos *jongos e caxambus* nas comunidades quilombolas do Espírito Santo (Oliveira, 2021, p.146)

Feitas essas observações, Oliveira (2021) destaca que 1882 e 1884, pelos relatórios dos presidentes da província, eles mencionam uma liderança quilombola chamada de Benedito nas regiões dos atuais municípios de São Mateus e Conceição da Barra. De acordo com os relatórios Benedito era descrito como “criminoso”, “praticante de latrocínios” e “réu”. É interessante observar que segundo o autor em 1881, a força policial e os capitães do mato atacaram o quilombo de Sant’Ana “(...)localizado nas matas da Fazenda Campo Redondo, liderado por Rogério, lá estava Benedito e seus seguidores para defender o quilombo, que contava com um número de integrantes estimados de 20 a 30 pelo relatório acima referido”. (Oliveira, 2021, p. 147-148).

É sumamente significativo frisar, que no quilombo de Sant’Ana em Conceição da Barra aconteceu um grande embate armado, onde Negro Rogério foi assassinado pela polícia, assim como também o capitão do mato de nome Francisco Melo. Desse modo, “O saldo final do ataque foi a prisão de 6 quilombolas, sendo 1 assassinado, enquanto os demais, segundo o próprio mencionado relatório, teriam escapado com Benedito pelas matas da Fazenda Campo Redondo” (Oliveira, 2021, p. 148).

Três anos depois, nos dias que antecediam os festejos de Nossa Senhora de Sant'Anna, em 27 de julho de 1884, as autoridades policiais e senhoriais receavam que os quilombos formados com cerca de 30 integrantes nas matas da região, constituídos por ex-escravizados que haviam escapado das fazendas ali existentes e com aqueles advindos da província da Bahia, liderados, principalmente, pelo denominado “réu Benedicto” (ex-escravo de Rita Cunha), pudessem promover uma insurreição. No mesmo documento está escrito que os ex-escravizados estavam armados, haviam levantado ranchos (quilombos) nas matas da Fazenda Campo Redondo e projetavam fazer uma insurreição no decorrer das referidas “festividades”. O relatório de polícia de 1884 descreve que havia dois grupos organizadores da Festa de Nossa Senhora de Sant'Anna: um grupo se nomeava como Primoso e o outro Sornamby. Esses grupos, segundo o relatório de polícia, mantinham sigilo absoluto sobre quem eles convidavam para a festa, levantando a suspeita e os temores das autoridades senhoriais de que o quilombo liderado por Benedito apareceria na festa para proclamar o grito de liberdade (Oliveira, 2021, p. 148-149).

Pelo viés do pensamento de Oliveira (2021) é importante notar que o trecho explora as tensões de liberdade e controle social, assim como também a resistência dos ex-escravizados em busca de autonomia e direitos. É importante observar a descrição de grupos organizadores e sua relação com o quilombo e é possível perceber estratégias de resistências e mobilização da época.

Russo (2011, p. 51) descreve Negro Rugério como uma figura lendária no Sapê do Norte. Juntamente com Silvestre Nagô e cerca de trinta outros negros de origem angolana, eles se aquilombaram nas terras de Dona Rita Cunha, esposa do comendador Antônio Rodrigues da Cunha e mãe do Barão de Aimorés. De acordo com o autor, reconhecendo a inteligência de Negro Rugério, Dona Rita Cunha firmou um acordo com ele, que era grande mestre de farinha e um importante produtor. Assim, Dona Rita Cunha comprometeu-se a não chamar a Força ou os capitães do mato para capturar dos negros fugidos, além de oferecer proteção a eles. Em contrapartida, ele deveria vender a farinha para ela pela metade do preço, para que ela pudesse

revendê-la aos atacadistas. Negro Rugério comprometeu-se a produzir quantidade de farinha que ela necessitasse.

Desse modo, Negro Rugério tornou-se um grande farinheiro da região, conhecido como “Rei da Farinha”. O quilombo de Santana começou a incomodar os proprietários rurais, mesmo sob a proteção de Dona Rita Cunha, que alegavam que ali viviam pessoas condenadas por diferentes tipos de crimes, saqueados e escravizados fugidos. Entretanto, com a morte de Dona Rita Cunha por volta de 1870, as coisas mudaram. Negro Rugério, ameaçados pelos proprietários rurais, viu-se obrigado a mudar a sua postura em relação aos negros rebelados. A morte de Dona Rita Cunha representou o início de uma decadência no quilombo de Santana. (Russo, 2011, p.53).

Por outro lado, Lima (2001, p.9) nos ajuda a entender que as primeiras explorações no território de Conceição da Barra ocorreram de forma organizada pelos portugueses por volta de 1554, com intuito de afastar os indígenas da sede da Capitania do Espírito Santo. Desse modo, “ao Norte da foz do rio então denominado Cricaré, surgiu a povoação cujo desenvolvimento inicial se deve ao tráfego intenso de navios que demandavam da província da Bahia”.

Os estudos de Lima (2001, p. 9) indicam que o tráfico interno de escravizados foi um fator determinante para a configuração econômica, social e cultural da região norte Capixaba, que se destacou pela produção cafeeira e pela presença de uma população negra numerosa e resistente. Segundo Lima (2001, p. 10):

A paróquia da Barra de São Mateus foi instituída em 11 de agosto de 1831 sob invocação de Nossa Senhora da Conceição. Em 2 de abril de 1833, a povoação foi elevada à categoria de vila, desmembrando-se do município de São Mateus. Nesse mesmo ano foi empossada a Câmara Municipal, presidida pelo capitão Manoel Lopes de Azevedo. O primeiro presidente da Vila foi padre Manoel dos Santos Pereira, conhecido como “Padre Velho”, então vigário da mesma. A Vila de Barra de São Mateus recebeu foros de cidade em 19 de setembro de 1891. Foi instalada a 6 de outubro do mesmo ano, com a denominação de Conceição da Barra, em homenagem à padroeira da Paróquia. Data de 10 junho de 1892, a criação da comarca, a qual foi suprimida em 1900, restabelecendo-se em 1951. O primeiro juiz togado foi o ilustre Dr. Antônio Ferreira Coelho, substituído pelo Dr. Carlos Francisco Gonçalves. Sendo promotores os cidadãos Lourenço Bernardo Vieira e Manoel Leite Pereira da Silva. (Lima, 2001, p.10)

É interessante notar também que Lima (2001) nos apresenta um breve resumo da origem e da evolução histórica do município de Conceição da Barra. Dentro dessa ótica Lima (2001),

destaca a fundação da paróquia, à elevação a categoria de Vila, a emancipação política e a criação da comarca.

Considerando o exposto, Maciel (2016, p. 72) expõe que desde o século XVI já havia negros no Espírito Santo. De acordo com o autor, Vitória, em 1551, tinha 7.225 habitantes, sendo que 4.898 eram escravizados. A partir desse contexto, Maciel (2016, p. 75) salienta que o Estado tinha três grandes áreas que foram marcadas pela presença e resistência dos negros, que são: o litoral norte, tendo São Mateus como principal polo; o sul, cujo polo era Cachoeira de Itapemirim e a região central era a de influência imediata de Vitória.

Os estudos de Maciel (2016) apontam que essas regiões foram as mais importantes para o desenvolvimento econômico e social da capitania e de depois da província, baseada na produção de cana-de-açúcar, café e produtos agrícolas, que dependiam do trabalho dos escravizados. É importante notar que, as regiões de concentração da população negra são também as regiões de maior expressão cultural negra do estado, que se manifesta de diferentes formas: música, dança, religião, arte e resistência (Maciel, 2016, p. 79-80).

De qualquer modo, é necessário considerar que os negros não aceitavam passivamente a sua condição de escravizados, mas que buscavam formas de resistência e luta, desde ações individuais e espontâneas, como as fugas, suicídios, os envenenamentos, os assassinatos, até as ações coletivas e as organizadas, como revoltas, as insurreições e os quilombos, são formas de desestruturação e de abolição (Maciel, 2016, p. 94).

Nessa concepção, observa-se que Maciel (2016, p. 95) reforça que as fugas eram um recurso utilizado para tentar a vida com liberdade, dignidade e humanidade. Com esse objetivo, buscava-se um lugar na mata e criavam uma organização social, política, econômica e cultural própria. Oliveira (2016, p. 195) salienta que o quilombo não se limita à ideia de refúgio de escravizados fugidos, mas que abrange uma organização social baseada na cultura africana *bantu*, que valoriza a autonomia, diversidade e a solidariedade entre os membros. Oliveira (2016, p. 195) acrescenta:

Os dados documentais sobre a existência de quilombos no Espírito Santo remontam principalmente ao início do século XIX. Esses quilombos se tornaram uma realidade cotidiana e em número crescente na Província do Espírito Santo, o que levou a administração pública a organizar Companhias de Guerrilha para abatê-los. Isso porque um número cada vez maior de escravizados, segundo o relatório do presidente da Província de 1848- 1849, deixava as casas de seus senhores para viver nos quilombos.

(Oliveira, 2016, p.195)

As colocações acima permitem pensar a ideia de que os quilombos são espaços de liberdade e de resistência. Os quilombolas de Conceição da Barra são herdeiros de uma longa história de lutas e de resistências. De acordo com Ferreira (2009, p. 1) essas comunidades têm uma organização territorial baseada em sítios familiares, que são pequenas propriedades rurais onde vivem com parentes e compadres. Segundo a autora, essas comunidades têm cultura própria, que se manifesta em redes de trocas, religiosidade, festa, solidariedade e outras práticas que revelam uma história em comum.

Como explica Abdias Nascimento (2019, p. 289—290) o “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político”. Compreende-se então, que o quilombo vai além de um espaço de escravizado foragido, mas uma forma de organização social baseada na fraternidade, liberdade e solidariedade, que busca valorizar a diversidade e a resistência dos povos africanos e seus descendentes.

É interessante observar, que Nascimento (2019, p.290) salienta que o quilombismo é uma forma de organização social e econômica inspirada na experiência histórica dos quilombos. O autor é enfático quando diz que o quilombismo é compatível com o meio brasileiro, que é marcado pela diversidade cultural e étnica, pois se baseia nos princípios do *comunitarismo* ou *ujamaísmo*, que são conceitos africanos que valorizam a solidariedade, a cooperação, a responsabilidade e o bem comum entre os membros da comunidade. Abdias (2019, p.290) acrescenta:

Compasso e ritmo do quilombismo se conjugam aos mecanismos operativos, articulando os diversos níveis de uma vida coletiva cuja dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano. Contra a propriedade privada da terra, dos meios de produção e de outros elementos da natureza, percebe e defende que todos os fatores e elementos básicos são de propriedade e uso coletivo. Em uma sociedade criativa, no seio da qual o trabalho não se define como uma forma de castigo, opressão ou exploração, ele é antes visto como forma de libertação humana que o cidadão desfruta como um direito e uma obrigação social. (Nascimento, 2019.p 290).

De qualquer modo, é necessário considerar que Nascimento (2019) contrapõe o quilombismo ao sistema capitalista, visto que o capitalismo apoia-se na propriedade privada, na exploração, enquanto o quilombismo valoriza a propriedade e o uso coletivo dos recursos

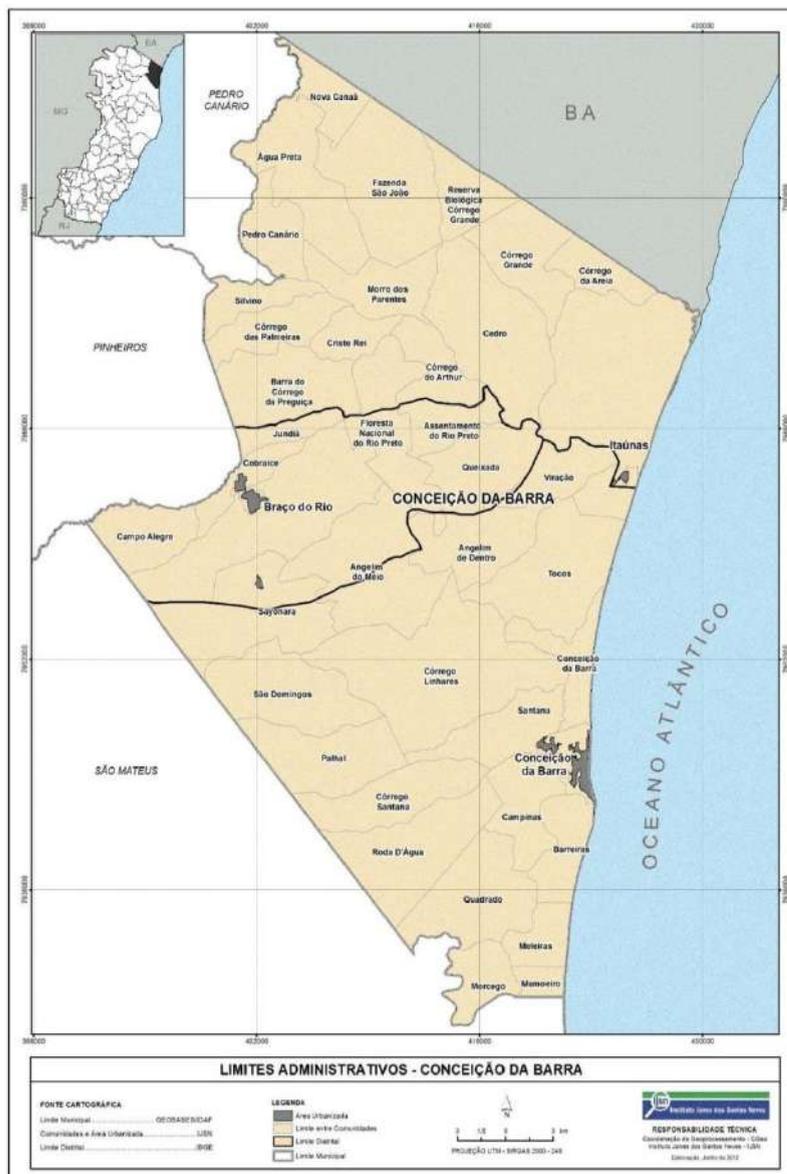
naturais, o trabalho como forma de expressão, e realização humana, e a participação cidadã como um direito e dever.

Aqui, seguiremos os passos de Nascimento (2019) quando propõe o quilombismo como projeto não violento da população negra, pois “Os quilombolas dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX nos legaram um patrimônio de prática quilombista”. Cabe a nós negros e negras *manter e seguir a cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio e de afirmação da sua verdade*.

Também, em se tratando desse assunto, Souza (2012) assevera que o *quilombismo não era um fenômeno apenas marginal e de rompimento total com o status quo*. Mas também, de se inserir e influenciar a vida urbana, através de diferentes formas de trabalho, organização e expressão cultural (jongo, ticumbi, samba, capoeira, candomblé, umbada), o quilombismo se manifestou de diferentes formas na sociedade colonial. O quilombismo, conceito criado por Abdias do Nascimento, foi uma forma de resistência negra que se manifestou de diferentes formas. Um exemplo disso, são as comunidades quilombolas que estão localizadas no Sapê do Norte, no norte do Espírito Santo.

Conceição da Barra é um pequeno paraíso ao norte capixaba, onde há o encontro do rio com o mar. É a terra dos pescadores, dos caranguejos que se escondem nas lamas, dos balesos que enfeitam a beira mar. É um lugar de acolhimento e diversidade, onde vivem 27.458 pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022). Seu território, de 1.182.587 km², faz fronteira com Pedro Canário, São Mateus e Pinheiros (ES) e Mucuri (BA). Seus rios, São Mateus e Itaúnas formam bacia hidrográfica de grande importância e beleza.

Ilustração 3 - Mapa de Limites Administrativos do município de Conceição da Barra



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN, 2018).

Conceição da Barra é uma cidade que desperta memória afetiva de seus habitantes e visitantes, que se encantam com suas paisagens, tradições e diversidade. Lima (1995, p.25) acrescenta que a data oficial da emancipação política de Conceição da Barra, que é 06 de outubro de 1891, não tem tanta relevância para a identidade e a cultura dos barrenses, que preferem celebrar o aniversário da cidade no dia 08 de dezembro, dia da Padroeira Nossa Senhora da Conceição. De acordo com Lima, a memória coletiva dos moradores locais está mais ligada à religiosidade e à tradição do que os registros oficiais.

3.1 Sapê do Norte

Em suas origens, o “sapê” remete à vegetação encontrada no “nativo”, que acompanha as “muçunungas” dos tabuleiros terciários, protegendo os afloramentos de água subterrânea. É pioneiro após a derrubada, queima e abertura de clareiras dentro da floresta tropical para a plantação das roças de mandioca. Se a roça não vem, é o sapê que desponta na terra, da mesma forma que o faz após a colheita. O sapê era o lugar ideal da “solta do animal vacum” – o gado - e junto da floresta, constituía o “sertão”, lugar do uso comum e farto da terra e demais atributos da natureza: criação de animal, caça, pesca, extração do barro e madeira, coleta de frutos, cipós e palhas. (FERREIRA, 2010, p.1)

Imagem 2 - Capim Sapê



Fonte: Wikipédia (2021)

O Sapê do Norte é uma região de abundância natural e cultural. O sapê, uma vegetação típica, é essencial para a proteção das fontes de água e renovação do solo após a agricultura. Assim como também, representa também o sertão, um espaço de uso comum onde a vida se desenvolve em harmonia com a natureza, oferecendo alimento, água e espaço para a comunidade.

De acordo com Ferreira (2009, p. 3-4) o termo Sapê do Norte tem uma origem e um significado relacionados à vegetação, à geografia, à agricultura e à cultura da região onde vivem os quilombolas do Norte do Espírito Santo. Outro detalhe importante é que sapê é uma planta que cresce nas áreas úmidas e nas áreas desmatadas para o cultivo da mandioca, que é à base da alimentação dos quilombolas. A autora nos mostra que o sapê e a floresta formavam o “sertão”, que era o lugar onde os quilombolas podiam usufruir dos recursos naturais, como a criação de animais, a caça, a pesca, a extração de barro, de madeira, de frutos, de cipós e de

palhas. Em suma, o “Sapê do Norte” é uma expressão que revela a identidade e a história dos quilombolas, que se construíram a partir da relação com a terra e com a natureza.

As colocações de Ferreira (2009, p.4) nos conduzem a uma percepção de que o termo Sapê do Norte é uma forma de expressar a identidade, que remete às origens e às projeções dos quilombolas, ou seja, ao seu passado, presente e futuro. E a memória desempenha um papel fundamental nesse processo, pois é através dela que os quilombolas resgatam, preservam e transmitem a sua história de negritude, de resistência e de cultura.

Na análise de Ferreira (2010) as comunidades do Sapê do Norte passam por um processo de organização autônoma para um conflito territorial diante da valorização capitalista de suas terras, culminando na luta pela identidade quilombola e direitos territoriais, conforme exposto no trecho abaixo:

As comunidades negras e camponesas do Sapê do Norte originaram-se nos tempos da escravidão colonial, tecendo formas próprias de organização e apropriação da natureza até meados do século XX. Neste momento, o olhar do capital voltou a valorizar essas terras e sua floresta como objeto de acumulação de riquezas, por meio da extração da madeira, da produção do carvão vegetal e da celulose. Ambas as formas de territorialidade passariam, então, a se conflitar, numa relação que se tornou ainda mais explícita com o facho – atividade de coleta dos resíduos de eucalipto, realizada pelas comunidades negras rurais e tornada a principal alternativa de subsistência - e com o processo de construção da identidade quilombola e o reconhecimento de seus direitos territoriais pelo Estado Brasileiro.
(FERREIRA, 2010, p. 1)

Contudo, contraditoriamente, pode-se dizer que a luta histórica das comunidades negras e camponesas do Sapê do Norte reflete a resistência e adaptação frente às pressões externas de exploração econômica, marcando um processo contínuo de reafirmação identitária e territorial. Assim, segundo Ferreira (2009) a memória coletiva dessas comunidades não apenas sobreviveu, mas também redefiniu o espaço, transformando-o em um território de orgulho e pertencimento, onde a história e a identidade negra continuam a ser projetadas para o futuro. *“Sapê do Norte”, revelando que assim como o sapê, que rebrota sempre - “queima aqui e brota lá” - os laços de identidade e pertença são recriados cotidianamente*” (Ferreira, 2009, p. 3)

Com base no que dispõe Ferreira (2009, p.7) o Sapê do Norte é um epicentro de conflitos históricos e atuais, refletindo disputas sobre terra, o meio ambiente, e questões étnico-

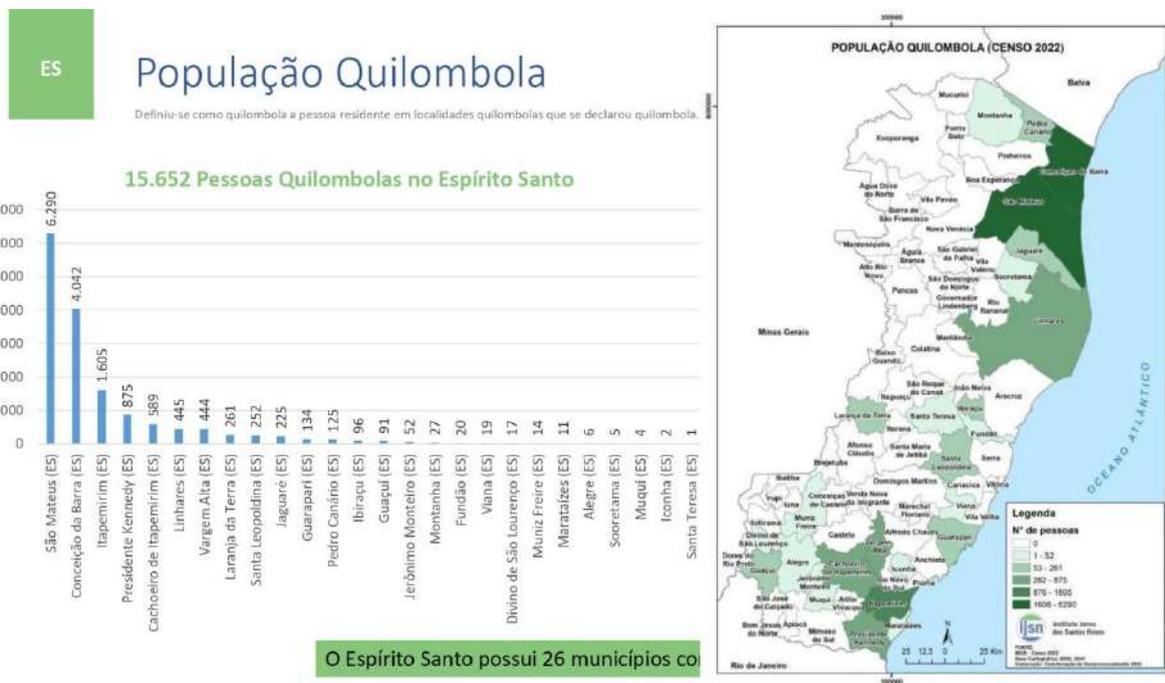
raciais e cognitivos . É importante entender, que a região tem sido palco de diferentes visões e práticas em relação à utilização dos recursos naturais e a convivência com a natureza.

De acordo com o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) - Censo Demográfico 2022 da População quilombola no Brasil e no Espírito Santo nos mostra que 1,2% dos quilombolas do Brasil estão no Espírito Santo, um total de 15. 652 pessoas no Espírito Santo. O Espírito Santo ocupa o 15º lugar em população quilombola, sendo que 82, 2% estão fora de territórios quilombolas. De acordo com a tabela 1 abaixo o Espírito Santo possui 26 municípios com comunidades quilombolas. Porém, segundo o Caderno Desenvolvimento Regional Sustentável – 10: Povos Indígenas e Quilombolas no Espírito Santo (2023) destaca que o Espírito Santo possui uma estimativa de 87 localidades quilombolas, distribuídas em 28 municípios. Como apontado no Caderno os municípios com maior estimativa de Localidades Quilombolas são Conceição da Barra com 24 comunidades e São Mateus com 21 comunidades. Além disso:

O estado possui 7 territórios quilombolas oficialmente delimitados, distribuídos em 5 municípios. São Mateus concentra 3 deles, a saber: Serraria e São Cristóvão; São Domingos; e São Jorge. Os outros municípios, todos com apenas 1 território quilombola, são: Cachoeiro de Itapemirim; Conceição da Barra; Ibirajú; e Santa Leopoldina. O Espírito Santo possui ainda 30 agrupamentos quilombolas e 50 localidades quilombolas identificadas por registros administrativos. (Caderno Desenvolvimento Regional Sustentável – 10: Povos Indígenas e Quilombolas no Espírito Santo, 2023, p. 39).

As informações que compõem o trecho nos revelam uma realidade multifacetada. O primeiro ponto é que a existência territórios quilombolas oficialmente delimitados e o reconhecimento de agrupamentos e localidades quilombolas são passos positivos para a preservação da identidade cultural e histórica dessas comunidades. O segundo ponto, a concentração de territórios em poucos municípios e a distribuição desigual desses espaços pode indicar uma necessidade de políticas públicas mais abrangentes que garantam o acesso equitativo de recursos e direitos. É importante acrescentar que, a identificação de 50 localidades quilombolas por registros administrativos sugere que muitas comunidades ainda aguardam reconhecimento oficial, o que pode afetar seu acesso a serviços básicos e a proteção legal de suas terras.

Ilustração 4 - Dados da quantidade de municípios que possuem comunidades quilombolas no Espírito Santo

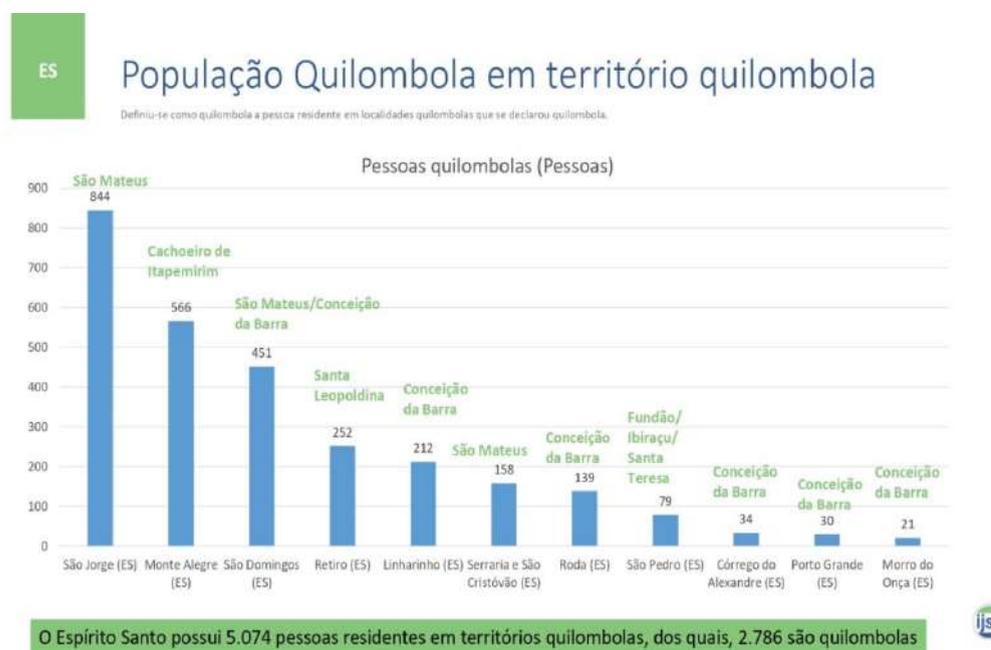


Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves, 2022.

A partir da tabela disposta acima, infere que notavelmente a grande maioria dessa população que não reside em territórios quilombolas, o que pode indicar uma dispersão geográfica significativa e potencialmente uma integração mais ampla em áreas urbanas ou rurais não quilombolas. É possível visualizar que a presença de comunidades quilombolas em 26 municípios do Espírito Santo sugere uma distribuição relativamente ampla dessas comunidades dentro do estado. Esses dados podem servir como base para políticas públicas direcionadas e para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais das populações.

O Espírito Santo possui 5.074 pessoas residentes em territórios quilombolas, dos quais, 2.786 são quilombolas.

Ilustração 5 - População Quilombola em território quilombola



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves, 2022.

Considerando o exposto na tabela, Conceição da Barra fica em primeiro lugar entre a quantidade de comunidades quilombolas do Espírito Santo, isso indica uma presença forte e estabelecida da cultura- quilombola na região, refletindo a importância histórica e cultural dessas comunidades, com uma herança cultural rica e comunidades ativas que mantêm suas tradições e identidades.

Ilhadas em meio a 100 mil hectares de eucaliptos, que compõem o Deserto Verde estão às comunidades quilombolas de Conceição da Barra. As mulheres têm um papel de protagonistas, pois mantêm dentro das comunidades uma agricultura diversificada, sustentável e solidária que valoriza a cultura e a identidade. Assim como também a conservação, reelaboração e experimentação de práticas tradicionais (Calazans, 2010, p. 9). Na contemporaneidade, as comunidades quilombolas em Conceição da Barra são organizadas da seguinte forma, conforme mostra a tabulação dos dados da Secretaria Municipal de Assistência Social:

Ilustração 6 - DADOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM CONCEIÇÃO DA BARRA – ES

Nº	COMUNIDADE QUILOMBOLAS IDENTIFICADAS	NÚMERO DE FAMÍLIAS	QUANTIDADE DE CRIANÇAS	RENDA FAMILIAR	ESCOLARIDADE DO RF	LOCALIZAÇÃO
1	Linhariño DADOS DO SERVIÇO PAIF NO CRAS QUILOMBOLA (FAMÍLIAS REFERENCIADAS).	43	29	Não soube informar	Não soube informar	Rodovia ES 010. Próximo ao Bar do Beijo.
2	Porto Grande DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE.	13	2	Não soube informar	Não soube informar	Estrada de chão Conceição da Barra a São Mateus.
3	Roda D'Água DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE.	46	Não soube informar	Não soube informar	Não soube informar	Estrada de chão Conceição da Barra a São Mateus.
4	Morro da Onça DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE.	26	70	Não soube informar	Não soube informar	Estrada de chão Conceição da Barra a São Mateus.
5	Santana – Córrego de Santana DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE.	14	6	Não soube informar	Não soube informar	BR 101 Avenida Serra.
6	Quilombo urbano de Santana (Quilombo novo, Areal, Novo Horizonte, Nova Esperança, Antônio Lopes) DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE.	2800	Não soube informar	Não soube informar	Não soube informar	Rodovia EnarniBenso, Santana.
7	Córrego do Alexandre DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE	23	17	Não soube informar	Não soube informar	Estrada de chão Conceição da Barra a São Mateus
8	Coxi DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA	12	6	Não soube informar	Não soube informar	Rodovia ES 421, Conceição da Barra – ES.

	COMUNIDADE.								
9	São Domingos DADOS DO SERVIÇO PAIF NO CRAS BRAÇO DO RIO DE SETEMBRO DE 2020 A JULHO DE 2023 (FAMÍLIAS REFERENCIADAS).	24	11	(06) Renda 0 (12) Renda menos de 1 salário (05) 1 salário (02) Acima de 1 salário	(00) Nunca estudou (12) Ens. Fundamental (07) Ensino médio (01) curso superior	BR 101 norte, sentido Vitória a Salvador, antes do serviço de atendimento ao usuário/SAU da ECO 101, Conceição da Barra – ES.			
10	Angelim 2 (angelim do meio) DADOS DO SERVIÇO PAIF NO CRAS BRAÇO DO RIO DE FEVEREIRO DE 2021 A JULHO DE 2023. (FAMÍLIAS REFERENCIADAS)	7	3	04) Renda 0 () Renda menos de 1 salário (03) 1 salário () Acima de 1 salário	(01) Nunca estudou (05) Ens. Fundamental (01) Ensino médio (0) curso superior	BR 101 norte, sentido Vitória a Salvador, depois do serviço de atendimento ao usuário/SAU da ECO 101, entrada à direita, Conceição da Barra – ES.			
11	Angelim 3 DADOS FORNECIDOS PELA AGENTE DE SAÚDE.	57	30	() Renda 0 () Renda menos de 1 salário (57) 1 salário () Acima de 1 salário	(06) Nunca estudaram (27) Ens. Fundamental (16) Ensino médio (08) curso superior	Rodovia ES 213. Sentido município Pinheiros, entrada à direita depois da Fazenda Sayonara. Conceição da Barra – ES.			
12	Angelim Disa DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE.	51	12	51 famílias acima de 1 SM.	Não soube informar	As margens da BR 101 norte, km 40. Conceição da Barra – ES.			
13	Córrego do Macuco DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE.	33	18	() Renda 0 () Renda menos de 1 salário () 1 salário (33) Acima de 1 salário	(03) Nunca estudaram (11) Ens. Fundamental (16) Ensino médio (05) curso superior	BR 101, sentido Vitória a Salvador, atrás do serviço de atendimento ao usuário/SAU da ECO 101, entrada à esquerda, Conceição da Barra – ES.			
14	Córrego do Sertão DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE.	71	41	16) Renda 0 (4) Renda menos de 1 salário (33) 1 salário (9) Acima de 1 salário	(10) Nunca estudaram (12) Ens. Fundamental (13) Ensino médio (10) curso superior	Entrada no Distrito de Braço do Rio na Avenida Felismino Francisco Mauricio, seguindo até a área rural.			
15	Angelim 1 DADOS FORNECIDOS POR MORADOR DA COMUNIDADE E DADOS DO SERVIÇO PAIF NO CRAS ITAÚNAS, DE 2020 A 2023	38	25	(10) Renda 0 (12) Renda menos de 1 salário (6) 1 salário (3) Acima de 1 salário (7) não	24 Ensino fundamental incompleto; 3 Ensino Médio Incompleto; 6 Ensino Médio Completo; 1 Superior completo; 4 Não informaram.	Rodovia ES 416. Entrada à esquerda antes da Vila de Itaúnas			

	(FAMILIAS REFERENCIADAS).			soube informar			
16	Córrego Santa Izabel DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA DA COMUNIDADE.	12	9	0 família com renda zero; 0 Renda menos de 1 salário; 7 famílias com até 1 SM; 3 famílias com 1 SM; 2 famílias Acima 1SM.	2 Famílias analífabetas; 7 famílias Ensino Fundamental Incompleto; 1 família Ensino Médio Completo; 2 famílias não souberam informar	Rodovia ES 010. Estrada Vila de Itaúnas ao Assentamento Paulo Vinhas, próximo a entrada do João Velho. (divisa com Pedro Canário)	
17	Dona Guilherminda DADOS FORNECIDOS PELA LIDERANÇA DA COMUNIDADE.	12	4	4 famílias com renda zero 3 Renda menos de 1 salário 5 famílias com até 1 SM 0 Acima 1SM	Não soube informar	Rodovia ES 010. Estrada Vila de Itaúnas ao Assentamento Paulo Vinhas. Passa por dentro da Fazenda São José (divisa com Pedro Canário)	

Fonte: Elaboração pela Secretaria Municipal de Assistência Social de Conceição da Barra-ES, 2023

Conforme mostra a tabulação de dados elaborada pela Secretaria Municipal de Assistência Social de Conceição da Barra, temos hoje 17 comunidades quilombolas, 3.282 famílias, sendo que 289 são crianças, 40 famílias com renda zero, 31 famílias com renda menor que um salário mínimo e 116 com renda de um salário mínimo. É importante destacar que 12 referências familiares não estudaram, por outro lado, 7 referências familiares com ensino fundamental incompleto, 55 familiares com ensino fundamental completo, 27 referências familiares com ensino médio incompleto, 44 com ensino médio completo, 20 com ensino superior e 16 não informaram. Acredito que a dificuldade de acesso à escola seja um dos grandes problemas para iniciar ou concluir uma modalidade escolar.

Por outro lado, Ferreira (2010, p. 12) discute a forte relação de identidade com o lugar em vivem que os quilombolas do Sapê do Norte têm, são laços sociais, familiares e afetivos que são construídos entre as pessoas e também pela interação com os outros seres vivos e meio ambiente. Essa identidade é baseada no sentido de envolvimento com a terra e a cultura camponesa, que caracteriza o modo de vida dessas comunidades. De acordo com Ferreira, o sentimento de pertença ao lugar não se limita aos humanos, mas se estende aos animais, às plantas e aos elementos da natureza, que são considerados parte integrante do território quilombola.

Isso nos leva a observar a territorialidade revivida pela memória, pois de acordo com Ferreira (2010, p.12-13) o lugar é um elemento fundamental para a construção da identidade e da territorialidade das comunidades do Sapê do Norte. O lugar é o espaço onde se elaboram as formas de vida, de significação e compreensão do mundo dessas comunidades, que são baseadas em saberes próprios, constituídos historicamente e transmitidos de geração a geração.

É preciso entender essa conflitividade da territorialidade negra no Sapê do norte. Ferreira (2010, p. 13-14) nos chama atenção para esses conflitos enfrentados com os grupos brancos que tentaram dominar e explorar suas terras e seus recursos. É importante refletir, pois esses conflitos começaram na escravidão, quando os negros resistiram à opressão, humilhação e fugiram para os quilombos. Conforme, Ferreira (2010) esse conflitos continuam até hoje, após a escravidão, quando os quilombola precisam lutar pelo reconhecimento das suas terras, e isso se intensificou nos anos de 1960 quando as empresas de celulose e carvão invadiram a região com grandes plantações de eucalipto.

Ferreira (2010, p.13-14) usa o conceito de territorialidade para mostrar que as comunidades negras do Sapê do Norte têm uma relação especial com o espaço onde estão situadas, que é mais do que um simples lugar, mas um território. Um território que tem um

significado cultural, histórico, político, afetivo para esse grupo social que constrói e defende como parte de sua identidade. Vale ressaltar que o território é um espaço de poder, onde se manifesta as relações de dominação e resistência.

Andrade (2018, p. 83) reforça que “as territorialidades e as fronteiras que se fazem e refazem. Nesse sentido, entendo ser pertinente que a discussão do espaço físico se relacione com o espaço subjetivo que também se movimenta”. Desse modo, territorialidades e fronteiras não são apenas realidades objetivas, mas também subjetivas, que envolvem as dimensões afetivas, emocionais e imaginárias dos sujeitos e dos grupos que habitam e produzem o espaço. É importante entender, que o espaço físico é o lugar concreto onde os sujeitos vivem, trabalham se divertem entre outros. Por outro lado, o espaço subjetivo é o lugar simbólico, onde os sujeitos constroem suas identidades, valores e sentimentos.

Furtado e Sucupira (2014, p.110) “As relações, propiciadas pela vida no quilombo, reafirmavam suas identidades pelo compartilhamento de símbolos, valores e costumes comuns”. As autoras nos ajudam pensar que a cultura quilombola é formada pela interação social entre os membros, que compartilham história, memória e identidade coletiva. Salientam também o sentimento de pertencimento e a subjetividade dos quilombolas, que se expressam por meio de símbolos, valores e costumes comuns.

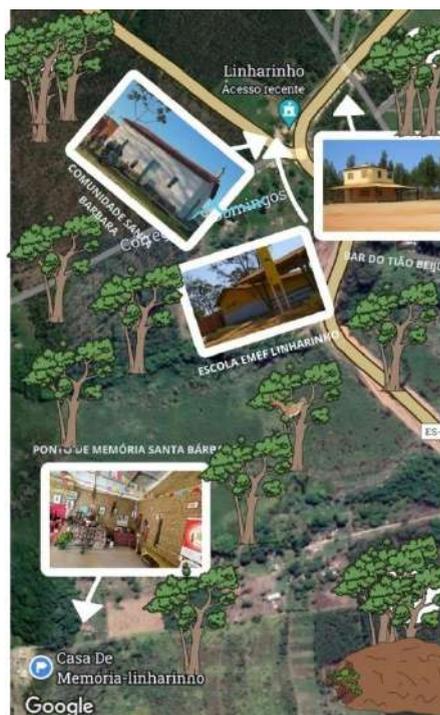
Souza e Bonomo (2021, p. 21) afirmam que as mulheres quilombolas possuem memórias práticas, ou melhor, memórias que se manifestam no dia-a-dia, nos costumes, nas tradições e nas habilidades que elas desenvolvem e transmitem para as novas gerações. Segundo os autores, essas memórias, estão ligadas a ancestralidade, a origem e a identidade do povo preto, e ao território, ou seja, à terra onde vivem e que é sagrada.

3.1.1 Linharinho uma Comunidade de Resistência: Foco da Pesquisa

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...]§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 1988)

Considerando o Art. 216 da Constituição de 1988, é importante destacar que a Comunidade Quilombola de Linharinho, situada no Espírito Santo é um exemplo emblemático de patrimônio cultural imaterial brasileiro. A Comunidade Quilombola Linharinho, é reconhecida como a primeira comunidade quilombola do estado, é herdeira direta dos saberes e práticas dos antigos quilombos, evidenciados na forte tradição de produção de farinha.

Imagem 3 – Comunidade Quilombola de Linharinho



Fonte: Mapa construído pelos estudantes Comunidade Quilombola de Linharinho

A comunidade de Linharinho, situada em Conceição da Barra, norte do Espírito Santo, é um quilombo histórico. Originária do quilombo estabelecido por Negro Rugério, a área hoje é conhecida atualmente como o povoado de Santana. De acordo com Secretaria Municipal de Assistência Social de Conceição da Barra-ES (2023) conta-se com cerca de 43 famílias. Romano (2008, p.28) destaca:

Conta-se que Linharinho constituía um antigo quilombo, situado no povoado de Santana – Vale do Cricaré -, local onde se localizava a propriedade latifundiária de Dona Rita Maria Conceição Gomes da Cunha. O escravo Negro Rugério, a fim de fugir dos maus tratos, se abrigou nos limites da própria Fazenda, a princípio, com mais trinta negros, onde formou o Quilombo do Morro. Dona Rita possuía uma área extensa de terras que abrangia desde a “margem norte do Rio Cricaré [em São Mateus] até o córrego São Domingos [em Conceição

da Barra]” (AGUIAR, 2007), ou seja, uma grande área da Região do Sapê. A produção nessa Fazenda representava a maior movimentação do comércio de mandioca do porto de São Mateus e os maiores responsáveis pelo sucesso da Fazenda eram os escravos. Uma vez fugitivos, ameaçavam o pioneirismo comercial da proprietária e colocavam em risco os “negócios” da família Cunha. (ROMANO, 2008, p.28)

O Linharinho é símbolo de resistência e autonomia frente à opressão. A fuga de Negro Rugério e outros para formar o Quilombo do Morro dentro dos limites da fazenda de Dona Rita ilustra a busca por liberdade e a tensão entre a dependência econômica dos proprietários de terras e o desejo de autodeterminação dos escravizados. Oliveira (2017, p.111) destaca que desde a década de 1960, na área de São Mateus, houve um fomento significativo para o desenvolvimento da monocultura do eucalipto. Tal prática agrícola resultou no isolamento das comunidades locais em vastas extensões de “Desertos Verdes”, trazendo consigo severos impactos ambientais e sociais.

Essas mudanças ocorridas no campo influenciaram diretamente nos modos de vida partilhados da comunidade, trouxe conflitos socioambientais que impossibilitaram as suas práticas tradicionais além de se verem obrigados a vender as terras que ocupavam às empresas reflorestadoras ou a seus funcionários que em seguida passariam para o seu nome a propriedade. A terra que era de uso comum sustentava a vida dos membros da comunidade, reafirmando seus laços e identidade. Ali não se plantava e cultivava apenas, tinha-se um importante vetor cultural e religioso como o Jongo, as mesas de Santo e a festa de Santa Bárbara. (OLIVEIRA, 2017, p. 112)

Percebe-se, conforme retrata Oliveira (2017) as transformações no campo afetaram profundamente a vida comunitária, gerando conflitos e impedindo práticas culturais tradicionais. A pressão para vender terras a empresas reflorestadoras ameaçou a sustentabilidade e a identidade cultural da comunidade, que valoriza a terra não só como cultivo, mas também como um pilar cultural religioso.

Oliveira (2017, p. 112) também destaca que a comunidade é estruturada em núcleos familiares, destacando-se: Domingas, Maria, Anália, Oscarina, Maria do Estado, Mateus de Ernesto, Benedito Corumba e Morro. Os núcleos Morro, Oscarina e Maria são centrais, abrigando espaços de união como campo de futebol, igreja e escola. A fé se manifesta duplamente: na devoção católica, centrada na igreja, e nas práticas afro-brasileiras, como os rituais em honra a entidade e orixás, exemplificados pela Mesa de Santa Bárbara.

Rozario (2021, p.54) acrescenta que a comunidade mantém sua organização por meio de quatro associações principais: A Associação das Mulheres Quilombolas, que representa as mulheres da comunidade, a Associação dos Produtores Pró-desenvolvimento, focada no avanço da produção local, a Associação do Linharinho, dedicada à preservação da cultura quilombola e a Associação da Escolinha de Futebol, que promove o esporte entre os jovens.

Alguns integrantes da comunidade de Linharinho detêm a posse legal de suas terras, adquirida através de compra ou herança. Percebe-se que essa titulação tem sido um instrumento de resistência frente à expansão da monocultura de eucalipto, que tem causado danos extensivos a área. Assim como também, a preservação da produção tradicional de mandioca e farinha, a comunidade também se envolve na coleta de fachos, os resíduos das árvores de eucalipto cortadas pelas empresas, atividade esta permitida pela companhia de celulose para que os quilombolas possam comercializar o produto (OLIVEIRA, 2017, p. 112).

3.1.2 O Jongo com dança ancestral

Olha, eles tiraram né Walla, mas o jongo em novembro, em novembro, o jongo faz parte dessa celebração, porque o jongo era para esconder o grito da dor, esconder o fugimento de negros na senzala. O jongo era para esquecer as dores, trazer a paz e a alegria. Você tá entendendo o que é o jongo? Você pode estar quietinho, mas se forma uma roda de jongo, né, pra quem busca dá três toques no tambor, você já se alerta: Ólha! Vai ter jongo, alguém bateu tambor. Então, é um alerta, hoje não existe mais, mas a comunicação de um tambor dentro de um quilombo o eco leva de um a outro (Dona Gessi Cassiano, 23 de Março de 2024).

A mestra do Jongo de Santa Bárbara, dona Gessi Cassiano nos ensina que o jongo é uma prática cultural profundamente enraizada na história e na resistência do povo negro. Servindo tanto como momento festivo quanto como uma expressão de dor e sofrimento. Antigamente, para abafar os gritos daqueles que estavam no tronco, os escravizados faziam canções e dançavam em roda, criando uma forma de aliviar a dor coletiva. Além disso, o jongo também era dançado nos intervalos das sessões de umbanda, antes de retornar às cerimônias, em aniversários e nas ladainhas.

Em Conceição da Barra, existem 8 grupos de jongo, cada um com suas particularidades: alguns dançado mais lenta]o e outros dançado mais rápida. O Jongo de São Bartolomeu é o mais antigo. De acordo com Guimarães e Siqueira (2018, p.295) “A formação do Jongo de São

Bartolomeu ocorreu no início da década de 1990, no contexto da construção da Igreja de São Bartolomeu, que foi erguida no local onde eram realizadas as orações para São Bartolomeu, no Morro de Santana”. Segundo os mais velhos, a imagem do santo pretinho, cheios de colares veio da África nos navios negreiros. O Jongo de São Bartolomeu é apresentado todos os anos no dia 24 de agosto. De acordo com Andrade (2018, p. 276):

São Bartolomeu é o santo parteiro guardado pela família de D. Roxa há muitas gerações. Dia 24 de agosto é dia de festa! Com a casa arrumada, D. Roxa, recebe a todos que chegam para pagar promessas, fazer visitas e contar histórias. Explica-nos que antigamente havia muita falta de médicos para a assistência à comunidade, o que legitimava a prática das parteiras. Essas, por sua vez, com muita fé, recorriam ao santo milagreiro para a realização dos partos. Era como dizia D. Roxa: “Nossa Senhora, Jesus e São Bartolomeu”. O Jongo decorria em louvor e agradecimento pelas bênçãos recebidas (Andrade, 2018, p. 276)

Desse modo, São Bartolomeu é uma tradição, é o santo protetor, guardado pela família de dona Roxa, uma herança cultural profunda e significativa. Por outro lado, o jongo é apresentado como uma prática de louvor e agradecimento pelas bênçãos recebidas, um momento de celebração e de reconhecimento pelas graças alcançadas. Da fé em São Bartolomeu.

Por outro lado, o grupo de Jongo de Santa Bárbara teve sua existência intimamente ligada ao calendário dos ritos da Mesa de Santa Bárbara, como nos fala Silva (2018, p. 304):

A memória dos ritos dedicados aos “Nagores” é entrecortada por relações familiares e de parentesco enquanto lugares fundamentais nas genealogias dos jongos, marujadas, Reis de Bois e cultos aos ancestrais de transe e possessão, definidos como Mesas. O grupo de jongo, nesse sentido, teve sua existência relacionada ao calendário dos ritos da Mesa de Santa Bárbara, e não a um grupo autônomo com apresentação públicas reguladas por calendários da municipalidade. Hoje o processo afirmativo dos direitos territoriais relaciona os cultos de possessão comunitários à construção de uma identificação quilombola e de sua territorialidade específica por meio de relações de força em relação ao impacto negativo das plantações de eucalipto no modo de ser, criar e viver local – razão pela qual o Jongo adquiriu outras conotações públicas que “representam” o Quilombo do Linharinho (Silva, 2018, p. 304).

Percebe-se que esses ritos estão profundamente ligados às relações familiares e de parentesco, é importante observar que o Jongo de Santa Bárbara é parte integrante dos ritos da

Mesa de Santa Bárbara, refletindo assim a importância espiritual e comunitária. Essas práticas culturais e religiosas são fundamentais para preservação e afirmação da identidade quilombola, ao mesmo tempo que servem como instrumento de resistência e fortalecimento comunitário.

Dando sequência, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2005):

Os tambores são feitos a partir de troncos de madeira e couro de animal. São elementos centrais no jongo, sempre reverenciados pelos jongueiros, pois fazem a ligação com as entidades do mundo espiritual e expressam a conexão do jongo com outras manifestações afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé. São respeitados na roda de jongo como verdadeiras entidades e sem eles o jongo não sai. Alguns tambores chegam a ter mais de cem anos de batuque e são passados de geração em geração. São tão importantes que, em geral, o guardião é o líder da comunidade jongueira (IPHAN, 2005, p. 3).

Destaca-se a importância dos tambores no jongo, que são elementos centrais e reverenciados, pois estabelecem a conexão com o mundo espiritual e outras práticas afro-brasileiras. O IPHAN (2005, p. 3) acrescenta:

No jongo, iniciado o toque dos tambores, forma-se uma roda de dançarinos que cantam em coro, respondendo ao solo de um deles. Os Tambores e os batuqueiros estão sempre na roda ou perto dela. Sozinhos ou em pares os praticantes vão ao centro da roda, dançam até serem substituídos por outros jongueiros. Muitas vezes nota-se, neste momento da substituição, o elemento coreográfico da umbigada. Dança-se conforme se sabe. Uns dançam rodando, outros pulando ou arrastando os pés. Uns dançam devagar, outros bem rápido. Às vezes os passos são como os das coreografias observadas nas rodas de santos da umbanda. São várias as maneiras de se dançar o jongo (IPHAN, 2005, p. 3).

É possível observar a riqueza e diversidade do jongo como uma prática cultural. Nota-se a formação da roda de jongueiros, a resposta em coro ao solo e a presença dos tambores ressaltam a coletividade e o ritmo central ao jongo. Percebe-se a variedade de estilos de dança, desde passos lentos até rápidos, mostra a maneira de se adaptar e também a influência de outras práticas culturais.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2005, p. 4):

Um dos elementos mais marcantes do jongo é o ponto; a forma poética e musical expressa nos versos cantados pelos jongueiros. No jongo a palavra cantada assume características singulares que tornam esta expressão única.

O ponto de jongo tem alguma relação com o provérbio e, também, com a crônica através da qual se comenta a vida cotidiana, o passado e o

presente. Configura um conhecimento restrito, secreto, guardado pelos jongueiros mais velhos – que só ensinam aos jovens já iniciados. Existe uma variedade de pontos que são adequados à determinadas circunstâncias.

Na roda de jongo os pontos se sucedem de forma encadeada. Para abrir a roda é necessário o ponto de homenagem aos jongueiros velhos. Existem os pontos para pedir licença aos ancestrais vivos e mortos, existem pontos para abrir e fechar a roda, para entrar e sair dela (IPHAN, 2005, p. 4).

Desse modo, os pontos são verdadeiros elementos poéticos e musicais que carregam consigo um profundo significado cultural e histórico. Os pontos trazem uma reflexão da vida cotidiana, do passado e presente, são formas de guardar o conhecimento, de preservar a sabedoria dos mais velhos. Sendo assim, o jongo é uma prática cultural rica e complexa, profundamente enraizada nas tradições e ancestralidade. O jongo é um ato de resistência, de luta e também de celebração, refletindo a importância da natureza, da espiritualidade e das relações familiares nas comunidades quilombolas.

3.1.4 O Território como resistência

“Olha, primeiro você tá num espaço onde a gente fala de ancestralidade. E resistência é resistir àquilo que vem pra nós. O Linharinho sempre foi uma comunidade, que não é só o Linharinho é todo o Sapê do Norte, em geral, de resistência em tudo. A preservação as mata, a preservação á água, e os alimentos. Que é a agricultura, que hoje fala agricultura familiar, que é a agricultura tradicionais. Aqui mesmo, não sei se vocês perceberam, o formato do chão, não sei se vocês olharam o significado que vem mostrando, não só para mim, na resistência que a gente tem que ter a natureza, porque ela resiste pra nós. A gente só preserva” (Gessi Cassiano, 12 de abril de 2024).

A partir da fala de Dona de Gessi aprendemos que o conceito de território e territorialidade vai além de um espaço físico. Percebe-se que para a Comunidade quilombola de Linharinho, e todo o Sapê do Norte, o território é um espaço de ancestralidade e resistência. É possível observar que essa resistência se manifesta na preservação da natureza – das águas, das matas e d a agricultura tradicional.

É importante destacar que a Agricultura Familiar é vista como um ato de resistência e uma forma de manter vivos os conhecimentos e práticas ancestrais. Dona Gessi nos chama atenção ao formato do chão e a natureza como uma aliada que também resiste e deve ser

preservada. Desse modo, o território é entendido como um lugar de conexão profunda com os antepassados e de luta contínua pela manutenção da cultura e dos recursos naturais.

A fala de Dona Gessi vai ao encontro do que dispõe Rogério Haesbaert (2021, p.162) quando nos fala que o conceito de território abrange tanto o aspecto íntimo e pessoal quanto a dimensão global.

Desdobram-se, assim, desde os territórios do/no corpo, íntimo, até o que podemos denominar territórios-mundo, moldados por um grupo étnico, a Terra vista como pluriverso cultural-natural ou conjunto de mundos – e, conseqüentemente, de territorialidades– às quais estamos inexoravelmente ligados (Haesbaert, 2021, p.162).

Desse modo, os “Territórios do/no corpo” pode-se entender dos aos espaços mais íntimos e individuais. Por outro lado, os “Territórios- mundos” descreve a influência de grupos étnicos em moldar a terra como um conjunto de mundos interligados cultural e naturalmente. Outro aspecto importante que Haesbaert (2021) vai destacar que esses territórios formam um “Pluriverso”, ou seja um conjunto diversificado de culturas e naturezas que coexistem. Visto que essas territorialidades são importantes para a nossa existência, uma conexão indissociável entre indivíduos, culturas e o meio ambiente.

Haesbaert (2021, p. 180) nos fala “O elo entre território e corpo inclui, de fato, diversas modalidades de (inter)relações (se é que podemos falar de “relações” para um vínculo tão íntimo) e escalas de interpretação”. Essa ideia de Haesbaert (2021) amplia a ideia de território como algo que não é apenas físico, mas também simbólico e profundamente ligado à experiência humana.

Dona Gessi Cassiano vai nos dizer que:

O pião roxo... Hoje o foco tá na arruda, porque é a catadora de energia, né? Mas o pião roxo também. O guiné também. Tudo que vem da natureza, um tareriquim, uma rosa, uma erva cidreira, porque a erva cidreira é a Eva de Exú. Tudo que tá... No dia em que o colégio veio aqui, pergunteou como que eu via... Aonde é que era a minha horta de remédio? Eu falei: “Se você sair no terreiro, você olhar tudo plantado, é remédio, aqui só tem remédio. Se eu olhar para um abacate, é remédio, se eu olhar para a maria preta, ou se eu olhar para um mamão, se eu olhar para um pé de rosa, se eu olhar para uma aririquinha, tudo que eu sei, se olhar para o corante, se eu olhar para a capeba, tudo é remédio. Só que cada um, tem uns que eu pranto, e tem uns que depois que eu vim para aqui, eu bebi por conta própria. Não foi eu que trouxe”. Eu vejo o mato aqui, que eu via no terreiro da minha avó, e hoje eu vejo aqui dentro e não foi eu que prantei. E é preservado igual como fosse eu que o plantei. Tem mato aqui que eu não sei nem de onde ele veio e eu só lembro que eu já vi ele. Então, como que veio? A natureza. De onde ele veio? Quem trouxe essa semente para jogar ele aqui? Aqui

nasceu cachixe que era isso. Gente, eu não plantei cachixe. Eu não trouxe, só te dando um exemplo, estou falando da erva, não. Só te dando um exemplo do cachixe. Eu não trouxe cachixe para aqui. Um quer a semente, outro quer a semente, outro: “quero a semente”. Outro: “que a semente”. Os grandão não tinham uma semente dentro, deixei secar. Quando abrimos, fizemos cuia. Já veio da semente os outros, que está fechado lá dentro, que eu não abri. Que eu quero abrir agora para plantar ali, para ver se nasce. O restante está feito cuia aí dentro. Então, assim, eu vejo muita mudança, Walla, que está tendo nesse mundo em geral, que vai confundir o mundo, a gente. E quem está trabalhando nessa linhagem tem que ter muito cuidado. Que vai deparar com tanta coisa que nem imagina. E hoje o Walla, todo mundo tem que ter espiritualidade(Dona Gessi Cassiano, 23 de Março de 2024).

Dando sequência à análise das falas de Dona Gessi percebemos que o território não é apenas um espaço físico, mas um lugar de ancestralidade, espiritualidade e resistência. Nota-se que cada planta e cada elemento da natureza têm um significado e uma função, especialmente na preservação dos conhecimentos tradicionais de cura e manutenção da cultura quilombola. É possível observar que há uma ligação íntima e sagrada entre o corpo, o território e a natureza. Notamos que Háesbaert (2021) também enfatiza essa relação íntima entre território e corpo, destacando as diversas modalidades de (inter) relações e escalas de interpretação. O autor nos sugere que o território é um conceito multifacetado, abrangendo desde o espaço pessoal até dimensões globais, moldadas por relações culturais e naturais.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS - ABORDAGEM DE NATUREZA QUALITATIVA

Neste estudo, adotaremos os caminhos metodológicos delineados por Paul Thompson (2002) que conceitua a *História Oral* como a “(...) interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”. Por meio dessa definição é possível entender a importância de capturar a história e as transformações das sociedades e culturais por meio das narrativas pessoais. É importante considerar que a *História Oral* não é apenas um registro de eventos do passado, mas também um mosaico de experiências e memórias individuais. Em termos práticos, Thompson (2002) reforça que cada pessoa é um portador de uma parte da história, e suas lembranças são valiosas para compreender o todo.

Com base no que dispõe Thompson (2002) a *História Oral* valoriza o indivíduo e reconhece a diversidade de perspectivas na interpretação dos eventos históricos. Assim como também, é uma forma de democratizar a história, dando voz àqueles/aquelas que, tradicionalmente, não são ouvidas. Thompson (2002, p.10) enfatiza que a *História Oral* é um método *interdisciplinar*, e transformador que cruza e une diversas áreas do conhecimento, como sociologia, antropologia, história e estudos literários e cultura.

Para dialogar com essas questões, Salvatici (2005, p. 29) explica que a abordagem interdisciplinar da *História Oral* é “(...) inserir as vozes que faltavam, as dos desfavorecidos, a fim de criar uma nova” história vinda de baixo”, ou seja, uma História Oral que emerge dos quilombos, histórias de mulheres silenciadas, invisibilizadas, em contraste com a história escrita predominantemente a partir da perspectiva do branco.

É importante enfatizar que a *História Oral* é diferente da *História de Vida*, mas ambas contribuem para dar visibilidade às histórias vinda de baixo. Desse modo, Segundo Thompson (2002, p. 12) a *História Oral* é mais ampla, abrange uma variedade de experiências e memórias dentro de um contexto social ou histórico maior, sendo que ela pode incluir muitas vozes e perspectivas diferentes. Por outro lado, a *História de Vida* é focado na narrativa de um indivíduo, explorando sua vida em detalhe, muitas vezes desde a infância, “vida na infância e na fase adulta mais que com a infância propriamente dita”. Thompson (2002, p.12-13).

Vale dizer que, para Thompson (2002, p. 14) “A história oral que dispensa atenção à amostragem, ou melhor, que está vinculada a amostras de *survey* mais amplas, tem um

importante potencial para preencher esse hiato, e assim fazendo, fortalecer ambos os tipos de pesquisa”. Sendo assim, foram selecionadas cuidadosamente as mulheres quilombolas do jongo para que represente adequadamente esse grupo de mulheres. Visto que a amostragem é crucial, as participantes foram selecionadas cuidadosamente. Ao vincular *História Oral* as *amostras de survey mais amplas*, desse modo pode preencher lacunas deixadas por outros tipos de pesquisa, como as pesquisas quantitativa, e vice-versa. Assim, podemos oferecer uma compreensão mais completa e representativa.

Enquanto as estatísticas nos oferecem dados, a História Oral revela as histórias das pessoas por trás desses números. É importante destacar que a História Oral preenche essa lacuna, explorando as razões individuais, as experiências e as perspectivas únicas de indivíduos dentro da comunidade. Entender o que é ser uma mulher quilombola dentro da comunidade, uma abordagem que vai além dos números, capturando emoções, desafios e esperanças dessas mulheres. Thompson (2002, p. 15).

As observações de Thompson (2002, p.16) ressaltam a importância de uma abordagem dupla por parte dos historiadores orais, que devem valorizar tanto os aspectos qualitativos, pois além de capturar as narrativas e memórias individuais (aspectos qualitativos), os pesquisadores também devem considerar as implicações quantitativas, desse modo, os dados podem ser medidos e analisados estatisticamente.

Neste trabalho, seguiremos diretrizes de *temas* pontuado por Thompson (2002), às histórias de *vozes ocultas* não registradas de **quatro mulheres quilombolas do jongo da Comunidade Linharinho, localizada no município de Conceição da Barra. Entre elas está Gessi Cassiano, guardião do Ponto de Memórias de Santa Bárbara, Letícia dos Santos Nascimento, Luandra Gomes dos Santos e também e Juliana Gomes dos Nascimento.** Assim, é trazer à luz as narrativas dessas mulheres, contribuindo para uma compreensão mais inclusiva e diversificada da história, reconhecendo que cada indivíduo possui uma história valiosa que contribuiu para uma educação escolar quilombola. Sobre isso Thompson (2002) pontua:

Essas vozes ocultas são acima de tudo de mulheres – e é por isso que a história oral tem sido tão fundamental para a criação da história das mulheres; mas existem muitas outras, tais como os trabalhadores que não estão organizados em sindicatos, os muito pobres, os deficientes, os sem-teto ou grupos marginalizados. No Brasil isso inclui particularmente os povos indígenas, as comunidades rurais de ex-escravos que viviam nos quilombos e, acima de tudo, as famílias das favelas das grandes cidades. (THOMPSON, 2002, p. 17)

Seguindo a proposta de Thompson (2002) é trazer à luz essas *Esferas Ocultas* – existência humana - *os aspectos da vida da maioria das pessoas que raramente são bem representados nos arquivos históricos* - dimensões significativas. É essencial destacar que as histórias de vida das mulheres quilombolas foram coletadas e documentadas por meio de entrevistas gravadas e examinadas. Essa pesquisa ressoa, de maneira especial de vozes de mulheres negras quilombolas, sobre sua vida cotidiana e as experiências pessoais que geralmente não são estudados, registrados ou destacados. Essas esferas incluem as relações familiares, a infância em diferentes contextos sociais, o envelhecimento entre outros. Desse modo, é um convite a reconhecer e valorizar a riqueza e a complexidade das histórias não contadas que residem na memória coletiva.

A terceira recomendação de Thompson (2002) são as *Esferas Ocultas da cultura informal de trabalho*. Desse modo, foi realizada uma observação detalhada das práticas culturais dessas mulheres quilombolas, abrangendo suas tradições e interações comunitárias. A análise focou em como as tradições do jongo se entrelaçam com suas atividades cotidianas e como elas se apoiam mutuamente e como elas mantêm e transmitem esses saberes e fazeres.

Thompson (2002) destaca também, a *Esfera dos mitos e das tradições orais*. Que são os conjuntos de histórias, crenças e práticas que são transmitidas de geração para geração por meio da fala. No contexto da nossa pesquisa, observou-se as histórias, as lendas, as rezas transmitidas oralmente, e como contribuem para manter viva a cultura do jongo, como essas tradições informam seu senso de pertencimento e como elas moldam as práticas sociais dentro da comunidade quilombola Linharinho.

Complementado os procedimentos metodológicos de pesquisa já delineados, através das respostas obtidas no questionário diagnóstico, preenchido por **estudantes do nono ano e funcionários da EMEF. DR. MÁRIO VELLO SILVARES** pudemos desenvolver estratégias eficazes para a contribuição da implementação da Educação Quilombola. Essa participação ativa dos estudantes do nono ano foi um passo fundamental para a construção de mecanismo que possa valorizar divulgar e integrar as ricas tradições, saberes e fazeres dessas mulheres quilombolas do jongo.

Após o questionário, os estudantes realizaram duas visitas técnicas à Comunidade Quilombola Linharinho. As visitas foram realizadas nos dias 12 de abril de 2024 e 19 de abril de 2024. Através dessa colaboração, os estudantes tiveram a oportunidade única de imergir na realidade de um quilombo, compreendendo seu funcionamento e a riqueza da *História Oral*. Para melhor organização os estudantes foram divididos em quatro grupos temáticos para uma

distribuição eficiente das tarefas - Grupo 1 Territorialidade – Grupo 2 Fé – Grupo 3 Narrativas – Grupo 4 Jongo.

As atividades pós-visita – foi a organização de um Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação Quilombola. Como o *Chromebook* em sala de aula, os estudantes fizeram todas as produções usando o *Canva* com base nas informações coletadas no quilombo. As produções destacaram as narrativas, as memórias, fé e resistências dessas mulheres.

Para realizar este estudo e atingir os objetivos propostos, optou-se pela **abordagem de natureza qualitativa**, especificamente através da metodologia da História Oral. Este método é particularmente valioso por dar ênfase as relatos orais, permitindo um diálogo enriquecedor com outras fontes, seja elas escritas, visuais ou oficiais. Entende-se que a pesquisa qualitativa:

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PRODANOV e FREITAS 2013, p.70)

Assim, pode-se afirmar que a abordagem qualitativa possibilita uma relação ativa entre o pesquisador e o seu objeto de estudo. Reconhecendo que a subjetividade do pesquisador é inseparável do mundo objetivo. A pesquisa qualitativa traz uma observação direta do ambiente natural e na interpretação dos fenômenos. Desse modo, o pesquisador é visto como a ferramenta principal para coletar e analisar os dados, focando no processo e no significado dos eventos estudados, utilizando uma abordagem indutiva.

Prodanov e Freitas (2013) destacam a imersão do pesquisador no contexto real da pesquisa, sem alterar ou manipular o ambiente. Desse modo, faz-se necessário observar, interagir, coletar dados descritivos que retratem a realidade vivida desses sujeitos. Trazendo para o contexto de nossa pesquisa, com a pesquisa qualitativa buscou valorizar o processo de coleta e análise de dados mais do que os resultados finais, sem se basear em estatística, mas na compreensão profunda do contexto cultural e social desse grupo de mulheres quilombolas. Assim, a pesquisa capturou a essência da experiência dessas mulheres sem a necessidade de quantificar suas experiências, mas sim entender e interpretar seus significados dentro do quadro teórico da pesquisa.

Mendonça (2014, p. 33) “o principal objetivo da pesquisa qualitativa é o de conhecer as percepções dos sujeitos pesquisados acerca da situação-problema, objeto da investigação. A pesquisa qualitativa requer do pesquisador uma atenção sobre as pessoas envolvidas na pesquisa, em relação às suas ideias e concepções”. Desse modo, permite conhecer as percepções, as experiências e as histórias dos quilombolas, reconhecendo sua identidade, cultura e religiosidade.

A pesquisa é de **natureza aplicada**, pois de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.52) a pesquisa aplicada “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Dessa forma, a pesquisa aplicada busca atender às demandas e às necessidades de uma situação concreta. Assim como também, é uma das principais características do mestrado profissional, pois consiste em uma investigação científica que busca gerar conhecimentos, produtos ou processos que possam contribuir para o desenvolvimento social, econômico, cultural ou ambiental.

Em nossa pesquisa sobre as mulheres quilombolas do jongo de Conceição da Barra, adotamos uma **abordagem metodológica exploratória**, inspirada nas diretrizes de Gil (2002). Este método é ideal para aprofundar o entendimento de um campo pouco explorado, permitindo- nos mergulhar nas ricas narrativas das mulheres quilombolas. Ao abordar suas memórias, cultura e identidade, buscamos compreender a complexidade de suas experiências. Através de um olhar exploratório, aspiramos não apenas a mapear as dificuldades e necessidades dessa comunidade, mas também reconhecer e valorizar sua forças e contribuições culturais, fortalecendo assim sua capacidade de resistência e afirmação social.

4.1 Vozes Quilombolas: Sujeitos desta Pesquisa

(...) e eu tenho muitas referências de mulheres fortes dentro da minha comunidade, e eu tento assim, que nem que seja o mínimo, tento me inspirar nelas, igual falei da minha tia Helda, da minha mãe, da minha avó, de Gessy também, de outras tias minhas, da Beatriz, entre outras mulheres dentro da minha comunidade. Então, ser mulher, para mim, é muito árduo, tem que ter muita resistência, porque não é fácil, a gente vive num mundo preconceituoso, a gente não basta ser preto, e quando a gente é mulher, eu acho que é mil vezes pior. Porque em questão de salário, em questão de concurso, em questão de emprego, é muito difícil. E quando você quer prestar uma faculdade, quando você quer ser alguém na vida, você às vezes é muito discriminada, a gente sabe o porquê, mas a gente não quer encarar o porquê, é muito difícil, aí a gente fica: “até quando isso vai acontecer? Até quando isso vai atrapalhar nosso futuro?” mas eu sempre tento me inspirar, poxa: se Dandara foi

forte, por que eu não posso ser forte também? Por que eu não posso ter a força dela também, para enfrentar nesse mundo tão racista, tão injusto? Será que eu não tenho essa capacidade de ser também uma Dandara da vida? Uma Luanda forte também da vida? (Luandra Gomes dos Santos, entrevistada no dia 19 de abril de 2024)

A fala de Luandra nos faz lembrar o poema *Vozes-Mulheres* (2008), de Conceição Evaristo. O poema é um convite a celebração da ancestralidade e da memória coletiva das mulheres negras. Percebe-se que a entrevistada destaca a importância das mulheres quilombolas estarem sempre à frente de suas comunidades, isso nos ensina muito sobre a liderança dessas mulheres, que são guardiãs das tradições, recursos naturais e o cuidado com o lar e a terra. Sob essa ótica, Andrade (2021, p.82) no artigo *Sobre Políticas do Corpo Negro Feminino e Territorialidades Jongueiras no Enfrentamento ao Racismo*, vai nos dizer que:

(...) em estratégias de oposição e fortalecimento de lideranças femininas que, historicamente no enfrentamento destas forças, evidenciaram aprendizagens intergeracionais, passadas dos mais velhos aos mais novos como estratégias de sobrevivência (Andrade, 2021, p.82).

Assim como Luandra, Andrade (2021) destaca a importância da transmissão de conhecimento e experiência entre gerações. Assim, como as mulheres quilombolas passam estratégias de sobrevivência dos mais velhos aos mais novos, percebe-se que a entrevistada também se inspira nas histórias e forças das mulheres que precederam.

Luandra, nos chama atenção em relação à valorização dessas lideranças femininas e na compreensão de como a resistência delas é fundamental para a sobrevivência do quilombo. Ela também destaca os desafios enfrentados por essas mulheres negras: preconceito, desigualdade salarial, discriminação no acesso à educação e ao emprego. Andrade (2021, p.81) nos fala que:

“(...) a mulher geradora, protagonista, autorreferenciada. Tornar-se negra entendendo este processo, passa pela aprendizagem do reconhecimento desta mulher com seu próprio corpo, com sua comunidade e de religação com sua ancestralidade” (Andrade, 2021, p81).

Desse modo, a mulher não é apenas um objeto passivo, mas sim, um sujeito que cria, lidera e se define. Torna-se negra, a partir do reconhecimento de sua própria identidade racial

e cultural, as mulheres quilombolas são agentes da mudança, que lutam contra a opressão e fortalece-se como mulher negra. Em suma, de acordo com Andrade (2021, p.92):

Historicamente o corpo das mulheres negras foi desvalorizado, uma combinação de subalternidade, dor, silêncio, muitas vezes usado como sinal de erotização ou de exclusão, perpetuando-se no presente desde a casa grande e a senzala. Desenvolver o protagonismo feminino como lideranças, foi uma das formas encontradas pelas comunidades negras para ruptura desses racismos de marca histórica do corpo feminino. As políticas do corpo são formas construídas pelas comunidades negras para compreensão de suas ancestralidades, mas também de fazerem mulheres negras se autorrefereciarem, por meio das narrativas de empoderamento, de memórias, construindo consciência positiva sobre seus corpos e suas histórias (Andrade, 2021, p.92).

As colocações acima permitem pensar a desvalorização histórica do corpo das mulheres negras e como essa subalternidade, dor e silêncio persistem até os dias atuais. Andrade (2021) destaca o protagonismo feminino como liderança dentro das comunidades negras, como forma de resistência e empoderamento. É importante pensar, que essas lideranças desafiam os racismos históricos associados ao corpo feminino negro. As “políticas dos corpos” são estratégias construídas pela comunidade para compreender suas ancestralidades e promover autorreferência das mulheres negras. O trecho de Andrade (2021) nos convida a refletir sobre o poema de Conceição Evaristo, Na mulher, o tempo... (2017) que diz:

Na Mulher, o tempo...

Conceição Evaristo

A mulher mirou-se no espelho do tempo,
Mil rugas (só as visíveis sorriram,
Perpendiculares às linhas
das dores
Amadurecidos sulcos
atravessaram o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre
o temor e a coragem,

se expunha
ao incerto vaivém
da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:
- dos pingos lágrimas
à plenitude da vazante.
E no fluxo e refluxo de seu eu
viu o tempo se render

Viu os dias gastos
em momentos renovados
d' esperança nascitura.
Viu seu ventre eterno grávido,
Salpicado de mil estrias,
(só as contáveis estrelas)
Em revitalizado brilho.

E viu nos infindos filetes de sua pele
desenhos-louvores nasciam
do tempo de todas as eras
em que a voz-mulher
na rouquidão de seu silêncio
de tanto gritar acordou o tempo
no tempo

E só
só ela, a mulher
alisou as rugas dos dias
e sapiente adivinhou:
não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos,
ele se guardou de uma mulher
a outra...

E só,
não mais só
recolheu o só
da outra, da outra, da outra...
fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens linhas
cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no templo
de seu eternizado corpo.

(Conceição Evaristo, Poemas da Recordação e Outros Movimentos, 2017)

É importante analisar que ambos os textos abordam a experiência feminina, especialmente das mulheres negras, destacando o corpo, a ancestralidade e o empoderamento. Assim, as mulheres do poema enfrentam o envelhecimento, as marcas do tempo e as dores da vida, porém a ancestralidade vem com força vital para ajudar a sobreviver e resistir. Agora, ao focarmos na força, resistência, ancestralidade, fé podemos construir memórias com **Dona Gessi Cassiano, Luandra Gomes dos Santos, Juliana Gomes dos Nascimento, Leticia dos Santos Nascimento**. Essas mulheres quilombolas carregam em seus corpos não apenas as marcas do tempo, mas também a história, a resistência, fé, a força da Comunidade Quilombola de Linharinho. Assim, suas vozes e experiências são fundamentais para compreender a luta contínua e a identidade dessa comunidade. Nesse contexto, apresentarei cada uma delas em sua particularidade, a fim de compreendermos melhor a importância da construção da memória.

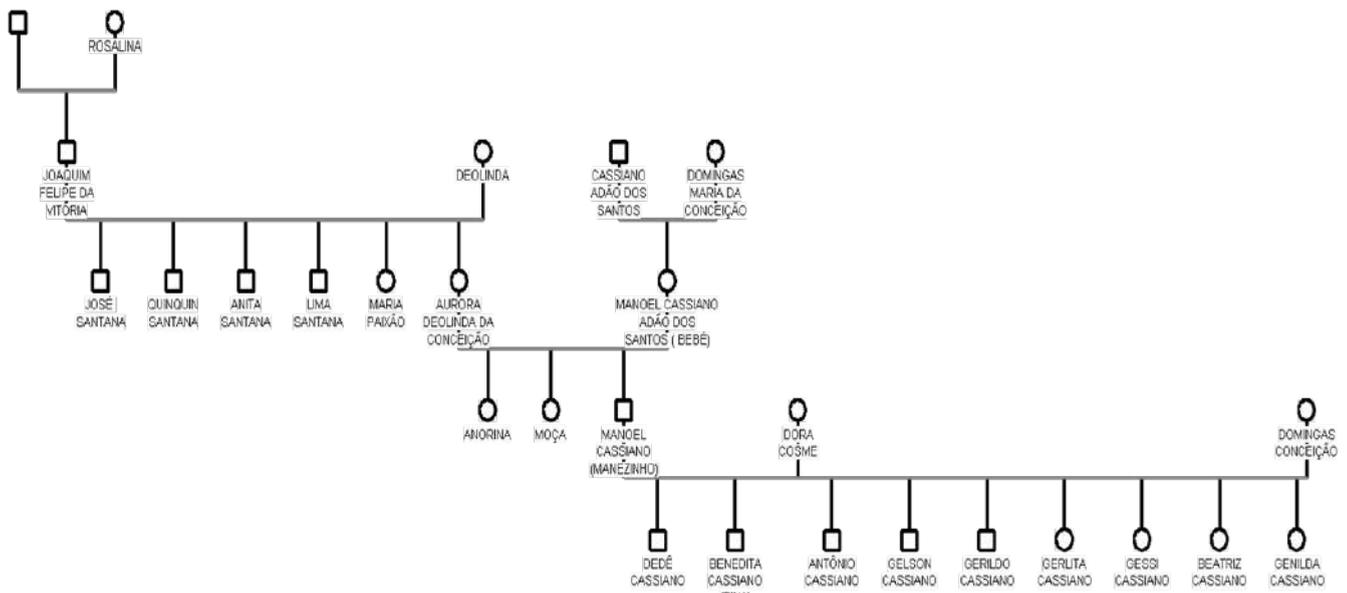
4.1.1 Gessi Cassiano

Imagem 4 – Gessi Cassiano



Fonte: Arquivo do pesquisador

Gessi Cassiano é filha de Dominga da Conceição Cassiano e Manoel Cassiano Filho, tem 65 anos, viúva, religião de matriz africana (Linha Cruzada) nasceu na Comunidade Quilombola Linharinho. Estudou na EMEF. Linhares (Segundo Dona Gessi antes era chamada Escola Linharinho) até a 4ª série. É fundadora da Associação de Mulheres Quilombolas da Comunidade de Linharinho, mestra do Jongo de Santa Bárbara, liderou elaboração de propostas de projetos na área da agricultura e cultura, guardiã do Ponto de Memória de Santa Bárbara. Abaixo segue Heredogramada da Família Cassiano da Comunidade Quilombola de Linharinho que localiza o Ancestral que foi escravizado na fazenda de Rita Cunha:



Fonte: Renata Beatriz Rodrigues da Costa, 2020

Segundo Costa (2020, p.5):

Na comunidade quilombola de Linharinho a genealogia das famílias contada por matronas como Dona Valdentora dos Santos e Dona Gessi Cassiano remonta ao último ancestral que trabalhou na fazenda cujo nome era : Joaquim Felipe da Vitória que foi escravo na fazenda de Antônio Rodrigues da Cunha e Rita Maria da Conceição Gomes da Cunha, o casal que pertencia a uma das oligarquias de senhores de terras da Vila da Barra de São Mateus. A Vila da Barra de São Mateus compreenderia atualmente os municípios de Conceição da Barra , o município de São Mateus e mais alguns municípios da Bahia (Costa, 2020, p.5).

Costa (2020) destaca que o último ancestral a ser escravizado pela família Cunha foi Joaquim Felipe da Vitória. Uma das matronas é Dona Gessi Cassiano que desempenha um papel muito importante dentro da Comunidade Quilombola de Linharinho que é a preservação da história e cultura da comunidade.

Dona Gessi Cassiano é uma figura de destaque dentro da Comunidade Quilombola Linharinho. Traz consigo uma voz firme, que nos envolve e cativa com suas memórias, enquanto seu olhar traz uma marca de orgulho ancestral a cada palavra dita. Desse modo, desempenha um papel de liderança significativa dentro do quilombo, sempre engajada em movimentos de matrizes africanas e lideranças quilombolas.

Como uma boa filha de Iansã, Dona Gessi é uma guerreira atenta a tudo o que acontece ao seu redor. Ela respira ancestralidade, encanto e muito axé.

4.1.2 Luandra Gomes dos Santos

Imagem 5 - Luandra Gomes dos Santos



Fonte: Acervo da entrevistada

Luandra Gomes dos Santos é filha de Luzia de Jesus Gomes e Francisco Jorge dos Santos, tem 28 anos, católica, solteira, nasceu em Conceição da Barra-Espírito Santo, mora na Comunidade Quilombola Linharinho. Estudou na EMEF. Linhares (1ª a 4ª série) na Comunidade, EMEF. João Bastos Bernado Vieira (5ª a 8ª série) na Sede e também EEEM. Professor Joaquim Fonseca (Ensino Médio) na Sede. Hoje é formada em Direito, e estudando para o Exame da Ordem de Advogados (OAB) e também ajuda em algumas questões jurídicas, junta com a advogada da Comunidade. Luandra também é coordenadora de projetos, da Associação da Comunidade Quilombola Linharinho. E trabalha como coordenadora de compras na Prefeitura Municipal de Conceição da Barra.

4.1.3 Juliana Gomes do Nascimento

Imagem 6 – Juliana Gomes do Nascimento



Fonte: Acervo da entrevistada

Juliana Gomes dos Nascimento é filha Maria Helena de Jesus Gomes e Pedro Nascimento, tem 28 anos, católica, solteira, tem dois filhos, nasceu em Conceição da Barra – Espírito Santo, mora na Comunidade Quilombola Linharinho. Estudou na EMEF. Linhares (1ª a 4ª série) na Comunidade, EMEF. João Bastos Bernardo Vieira (5ª a 8ª série) na Sede e EEEM. Professor Joaquim Fonseca (Ensino Médio) na Sede. Juliana é agricultora, secretária na Igreja Santa Bárbara, membra da Associação das Mulheres Quilombolas e também na administração da Associação da Comunidade Quilombola de Linharinho (ACQL).

4.1.4 Letícia dos Santos Nascimento

Imagem 7 – Letícia dos Santos Nascimento



Fonte: Acervo da entrevistada

Letícia dos Santos Nascimento é filha de Antonieta Dos Santos Nascimento e Manoel Nascimento, tem 27 anos, católica, solteira, nasceu em Conceição da Barra – Espírito Santo, mora na Comunidade Quilombola Linharinho. Estou na EMEF. Linhares (1ª a 4ª série) na Comunidade, EMEF. João Bastos Bernardo Vieira (5ª a 8ª série) na Sede e também EEEM. Professor Joaquim Fonseca (Ensino Médio) na Sede. Letícia tem curso superior, e trabalha com Analista de Laboratório, na empresa Alcon. Ela também, nas horas vagas procura contribuir na Igreja Santa Bárbara de alguma forma.

5 A EMEF. DR. MÁRIO VELLO SILVARES

A EMEF Dr. Mário Vello Silvares está localizada no centro da cidade de Conceição da Barra. De acordo com a tabela abaixo, o município apresenta uma distribuição total de estudantes matriculados por etapa educacional, considerando sexo e cor/raça:

Ilustração 7 - Distribuição total de estudantes matriculados por etapa educacional, considerando sexo e cor/raça

Total de Estudantes e Distribuição por etapa Educacional	Feminino			Masculino		
	NEGRAS	BRANCAS	Sem Informação cor/raça	NEGROS	BRANCAS	Sem informação cor/raça
Total de Estudantes	1951	510	49	2023	552	51
Etapa Creche	322	89	16	313	104	14
Etapa Pré Escola	313	90	15	317	133	19
Fundamental I (Anos Iniciais)	732	198	13	790	195	17
Fundamental II (Anos Finais)	551	131	-	548	116	1
EJA	33	2	5	55	4	-

Fonte: Dados da Secretaria de Educação de Conceição da Barra

Em relação ao quadro, é possível observar que a maioria dos estudantes do município de Conceição da Barra são negros, tanto no gênero feminino quanto no masculino. O número de estudantes masculinos é ligeiramente maior do que o de estudantes femininos em todas as etapas educacionais. Percebe-se que a diferença é mais evidente nas etapas de Fundamental I e II.

De acordo com os dados gerados pelo Sistema de Gestão Escolar Educacenso – Tecsistem (2024) o município de Conceição da Barra tem 25 escolas municipais, estão matriculados 5.136 estudantes.

A EMEF. Dr. Mário Vello Silvares recebe estudantes de diferentes perfis. A maioria dos estudantes moram no centro da cidade, onde a escola fica localizada, ou em bairros

próximos Vila dos Pescadores, Nova Betânia. Conforme os dados do Sistema de Gestão Escolar Educacenso – Tecsystem (2024), ilustrado no gráfico subsequente:

Ilustração 8 - Distribuição de estudantes por localidade

Santana	Marquesa	Pista Santana	Praça Santana	Igreja Santo Antônio	Outros	Cohab	Gás da Cohab	Posto de Saúde Marcílio Dias	Bar Hora Extra
06	03	02	02	01	04	06	03	02	01

Fonte: Sistema de Gestão Escolar Educacenso – Tecsystem (2024)

Ilustração 9 - Distribuição de estudantes por localidade

Linharinho	Astrogildo	Garagem Mar Aberto	Creche Santana	Padaria Santana	Em frente ao Material de Construção João Pedro
01	04	02	02	01	01

Fonte: Sistema de Gestão Escolar Educacenso – Tecsystem (2024)

A EMEF. Dr. Mário Vello Silves traz uma distribuição diversificada de estudantes por localidade e transporte. O segmento mais significativo são os 17 estudantes da Comunidade Quilombola Santana que corresponde: Santana, pista Santana, praça Santana, igreja Santo Antônio, garagem Mar Aberto, Creche Santana, Padaria Santana e em frente ao Material de Construção do João Pedro. É importante pensar que temos ainda estudantes em que os pais trazem de carro, que vem de bicicleta e deslocam a pé. É possível perceber que a maior concentração são estudantes que moram no centro.

De acordo com o Sistema de Gestão Escolar Educacenso – Tecsystem (2024) a distribuição de estudantes por turno, etapa, raça/ cor:

Ilustração 10 – Distribuição de estudantes por turno, etapa, raça/cor

Fundamental I	Fundamental II	EJA
313	233	25

Masculino		Feminino		
262		309		
Pardos	Pretos	Branco	Amarelo	Indígena
342	64	159	5	1

Fonte: Sistema de Gestão Escolar EducaCenso – Tecsystem (2024)

Assim, de acordo com dados fornecidos pelo sistema, 342 estudantes foram identificados como pardos, 159 estudantes foram identificados como brancos e apenas 64 estudantes foram identificados como pretos, 5 amarelo e 1 indígena. Segundo o sistema, 147 estudantes são beneficiados pelo programa Bolsa Família que garante as famílias uma renda familiar mensal, porém devem cumprir requisitos como frequência escolar e vacinação.

Imagem 8 – EMEF. Dr. Mário Vello Silves



Fonte: Facebook da EMEF. Dr. Mário Vello Silves

A **Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Mário Vello Silves** tem suas raízes no ano de 1957, originalmente estabelecida sob o nome de Ginásio Conceição da Barra. A escola surgiu da luta de homens brancos como Euclides dos Santos, Bento Daher, Mário Vello Silves, Dr. Antônio Bicalho e Virgulino Magalhães Filho, que se empenharam junto ao Presidente da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, Dr. Cristiano Dias Lopes, para a criação do ginásio.

No ano de 1958, a primeira do Ginásio Conceição da Barra teve suas aulas, no Grupo Escolar Joaquim Fonseca. Esse arranjo temporário foi necessário enquanto se aguardava a fiscalização das obras do edifício que seria a sede definitiva da escola. Durante esse período de transição, a instituição estava sob a gestão de Dr. Antônio Bicalho, que exercia o cargo de promotor de justiça.

Em 1964, o Ginásio Conceição da foi renomeado em tributo ao Dr. Mário Vello Silveiras, um médico e ilustre figura pública, passando a ser conhecido como Ginásio Dr. Mário Vello Silveiras. Essa mudança foi uma forma de honrar sua memória e contribuições significativas.

Posteriormente, em 1967, foi criado o curso de Magistério, iniciando suas atividades em 1968, sob denominação de Ginásio e Escola Normal Dr. Mário Vello Silveiras. Com implementação Lei 5692/71, a instituição passou a denominar-se Escola de 1º e 2º Graus Dr. Mário Vello Silveiras, refletindo as transformações educacionais da época.

Em 1977, a Escola passou por uma transição administrativa significativa. Deixou de ser gerida pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e foi adquirida pela prefeitura local. Em seguida, a administração do ensino de 1º grau foi transferida para o governo estadual, enquanto a prefeitura manteve a gestão do 2º grau.

A década de 80 trouxe mais mudanças para a instituição. Em 1981, a escola foi integrada à Escola de 1º grau João Bastos Bernardo Vieira. Durante o mandato de Oribes Storch, o prédio anteriormente desativado da escola foi completamente renovado, com as obras concluídas em 09 de março de 1985. Nesse ano, sob a administração do governador Gerson Camata, foi inaugurada a Escola Municipal de 1º grau Dr. Mário Vello Silveiras, com a senhora Elba Elias Machado assumindo a direção.

A Escola tem uma história marcada por exclusividade, refletindo as disparidades sociais de sua época. Originalmente uma instituição pública, ela carregava as características de uma escola de elite, onde o acesso era restrito a quem pudesse pagar mensalidades ou passar por um processo seletivo rigoroso. Durante anos, essa política de admissão resultou em uma composição estudantil homogênea, com uma presença quase inexistente de estudantes pretos, refletindo as barreiras raciais e socioeconômicas da sociedade.

Com o passar do tempo, a escola começou a abrir suas portas para estudantes de comunidades tradicionalmente marginalizadas, como quilombolas, e mais recentemente, registrou a matrícula de um estudante indígena, sinalizando uma mudança gradual em direção à inclusão. No entanto, a prática de exigir que os estudantes residam no centro da cidade

persistiu, levando muitos pais a forjar comprovantes de residência para garantir a educação de seus filhos nessa renomada instituição, que durante muito tempo e até hoje carrega o nome da melhor escola do município.

Hoje, a escola oferece Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os estudantes têm acesso a diferentes disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática, Arte, História, Protagonismo, ALE (Aprofundamento em Leitura), Geografia, Ensino Religioso, Ciências, Inglês e Educação Física. A escola conta com uma boa infraestrutura: auditório, 14 salas de aula, 4 banheiros (para estudantes), sala de laboratório de informática, biblioteca, refeitório, sala de música, Casa Tertolino (Espaço cultural), Sala de recursos entre outros. EMEF. Dr. Mário Vello Silves, obteve os seguintes resultados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB (2021): Anos Iniciais (1º ao 5º ano): 6,6 e Anos Finais (6º ao 9º ano): Sem dados.

A escola desenvolve projetos como: O Festival de Teatrol – Sobreviventes do riso, que está na sétima edição, o projeto cultural Santo de Casa faz milagre – que discute assuntos da localidade como o ticumbi, jongo entre outros assuntos, está na sua 6º edição, a Olimpíada Interna de Matemática, que está na sua terceira edição. Além de outros projetos que são desenvolvidos pelos professores.

5.1 Diagnóstico Inicial na EMEF. Dr. Mário Vello Silves

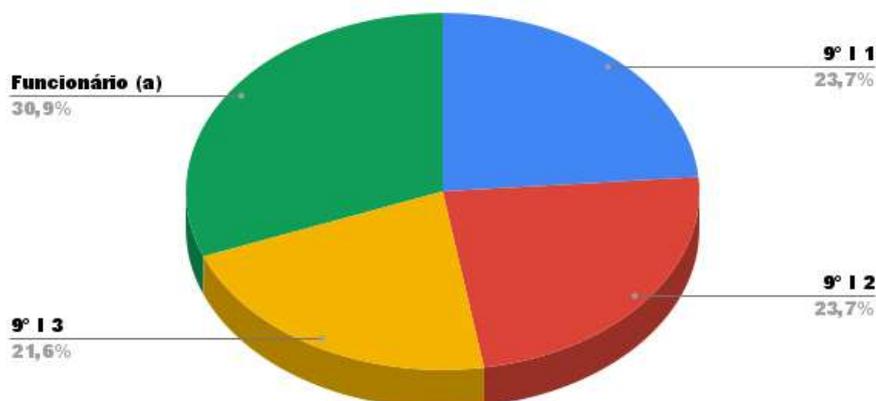
Nesta seção, buscamos nos aprofundar nas percepções e no conhecimento da comunidade escolar da EMEF. Dr. Mário Vello Silves, localizada em Conceição da Barra – Espírito Santo, sobre suas raízes quilombolas e práticas culturais. Assim sendo, as questões diagnósticas levantadas buscam iluminar o entendimento coletivo sobre o que significa ser quilombola, a relevância do jongo de Conceição da Barra, e a consciência sobre racismo e a necessidade de práticas antirracistas. Através desse diagnóstico, buscamos não apenas mapear o entendimento atual, mas também identificar caminhos para uma pedagogia que celebre as tradições quilombolas e combata o racismo de forma eficaz. Desse modo, esta seção é um convite à ação, encorajando a escola a se tornar um espaço de aprendizado que honra a diversidade e promove a igualdade racial.

Com base nisso, para elaboração do questionário diagnóstico, seguimos a diretrizes metodológicas propostas por Lakatos e Marconi (2003, p.205), depois de redigido o questionário foi testado antes da sua utilização, para assim poder verificar as falhas e garantir a

fidedignidade, validade, operatividade. Por isso, optamos por “(...) perguntas fechadas foram de múltipla escolha, na qual apresenta uma série de resposta” (...)abrangendo várias facetas do mesmo assunto”. Assim como também, perguntas com mostruário, “As respostas possíveis estão estruturadas junto à pergunta, devendo o informante assinalar uma ou várias delas”

Nessa perspectiva, optamos por segmentar os participantes em quatro categorias distintas: **funcionários, 9ºI¹, 9ºI² e 9º I³**. Desse modo, o questionário foi respondido por 30 funcionários, distribuídos da seguinte forma: 5 membros do grupo gestor que corresponde a diretora, supervisora, coordenadora, 1 secretária, 5 mediadoras responsáveis pelo atendimento educacional especializado e 19 professores (as). E, por fim, participaram do questionário 23 estudantes do 9º I¹, 23 estudantes do 9º I² e 21 estudantes do 9º I³, conforme ilustrado o gráfico pizza subseqüente:

Ilustração 11- Distribuição dos respondentes do questionário por categoria da Escola Mário Vello Silves

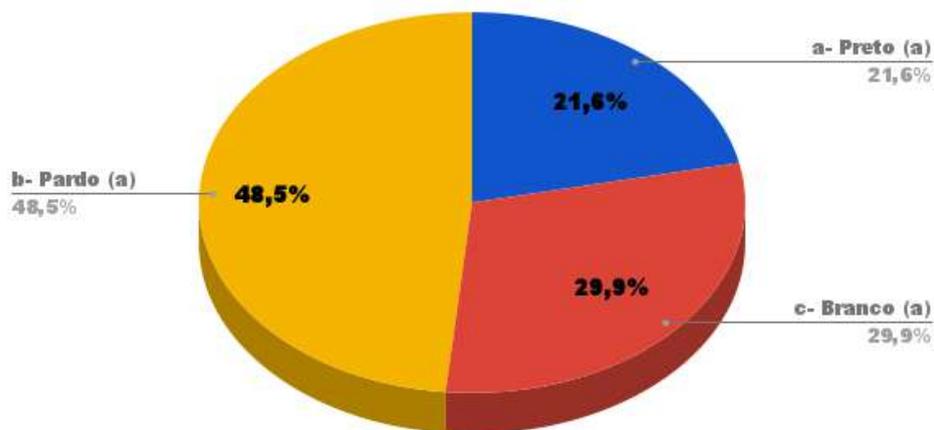


Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms.

Na composição desse estudo, 56 participantes se identificaram-se como feminino e 41 como masculino, evidenciando uma diversidade de gênero entre os respondentes. Na autodeclaração racial, 21 participantes identificaram-se como pretos, enquanto 29 se reconheceram como brancos e 47 como pardos. Percebe-se, que essa variedade é particularmente relevante em Conceição da Barra, uma cidade marcada por uma rica herança negra, na qual estão refletidas na sua história e cultura. Silva e Leão (2012) argumentam que a “identidade parda” merece um olhar atento, pois abrange uma parcela significativa e possivelmente crescente da população. Sendo assim, entender como as pessoas se identificam

e as razões por trás dessa identificação pode fornecer insights importantes sobre as dinâmicas sociais e raciais do país. Assim, como demonstra o quadro abaixo:

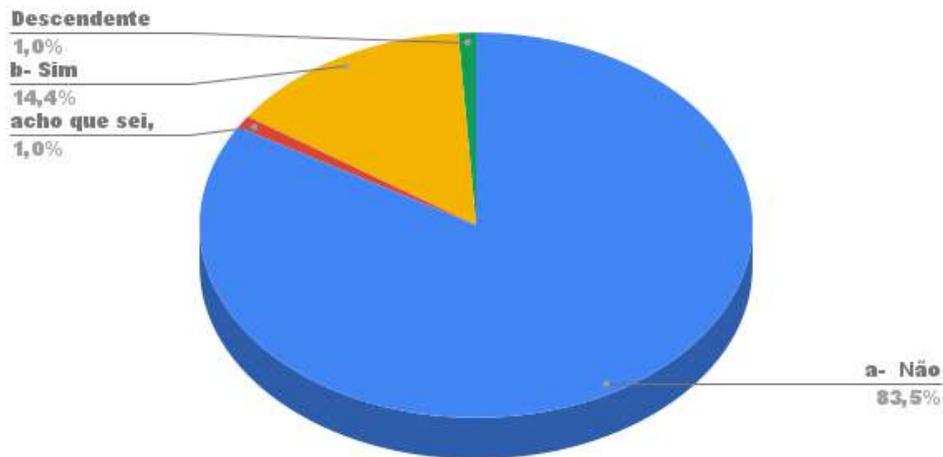
Ilustração 12 - Distribuição de autodeclaração racial na EMEF. Dr. Mário Vello Silves



Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms.

A Secretaria de Assistência Social de Conceição da Barra – Espírito Santo reconhece a existência de 17 comunidades quilombolas no município, do mesmo modo Ferreira (2011) afirma que as comunidades negras e camponesas de Conceição da Barra e São Mateus estão espalhadas pelos vales dos rios Cricaré e Itaúnas. Tendo em vista o exposto, no diagnóstico sobre o conhecimento de etnia, 79 participantes afirmaram entender o termo, enquanto 18 não. Quanto à identificação quilombola, 81 dos participantes negaram ser quilombola, 14 afirmaram sê-lo, 1 se identificou com descendente e 1 não soube responder. Além disso, 56 dos participantes responderam que não conhece a história da sua comunidade, enquanto 41 conhecem a história da sua comunidade. Quanto à identificação quilombola ver quadro abaixo:

Ilustração 13 - Autoidentificação quilombola na EMEF. Dr. Mário Vello Silveiras



Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms.

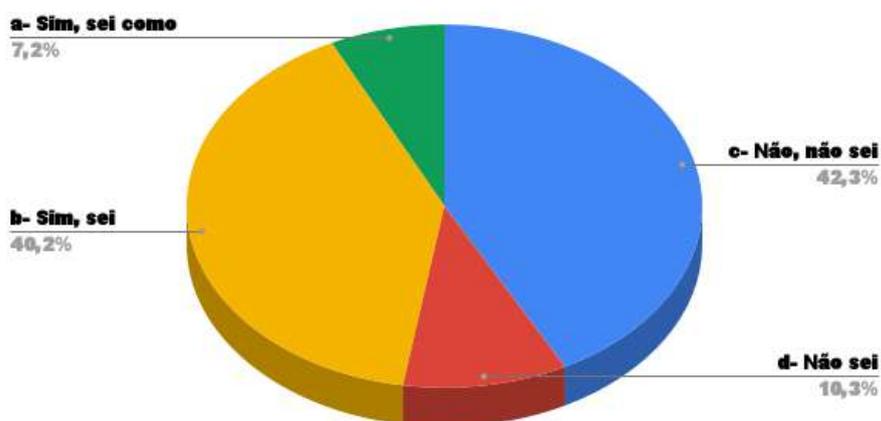
Ao considerar o conjunto de dados apresentados, vê-se que refletem uma complexa realidade sócio-cultural, onde a identidade quilombola e o conhecimento da história local parecem estar em um processo de desconexão. Visto que são 17 comunidades quilombolas reconhecidas dentro do município, contrasta com o número de indivíduos que se identificam como tal ou conhecem a história de suas comunidades. Os resultados obtidos nos indicam uma lacuna na transmissão de conhecimento e identidade cultural entre gerações ou uma possível resistência à auto-identificação devido a diferentes fatores.

Dando sequência à análise, o gráfico abaixo, buscou entender o nível de conhecimento sobre a organização quilombola entre os participantes. Dos 97 participantes, 41 afirmaram não saber como funciona a organização de um quilombo. Outros 39 disseram ter algum conhecimento sobre a organização do quilombo, mas não sabiam muita coisa. 7 participantes indicaram saber como funciona a organização quilombola, enquanto 10 não souberam responder. Esses dados apontam para a importância de iniciativas que promovam a conscientização e valorização da herança quilombola, garantindo que o conhecimento seja preservado e transmitido às futuras gerações.

Por outro lado, foi questionado sobre o significado do termo “quilombola”, 86 participantes assinaram que é uma pessoa que vive em uma comunidade rural ou urbana, descendente de pessoas que foram escravizadas e que resistiram a escravidão. Por outro lado, 5

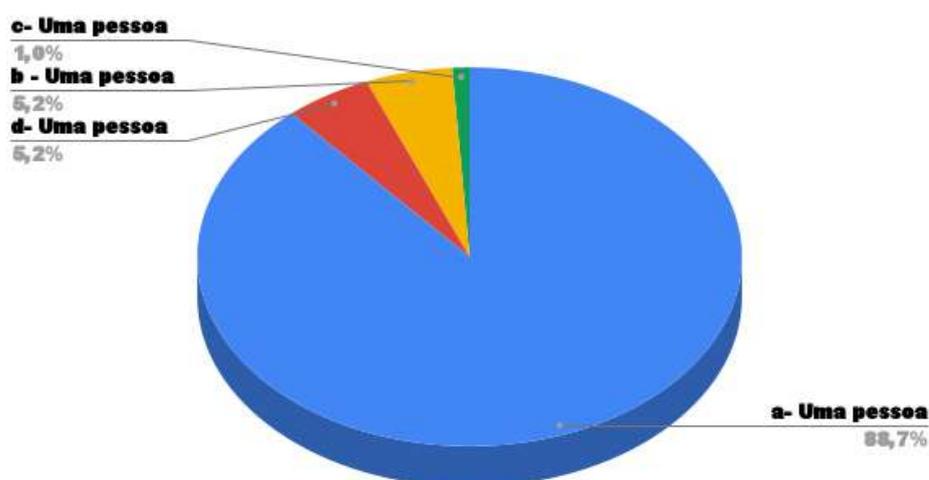
participantes associaram o termo a pessoas que vivem em comunidade ribeirinha, formada por agricultores e extrativistas que cultivam produtos orgânicos. Outros 5 acreditam que se refere a pessoas que vivem em comunidade urbana formada por imigrantes de diferentes países que vieram para o Brasil em busca de melhorias. E 1 participante assinalou que é uma pessoa que vive em uma comunidade litorânea, formada por pescadores e marisqueiros que dependem dos recursos naturais para sobreviver. Conforme ilustram os gráficos abaixo:

Ilustração 14 - Dados sobre o nível de conhecimento sobre a organização do quilombo



Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms.

Ilustração 15 - Interpretação do conceito “quilombola” no questionário diagnóstico

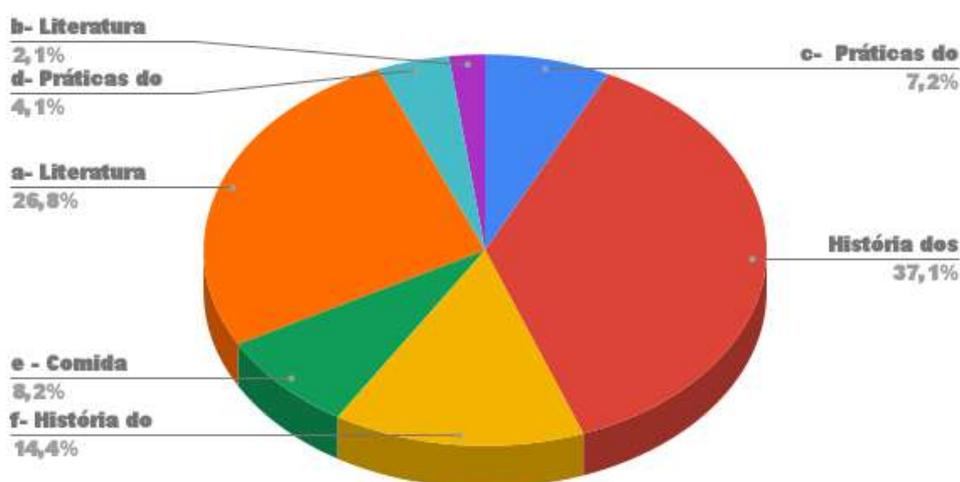


Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms.

Os dados dos gráficos apontam uma lacuna significativa no conhecimento sobre quilombos e a identidade quilombola em Conceição da Barra, visto que é uma região com 17 comunidades quilombolas identificadas. Desse modo, surge a necessidade de iniciativas educacionais que promovam uma compreensão mais profunda das raízes históricas, da organização social e das contribuições culturais dessas comunidades. É importante pensar que a educação antirracista e quilombola deve ser fortalecida para que todos cidadãos reconheçam e valorizem a diversidade e a riqueza cultural que os quilombos representam. Além do mais, é importante pensar que é essencial que a história e a organização dos quilombos sejam ensinadas de maneira abrangente, para desfazer mal-entendidos e estereótipos, e para fomentar o respeito e a inclusão em todos os níveis da sociedade.

É interessante observar, que foi perguntado aos participantes quais práticas são trabalhadas na escola Dr. Mário Vello Silveiras, 36 deles reconhecem o ensino das histórias dos heróis de resistência como: Silvestre Nagô, Zacimba Gaba, Negro Rugério entre outros. 26 participantes identificaram Literatura Afro-brasileira como parte do currículo, enquanto 14 mencionaram que a história dos quilombos do Sapê do Norte já foi abordada. Em termos de práticas culturais, 8 participantes destacaram as comidas típica quilombolas, 4 mencionaram práticas de alardo e ticumbi, 7 citaram jongo e 2 apontaram a literatura afro-religiosa como conteúdos trabalhados. De acordo com o gráfico abaixo:

Ilustração 16 - Dados sobre as práticas já trabalhadas na EMEF. Dr. Mário Vello Silveiras

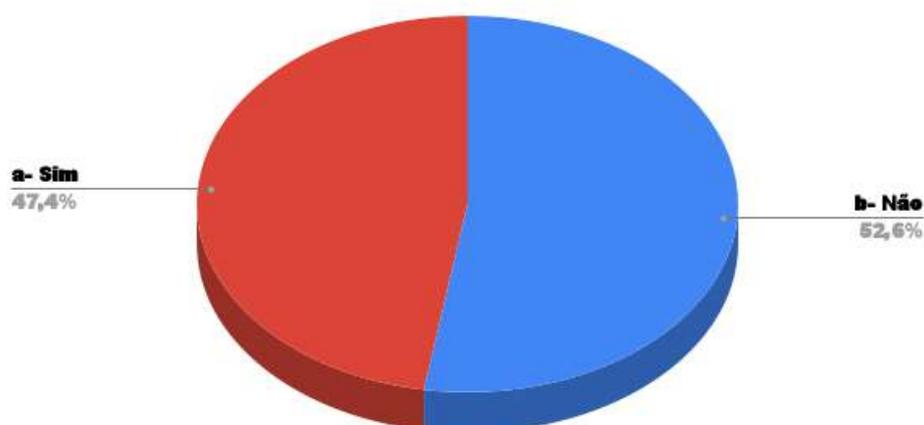


Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms

Em relação ao gráfico, a inclusão dessas práticas e conteúdos é importante para uma educação que busca valorizar a diversidade cultural e histórica. Porém, quando você compara com a organização dos quilombos e o entendimento do termo “quilombola” sugere que ainda há espaço para aprofundar o conhecimento sobre as comunidades quilombolas presente no município. Dessa maneira, a escola tem um potencial gigantesco de ser um espaço de reflexão crítica e de aprendizado sobre a realidade quilombola, penso que pode ir além da superfície e buscar explorar as complexidades de organização social, econômica e cultural desses quilombos. Acredito que isso não só enriqueceria o currículo da escola, mas também contribuiria para a formação de pessoas mais conscientes e respeitosas em relação à história e às contribuições dos quilombos a cidade de Conceição da Barra- Espírito Santo.

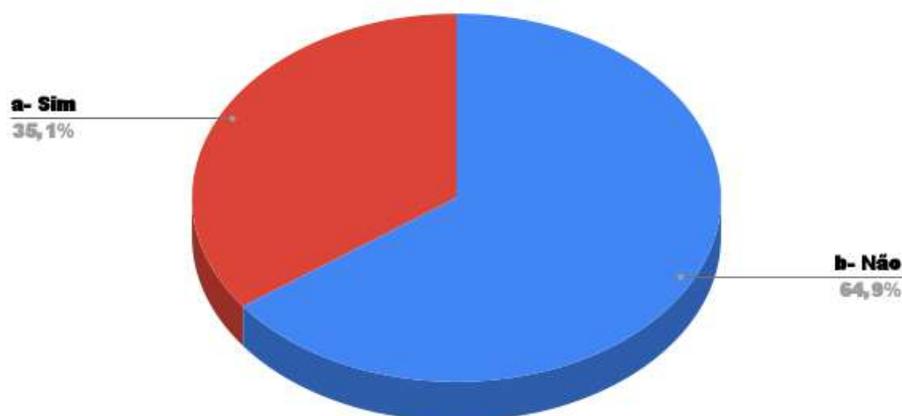
Atualmente, em Conceição da Barra, existem 8 grupos de jongos, o mais antigo é o Jongo de São Bartolomeu, enquanto o mais recente é o de Nossa Senhora Aparecida. . Quando questionados sobre o conhecimento de algum jongo 51 participantes afirmaram não está familiarizados com essa expressão cultural, enquanto 46 participantes afirmaram conhecer algum jongo local. Adicionalmente, indagou-se sobre o conhecimento de jongueiras da localidade, 63 participantes disseram que não, e 31 participantes afirmaram conhecer alguma. Conforme ilustra os gráficos abaixo:

Ilustração 17 -Conhecimento do Jongo na EMEF. Dr. Mário Vello Silvaes



Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms

Ilustração 18 - Reconhecimento das Jongueiras na EMEF.Dr. Mário Vello Silvaes



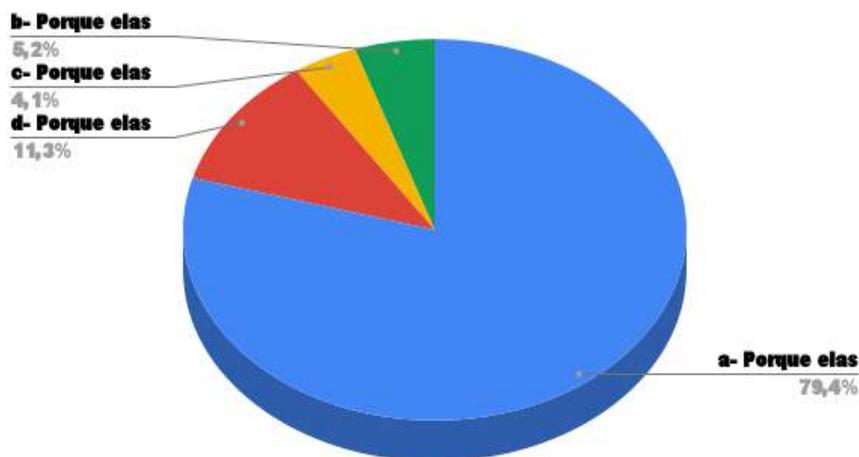
Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms

É importante refletir que os dados revelam uma divisão quase equitativa entre os participantes que conhecem e os que não conhecem o jongo de Conceição da Barra, uma expressão cultural significativa. Nota-se que a proximidade numérica entre os dois grupos sugere que, embora o jongo seja uma tradição presente, há uma parcela considerável da população que ainda não teve contato com essa forma de arte. Isso pode indicar a necessidade de iniciativas de divulgação e educação cultural para aumentar o reconhecimento e a valorização do jongo na comunidade. Além disso, o número menor de pessoas que conhecem jongueiras aponta para uma possível lacuna na transmissão do conhecimento e na visibilidade dos praticantes dessa tradição, o que reforça a importância de apoiar mestres e mestras do jongo na preservação e no compartilhamento de seu saber.

A pesquisa abordou a relevância de integrar as memórias das mulheres quilombolas do jongo no contexto educacional, 77 reconheceram a importância dessa ação, destacando o papel dessas mulheres na transmissão de saberes e fazeres do jongo para as novas gerações, mantendo viva a cultura quilombola. Outros 11 participantes salientaram que, por serem idosas e sábias da comunidade, essas mulheres acumulam experiências e histórias que merecem ser contadas. 5 apontaram importantes porque elas são as únicas que sabem cantar e dançar o jongo, sendo as protagonistas das festas e celebrações quilombolas. 4 participantes consideram importantes

porque elas são líderes políticas e religiosas da comunidade quilombola, tendo poder de influência sobre os demais membros. Como aponta o gráfico abaixo:

Ilustração 19 - A importância da memória das mulheres quilombolas do jongo na educação da EMEF.Dr. Mário Vello Silveiras

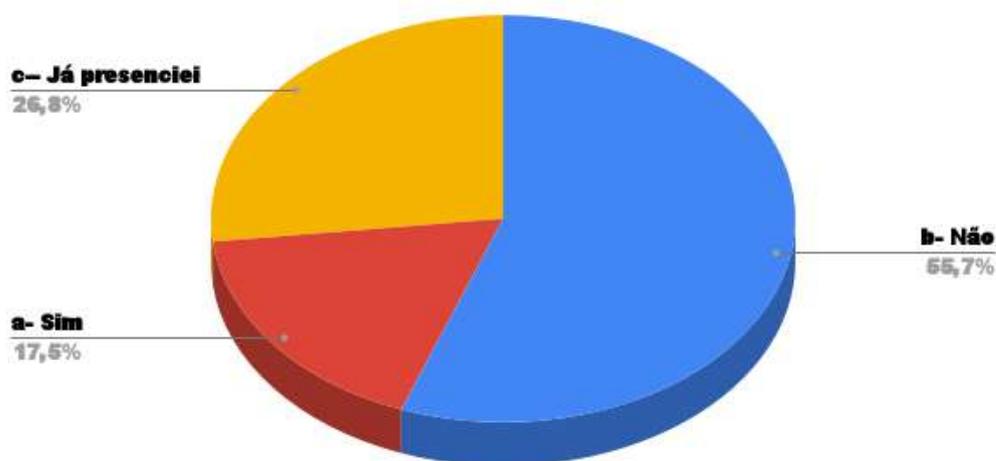


Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms

Considerando o exposto, os resultados da pesquisa evidenciam um reconhecimento generalizado da importância das mulheres quilombolas na preservação e disseminação da cultura do jongo. A maioria dos participantes valoriza a transmissão intergeracional de saberes, o que é fundamental para a sobrevivência de tradições culturais. A ênfase na sabedoria e nas histórias das mulheres mais velhas ressalta a necessidade de valorizar o conhecimento vivencial como parte do currículo escolar. A identificação de mulheres quilombolas como detentoras exclusivas de certos conhecimentos culturais aponta para a urgência de documentar e ensinar essas habilidades antes que se percam. Assim como também, a percepção de seu papel de liderança sugere que a inclusão de suas memórias no espaço escolar pode também inspirar futuras gerações a reconhecer e assumir posições de liderança em suas comunidades. É importante pensar, que essa análise destaca a importância crítica de integrar vozes e experiências das mulheres quilombolas no ensino, não apenas para preservar a cultura, mas também para fortalecer a identidade comunitária e o empoderamento feminino.

Na pesquisa realizada, perguntou-se aos participantes se eles já sofreram racismo. 54 dos participantes informaram que não, que nunca sofreram racismo, 26 disseram que já presenciaram casos de racismo e 17 afirmaram ter sofrido racismo. Em relação à experiência de racismo no ambiente escolar, 84 participantes negaram ter passado por tal situação, enquanto 13 confirmaram ter sofrido racismo na escola. Conforme é desenhado no gráfico.

Ilustração 20 - Incidentes de racismo



Fonte: Os dados apresentados neste gráfico foram coletados através de um questionário elaborado e distribuído via Google forms

As informações apresentadas refletem uma realidade preocupante sobre a presença do racismo no cotidiano escolar. A experiência de 17 indivíduos que já sofreram racismo pessoalmente e 13 que vivenciaram racismo na escola, um lugar que deveria promover a igualdade e o respeito, é alarmante. Embora esses números representem uma minoria dos participantes, destacam a necessidade urgente de políticas educacionais e ações afirmativas que combatam o racismo e promovam uma cultura de inclusão e diversidade. Outro ponto importante para ser destacado, é o fato de que mais pessoas presenciaram racismo do que as que sofreram diretamente sugere que há uma consciência crescente sobre o problema, mas também indica que muitos ainda permanecem como expectadores. É importante que a escola não apenas aborde o racismo de maneira reativa, mas também trabalhe proativamente para criar

um ambiente seguro e acolhedor para todos os estudantes, independentemente de sua raça ou etnia.

5.1.2 Visitas Técnicas à Comunidade Quilombola de Linharinho

Eu já ouvir falar muito do jongo, muitos falaram bem, mas muitos também falaram coisas ruins com por exemplo: “ ah, o jongo é coisa do diabo, fazem macumba, feitiço e etc”. Também já tive muita vontade de participar e também acho muito lindo as danças e o modo da cultura deles, porém com um pouco de medo por conta dos boatos ruins, mas quando fui conhecer realmente um pouco sobre a cultura do jongo com Dona Gessi, eu vi, ouvi coisa muito diferente do que já ouvir dos outros. Eu realmente achei uma experiência muito boa e diferente também. (...) Então, sendo bastante sincera eu amei bastante a experiência de ter ido lá e gostei bastante das palavras de Dona Gessi. O que eu mais gostei foi de uma canção que Dona Gessi cantou, achei muito lindo e diferente. Então, amei bastante de ter ido, se tivesse outras oportunidades de ir eu iria. (Estudante, T.J.P, 14 anos, 9º I³)

A partir da experiência da estudante na Comunidade Quilombola Linharinho podemos destacar um aspecto que é o conhecimento cultural. O valor significativo de vivenciar diretamente uma cultura para formar uma compreensão autêntica. Podemos notar que a estudante começou com uma percepção do jongo por influências por opiniões externas, algumas negativas e outras positivas, que incluem estereótipos e preconceitos. Porém, seu contato direto com Dona Gessi transformou essa percepção.

A experiência direta que a estudante teve com uma jongueira permitiu que ela superasse os boatos e medos infundados, substituindo-os por apreciação e entendimento. Assim, ouvir Dona Gessi, uma mulher jongueira serviu como um meio poderoso de conexão e expressão cultural, o que é evidenciado pelo impacto emocional que a canção teve sobre ela.

É importante pensar que essa experiência é um lembrete valioso de que as experiências culturais não devem ser filtradas apenas pelas lentes dos outros. Ao invés disso, devem ser exploradas pessoalmente, com uma mente aberta, permitindo que cada indivíduo forme suas próprias opiniões baseadas em interações autênticas.

Desse modo, a experiência da estudante para revisitar a comunidade e continuar aprendendo é um testemunho do poder positivo que uma experiência cultural direta pode ter na superação de barreiras e na promoção da compreensão intercultural.

Na visita técnica, os estudantes dos 9º anos I 1 , I 2 e I3 foram divididos em quatro grupos temáticos, cada um representando um pilar fundamental da identidade cultural quilombola. Desse modo, o primeiro grupo, denominado “Territorialidade”, buscou a conexão

profunda entre as mulheres quilombolas e sua terra ancestral. Por outro lado, o segundo grupo, chamado “Fé”, mergulhou nas práticas espirituais e na religiosidade que sustentam a comunidade. O grupo “Narrativas”, que se dedicou a desvendar as narrativas e lendas que são transmitidas através das gerações. Por fim, o grupo “Jongo” aprofundou-se no estudo dessa dança envolvente e de sua importância como forma de resistência e afirmação cultural.

A primeira visita técnica à Comunidade Quilombola Linharinho, realizada no dia **12 de abril de 2024**, foi um marco significativo na jornada educacional dos estudantes. Foram 34 estudantes, acompanhados por mim, a supervisora, uma mediadora para um estudante com necessidades especiais e o fotógrafo. Chegamos ao Ponto de Memória de Santa Bárbara por volta das 8 horas: 30 minutos. O ar fresco da manhã e o doce sabor das acerolas colhidas pelos estudantes deram boas-vindas a todos (as), enquanto o aroma da defumação preenchia o ambiente, anunciando a riqueza da tradição do Ponto de Memória de Santa Bárbara.

Nesse ambiente caloroso, fomos recebidos por Dona Gessi, a guardiã do Ponto de Memória de Santa Bárbara, cujo sorriso cativante e presença acolhedora imediatamente nos fizeram sentir parte da comunidade. Depois de acomodar todos os estudantes, apresentei-os à Dona Gessi, enfatizando a sua importância e a do espaço que ela zela. Assim, ela compartilhou conosco as histórias e a relevância do Ponto de Memória, e também nos apresentou a Almir, Teresinho da Comunidade Quilombola Angelim de Dentro e sua esposa Patrícia que também contribuíram significativamente com o processo.

Para abençoar a nossa visita, fomos surpreendidos por uma chuva repentina e revigorante, que podemos atribuir esse fenômeno climático a Santa Bárbara, que estava nos acolhendo naquele espaço. A chuva que nos acolheu passou tão rapidamente quanto chegou, deixando para trás um clima sereno e a sensação de que havíamos sido bem-vindos por forças maiores. Assim, com o clima reestabelecido, os estudantes aproveitaram a oportunidade para fazer perguntas e esclarecer dúvidas. Saímos da comunidade por volta de 10 horas e 40 minutos.

A segunda visita técnica foi no dia **19 de abril de 2024**. Saímos com 36 estudantes e duas professoras especializadas em atendimento a estudantes. Chegamos ao Ponto de Memória Santa Bárbara por volta das 8 horas e 20 minutos, onde fomos recebidos por Dona Gessi Cassiano, a guardiã do Ponto Memória e também estavam a professora Aissa da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), o fotógrafo que estava acompanhando, Léia da Comunidade quilombola São Cristovão, de São Mateus, Natan que é gerente na secretaria de cultura, quilombola da Comunidade de Santana e também jogueiro, Helen da Comunidade quilombola

Santana, Teresino e sua esposa Patrícia da Comunidade Angelim de Dentro, Almir e depois chegaram Didito e sua esposa Letícia.

A meu ver, o segundo dia de visita técnica foi o mais emocionante. Fomos calorosamente recebidos por Dona Gessi, que nos acolheu no Ponto de Memória todo perfumado pela defumação. Comecei explicando nosso objetivo para aquele dia, destacando a importância de cada um presente naquele dia e a continuação das nossas atividades que havíamos iniciado em 12 de abril.

Passei a palavra para Dona Gessi que expressou sua alegria em nos receber e a importância daquele encontro. Em seguida, convidou cada um dos convidados para se apresentar, falar um pouco da comunidade. Após as introduções, Dona Gessi nos guiou para fora, onde vivenciamos o ponto alto do dia, a apresentação da árvore Baobá, que emoção! Foi feito um grande círculo em volta da árvore, Dona Gessi compartilhou histórias, memórias, que momento profundo de grande emoção! Em seguida começamos a falar sobre o jongo.

Fizemos uma pausa para o lanche. Dentro do Ponto de Memória os estudantes deram continuidade às perguntas sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade, de acesso a saúde, educação. Encerramos a nossa visita com Dona Gessi entoando o canto para caboclo protetor das matas. Deixamos o Ponto de Memória por volta de 10 horas e 45 minutos, levando conosco memórias inesquecíveis dessa experiência enriquecedora.

Após as duas visitas técnicas na Comunidade Quilombola Linharinho, em sala de aula **refletimos sobre experiência vivida** naquele espaço, discutimos o que mais impressionou o que chamou atenção, as memórias que ficarão guardadas. Desse modo cada estudante procurou falar um pouco da experiência dentro da comunidade.

Antes de eu conhecer o ponto de memória, eu achava que era um lugar com pessoas que batiam tambor para poder fazer macumba, mas quando eu fui lá no dia 19 eu vi que não era isso. No ponto de memória para eles é um lugar sagrado e muito importante para eles, o jongo para eles é uma manifestação cultural, eles dançam, batem o tambor para poderem dançar, até as crianças participam na verdade todo mundo participa não importa a idade. Eu achei o lugar legal, lá tem uns quadros que representa a religião deles, lá também tem umas santas que representam a religião deles, mas na verdade eles têm várias religiões, eles se divertem bastante dançando jongo, quem dança é as mulheres e quem bate os tambores é os homens, as mulheres podem bater tambor, os homens batem porque eles têm mais força, e eu gostei bastante de conhecer o ponto de memória. (I.B.O.M, 14 anos – 9º I¹)

Percebe-se que a experiência da estudante na comunidade revelou uma realidade cultural rica e diversificada. Antes, ela tinha uma percepção equivocada do ponto de memória, associando-o a práticas espirituais negativas. Porém, ao fazer a visita, descobriu que é um espaço sagrado e de grande importância cultural. Outra estudante diz:

Antes de ter a experiência, já esperava ser uma chuva de conhecimento, e como o esperado realmente foi. Amei cada parte da pesquisa e Dona Gessi, achei muito interessante sua trajetória e a trajetória dos seus antepassados, irei levar isso para vida. Só me decepcionou foi que muitas pessoas não sabem da existência do quilombo ou olham com intolerância religiosa o que é uma coisa ridícula. (M.E.M.C, 14 anos, 9º I²)

A estudante reflete uma experiência uma apreciação profunda pelo conhecimento adquirido, assim como também pela história de Dona Gessi e seus antepassados, destacando a importância de preservar e valorizar tais narrativas. Portanto, a estudante mostra-se uma preocupação legítima com a falta de conhecimento e a intolerância religiosa que ainda permeiam a percepção de muitos sobre comunidades quilombolas.

Bom, a experiência de está no local é única, sinceramente eu não esperava que trouxesse uma paz tão grande no coração. Gostei muito dos ensinamentos que dona Gessi transmitiu para a gente e espero voltar lá mais vezes. (K.S.B, 14 anos, 9º I²)

A fala da estudante K.S.B, de 14 anos traz uma reflexão positiva e emocionalmente significativa no Ponto de Memória, onde Dona Gessi é guardiã. A unicidade da experiência e o impacto inesperado que teve em seu estado emocional, trazendo-lhe paz. O Ponto de Memória de Santa Bárbara é um ambiente acolhedor e tranquilizador, capaz de provocar sentimentos de serenidade a quem visita. É importante destacar o apreço da estudante pelos ensinamentos de Dona Gessi, indicando que a interação foi não apenas emocional, mas também educativa.

Achei a minha experiência no Ponto de Memória muito diferenciada, nunca tinha visitado um lugar assim antes e achei incrível, em um único lugar ter pessoas contando diversas experiências sobre suas vidas. Lá é um lugar bem colorido com um altar variedades de cores, dessa forma transmitindo um sentimento de pura paz. Ao redor do local é percebido a forte presença de plantas, deixando o local ainda mais bonito. É nítido o quanto Dona Gessi ama o Ponto de Memória e o quanto esse lugar é importante pra ela. (E.A.F, 14 anos, 9º I²)

De acordo com a estudante o Ponto de Memória é único e incrível, ela destaca a importância do espaço que promova a interação, a oralidade e a transmissão de conhecimento, elementos fundamentais na preservação da cultura quilombola. Desse modo, o espaço cumpriu o papel de educar, preservar e celebrar a cultura local.

Após o compartilhamento das experiências, os grupos de estudantes se dedicaram a tarefa de transcrever as entrevistas realizadas no dia 12 e 19 de abril de 2024. Vale ressaltar, que a atividade de transcrição não foi apenas um exercício de documentação, mas também uma oportunidade de refletir sobre as narrativas coletadas no Ponto de Memória.

Com a transcrição em mãos os grupos puderam compartilhar as idéias, as narrativas coletadas. Um momento de troca muito essencial para construir uma compreensão coletiva e aprofundada. Assim, as narrativas orais coletadas, agora registradas em papel, transformaram-se em um mosaico de vivências que destacam a riqueza cultural e a importância da preservação da memória.

Posteriormente, um fervilhar de ideias tomou conta da sala de aula. Após as discussões das transcrições das entrevistas, a questão surgiu: O que faremos com essas informações coletadas? O que fazer para que outras pessoas tenham acesso a essas informações? Como organizar essas informações? Foi comum entre outros grupos a necessidade de compartilhar os conhecimentos adquiridos.

Inicialmente, foi sugerido a ideia de um jornal, no entanto a proposta não foi aceita por ser um gênero um pouco ultrapassado e não captura a essência da modernidade. Assim, foi sugerido uma plataforma onde o conteúdo pode ser compartilhado livremente, alcançando um público mais amplo e diversificado.

Prontamente a proposta foi aceita com entusiasmo. O próximo passo foi batizá-la, diversos nomes foram sugeridos, cada um refletindo uma faceta diferente da Comunidade quilombola Linharinho. A primeira proposta foi RAIZES DO LINHARINHO, depois VOZES DO LINHARINHO, mas foi LINHARINHO SOB O NOSSO OLHAR que capturou a essência do projeto. O título da revista falava da visão íntima e pessoal do grupo Fé, da turma do 9º P.

Assim, o material de Referencial de Práticas Pedagógicas – LINHARINHO SOB O NOSSO OLHAR é uma janela para as narrativas coletadas no Ponto de Memória de Santa Bárbara, uma celebração de histórias, das pessoas e da cultura que formam o tecido vibrante dessa comunidade quilombola.

Com a visão clara e a determinação acesa, vamos mãos à obra! Os grupos se prepararam para a empreitada, uma empreitada que prometia não apenas compartilhar conhecimentos, mas

também celebrar as narrativas, a diversidade e riqueza cultural. A plataforma escolhida para produzir o material virtual foi o Canva, uma ferramenta de design gráfico que oferece flexibilidade e facilidade de uso, permitindo que a criatividade flua sem barreiras técnicas.

Selecionei um designer para liberar o projeto visual, garantido que a estética da revista refletisse o espírito vibrante da comunidade. Desse modo, o designer foi compartilhado para os grupos, estabelecendo o terreno comum para a organização e produção colaborativa.

6. MEMÓRIAS VIVAS DAS MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LINHARINHO: APRESENTAÇÃO DAS INFORMAÇÕES COLETADAS.

Bote o ouvido na terra e escute o mundo
(Baco Exu do Blues, 2019)

É preciso conexão direta com a natureza e com as raízes ancestrais, ou melhor, é preciso **botar o ouvido na terra e escutar o mundo**. As mulheres negras quilombolas da Comunidade de Linharinho, são mulheres que têm uma relação profunda com a natureza, elas preservam tradições, conhecimentos e práticas transmitidas de geração em geração. É preciso botar o ouvido na terra, ouvir as vozes dos ancestrais, compreendendo suas experiências, luta e sabedoria. É preciso uma escuta atenta para honrar e manter viva a memória daqueles que vieram antes de nós. Essas mulheres são repletas de memórias, saberes que são de grande importância para a Comunidade Quilombola de Linharinho. Antes de começarmos a apresentação dessas memórias, faremos um breve perfil das entrevistadas, no qual serão apresentados, os nomes, idade, etnias, formação e ocupação.

Ilustração 21 - Perfil das entrevistadas

ENTREVISTADAS	IDADE	ETNIA	FORMAÇÃO	OCUPAÇÃO
Gessi	65	Quilombola	3º série Ens. Fundamental	Mestra do Jongo, Presidenta da Associação das Mulheres Quilombolas
Luandra	28	Quilombola	Bacharel em Direito	Coordenadora de projetos da Associação da Comunidade

				Quilombola de Linharinho – ACQL
Juliana	28	Quilombola	Ensino Médio	Associação da Comunidade Quilombola de Linharinho/ Membro da Associação das Mulheres / Secretária da Igreja Santa Bárbara.
Leticia	27	Quilombola	Engenheira Química	Alcon

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024.

Baco Exu do Blues nos chama a atenção em relação à escuta atenta. A escuta atenta é uma forma de fortalecimento, permitindo que essas mulheres se sintam a vontade, e também que tenham conexão com sua própria força interior e com a força coletiva. É preciso está atento a cada detalhe dito por essas mulheres negras quilombolas, a cada gesto, expressão facial que possa transmitir suas emoções e sentimentos.

Desse modo, seguindo as orientações de Paul Thompson (1992) em relação à abordagem na entrevista utilizamos uma forma de conversa mais amigável, informal, para que as entrevistadas pudessem se sentir a vontade. Assim como também “(...) interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar” (Thompson, 1992, p.254).

Por outro lado, Halbwachs (1990, p. 54) nos fala que a Memória Individual “*não está inteiramente isolada e fechada*”, porque ela é moldada por interações sociais, nossas lembranças são influenciadas por outras pessoas, conversas, histórias. O funcionamento da Memória Individual “*não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o individuo não inventou e que emprestou do seu meio*”. Assim, a Memória Individual depende essencialmente de instrumentos externos, que são âncoras para nossas lembranças, permitindo evocar experiências do passado. A Memória Individual é “*limitada muito estreitamente no espaço e no tempo*”, pois limita-se ao que sujeito vivenciou em locais específicos, assim como também são seletivas, refere-se a momentos específicos.

Paralelamente, Halbwachs (1990, p. 54) explica que a Memória Coletiva é também limitada, porém seus limites são *mais restritos*. Ela é compartilhada por um grupo de pessoas ou comunidade, podemos dizer que ela é um acervo de acontecimentos, experiências, tradições e valores que são transmitidos de geração em geração, desse modo, molda a identidade e história

dessa comunidade. Os limites são *bem mais remotos*, porque não está restrita às vivências individuais de uma única geração.

Desse modo, Halbwachs (1990, p 53) distingue:

Seria o caso, então de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (Halbwachs, 1990, p. 53).

Desse modo, Halbwachs (1990, p.53) sugere que podemos distinguir duas memórias: a memória autobiográfica, ela é pessoal, individual, mais subjetiva, baseado em suas experiências, emoções e vivências. Por outro lado, a memória histórica, ela é social, coletiva, compartilhada por um grupo ou comunidade, - é importante entender que ela vai além das experiências individuais, e abrange eventos históricos, tradições culturais e narrativas coletivas. Assim, memória individual e memória coletiva frequentemente se entrelaçam, pois memória individual pode recorrer à memória coletiva a fim de confirmar lembranças, preencher lacunas e obter precisão nas informações.

Segundo o pensamento de Pollack (1989, p.7) a memória coletiva é uma operação compartilhada que envolve eventos e interpretações do passado. “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis”. Portanto, a memória coletiva desempenha um papel crucial na identidade, coesão e dinâmica social, conectando passado e presente.

Agora trazendo as quatro mulheres quilombolas, da Comunidade Quilombola de Linharinho, que desempenham um papel central nesta pesquisa, podemos perceber que a Memória Individual e a Memória Coletiva se tornam meios essenciais para essas comunidades construir e apresentarem a significação história, religiosa, cultural a outros grupos sociais e aos seus próprios membros.

Desse modo, Tedeschi (2014, p. 31) nos fala sobre a recuperação da memória coletiva e individual das mulheres:

Por tal motivo a recuperação da memória coletiva e individual das mulheres cumpre um fim bem específico – tornar possível a reconstrução e apropriação coletiva do passado, o que nos ajuda a compreender o presente histórico, favorecendo a formulação e reformulação dos projetos e realidades atuais (Tedeschi, 2014, p.31).

É a reconstrução e apropriação coletiva do passado, que nos ajuda a compreender o presente histórico. “A recuperação da memória feminina nos ajuda a fortalecer os processos de discriminação e de resistência à hegemonia dos discursos de poder e de sistemas de representações androcêntricos presentes” (Tedeschi, 2014, p.32).

Por fim, Tedeschi (2014, p.32) destaca:

A recuperação da memória numa perspectiva de gênero atua como elemento de libertação dos sujeitos frente à negação de sua identidade imposta historicamente pelo discurso universalizante e patriarcal. A negação desse passado feminino pela historiografia tem até o presente mantido esses sujeitos identificados com os modelos de consentimento ligados aos papéis da natureza, do privado, do cuidado. Ao se apossar de suas próprias histórias, as mulheres se apropriam criticamente do passado, o que leva a assumir os problemas do presente (Tedeschi, 2014, p. 32).

Dessa maneira, recuperar a memória dessas mulheres quilombolas da Comunidade Linharinho desempenha um papel fundamental como um *elemento de libertação*, pois historicamente o *discurso universalizante e patriarcal* negou a identidade dessas mulheres.

6.1. Categoria de Luta e Resistência

Exploraremos aqui, a Categoria de Luta e Resistência das mulheres da Comunidade Quilombola de Linharinho. Apresentaremos os apontamentos das entrevistas, seguindo a construção das questões norteadoras: **Como pensar a Educação Escolar em uma comunidade quilombola? Como resgatar a memória das mulheres do jongo de Conceição da Barra, valorizando sua fé e sua resistência de maneira que possam contribuir para a educação escolar quilombola?** A fim de compreender os desafios enfrentados por essas mulheres negras quilombolas, do município de Conceição da Barra – Espírito Santo, Comunidade Quilombola de Linharinho, como elas se unem para preservar sua cultura reivindicar seus direitos e enfrentar a opressão.

Segundo Thompsom (2002, p.16-17) destaca que:

(...) a história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos. Essas vozes ocultas são acima de tudo de mulheres – e é por isso que a história oral tem sido tão fundamental para a criação da história das mulheres; mas existem muitas outras, tais como os trabalhadores que não estão organizados em sindicatos, os muito pobres, os deficientes, os sem-teto ou grupos marginalizados. No Brasil isso inclui particularmente os povos indígenas, as comunidades rurais de ex-escravos que viviam nos quilombos e, acima de tudo, as famílias das favelas das grandes cidades (Thompson, 2002, p.16-17).

As mulheres negras da Comunidade Quilombola de Linharinho são tesouros valiosos que nos conectam com o passado e nos permitem entender suas lutas, resistências, experiências. As mulheres quilombolas têm sido fundamentais para a sobrevivência e resistência do quilombo, sendo elas verdadeiras guardiãs das memórias.

Andrade (2021, p.87) destaca a importância de práticas quilombadoras, políticas, culturais e religiosas no trabalho das mulheres escravizadas e pós-escravizadas, tanto no campo, quanto na cidade. São:

(...) práticas quilombadoras, políticas, culturais, religiosas, que até hoje são reconhecidas nos terreiros das zeladoras de santo, “Mães” Matriarcas, nas lutas políticas das ancestrais. Mulheres como Aquatune, Dandara, Constância de Angola, Zazimba Gaba, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Luiza Bairros, Mestre Nêga (Jongueira Sapê do Norte), Mestre Gessy (Jongueira Sapê do Norte), Mestre Maria Amélia (Jongueira Sapê do Norte), são mulheres que incorporaram em seu “DNA”, essas lutas e de alguma forma se autorreferenciam em suas estratégias de enfrentamento. Nessas lutas, a resistência agregadora, transforma o coletivo, principalmente por se constituir em um espaço a mais para companheirismo e solidariedades estimuladas nos convívios e partilhas cotidianas (Andrade, 2021, p.87).

A resistência agregadora dessas mulheres transforma o coletivo, criando assim um espaço adicional para a solidariedade, companheirismo nas interações do cotidiano. Dessa maneira, a partir das entrevistas fica evidente que o processo de luta e resistência dessas mulheres negras quilombolas teve início desde cedo. Mesmo assim, essas mulheres nunca deixaram de sonhar, de persistir, de seguir em frente na luta pelos seus direitos, como mostra no quadro abaixo:

Ilustração 22- Categoria Luta e Resistência

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
(...)tudo isso que nois tinha a firmá tirou, tirou nossa água, tirou nosso solo, é por isso que fala, que antigamente dizia um território saudável, hoje existe no olhar das pessoas, território amaldiçoado, mas pela firmá é o eucalipio e a plantação de cana que caba com nosso solo.	Gessi Cassiano – 12 de abril de 2024
(...) ser mulher quilombola e preta, é força, é garra e sempre seguir o caminho de cabeça erguida. Nunca abaixar a cabeça. Já abaixei a cabeça várias vezes. Mas hoje eu aprendo, já aprendi bastante, que eu não tenho que abaixar a cabeça pra ninguém, não. Eu tenho que pisar mesmo, então, eu piso na cabeça da serpente.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
Na comunidade, minha relação é lutar junto com todos lá dentro, né? Lutar pelas coisas que a gente precisa, pelas coisas que é nossa, a gente dá ênfase na terra, né. Que a gente luta muito pelas terras, e trabalhar em união, também lá. A gente gosta muito de trabalhar unidos, né! Um sempre ajudando o outro, lá na comunidade. A minha relação é essa, né?	Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024
A principal luta é conseguir as terras tituladas que o povo que veio no passado comprou e acabou pegando a mais. Então, hoje em dia, é querer pegar de volta o que é dele. Ou seja, a Suzano, que hoje em dia é Suzano, que lá atrás não era Suzano, que teve vários nomes pra trás, o Vivaldo. Os outros que compraram a terra, quando eles vieram comprar, o que o povo fala é que eles vieram comprar um pedaço. “Ah, eu quero dois hectares”. Eles não pegavam dois hectares, eles pegavam quatro. Então, eles pagavam por dois, mas era quatro. Então, hoje em dia, é mais ter essa posse da terra titular em mãos do que é dele, do que é nosso, o direito. Essa é a principal hoje em dia que nós temos.	Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
(...) se não for os nossos mais velho, que nós chamamos de ancestrais, os nossos mais velho, que nós conversamos de resistência, passar o que nós falamos aqui, nós não teria resistido. Esse ponto de memória foi refeito com barro, vara, areia e com várias mãos. Várias mãos ele foi passado. Vocês vêem que aqui tem uma parte de lajota, que passou aí pra trás vê que tem uma parte de estuco. E aí quando nós pensamos, porque eu nunca imaginei... E a gente, pra dar continuidade dentro da nossa tradição, a gente tinha que passar por prova, criar família, criar amigos.	Gessi Cassiano – 12 de abril de 2024
Lá dentro do quilombo é de força, assim superação de força, né? Porque lá eles negociam muito assim, as coisas vão à frente porque é dos jovens, principalmente das mulheres, né? Então, as mulheres tudo lá tá de frente, a gente não deixa nada passar batido assim, a gente sempre tão ali dando força a todo mundo, em todos os sentidos. Na roça, no trabalho, assim, em todos os sentidos, a gente tá ali, as mulheres negra, ali dando força.	Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024

Assim, Fanon (2022, p 57) vai nos dizer que “A colonização ou a descolonização é simplesmente uma relação de forças. O explorado se dá conta de que sua libertação supõe todos os meios e em primeiro lugar a força”. Essa perspectiva ressoa nas vozes dessas mulheres negras quilombolas que são resistentes, enfrentam desafios e lutam pelos seus direitos.

As entrevistadas relevam como suas terras foram exploradas e esgotadas, retirando recursos naturais como água e solo, e como isso impactou negativamente o território. Ao mesmo tempo percebemos na fala de Dona Gessi quando ela diz do olhar externo que muitas vezes estigmatiza essas áreas, consideradas “amaldiçoadas”, porém, a exploração real provém do cultivo de eucalipto e cana de açúcar.

É importante perceber a forças dessas mulheres negras quilombolas, que se recusam a abaixar a cabeça, e enfrentam os desafios com determinação. Assim como também, vale destacar a coletividade da comunidade para lutar por suas necessidades, e também a importância da ancestralidade, dos mais velhos que desempenham um papel crucial na resistência.

Para uma melhor compreensão mais aprofundada da categoria ‘Luta e Resistência’, dividimos em subcategorias. Desse modo, essas subcategorias incluem memórias relacionadas a: O Jongo como saber ancestral feminino, Fé, Santa Bárbara, a padroeira da Comunidade, Infância, Ser Mulher Negra Quilombola, Educação Quilombola. Assim, começaremos nossa análise explorando as memórias do jongo.

6.1.1 O Jongo como saber ancestral feminino

Oh, senhora Carmem a sua missão acabou. Mas tem meu
São Berto que foi o seu protetor!

A cantiga “*Oh, senhora Carmem a sua missão acabou. Mas tem meu São Berto que foi o seu protetor!*” é um exemplo de como a memória quilombola se manifesta através da música e da oralidade. Essa cantiga foi cantada pelo grupo de Jongo de São Bartolomeu no dia do velório da minha tia Carmem, uma mulher negra e quilombola que dedicou a sua vida à preservação e à difusão do Jongo, uma expressão cultural de origem africana que envolve dança, música e canto.

É importante notar que a cantiga revela alguns aspectos da memória e da identidade quilombola, tais como: a valorização da trajetória de vida da minha tia como uma missão cumprida; a devoção ao São Berto, o santo padroeiro do Jongo, que também é associado ao orixá Xangô ou Oxumaré na religiosidade afro-brasileira; e a esperança na vida eterna, que transcende a morte física.

Nesse sentido, é interessante perceber que essa cantiga também é uma forma de resistir ao silenciamento e ao esquecimento impostos pela sociedade dominante, que nega e invisibiliza a história e a cultura dos povos afro-brasileiros. É preciso considerar que ao cantar essa cantiga, os jongueiros homenageiam a minha tia e transmitem a sua memória para as próximas gerações, fortalecendo os laços de pertencimento e de continuidade da comunidade quilombola.

Atualmente, em Conceição da Barra- Espírito Santo, existem oito grupos de Jongo. O mais antigo é o grupo de São Bartolomeu, enquanto o mais recente é o de Nossa Senhora Aparecida. Na região como um todo, há um total de onze grupos, sendo três em São Mateus e oito em Conceição da Barra. Nota-se que esses grupos desempenham um papel importante na preservação e celebração dessa rica tradição cultural.

De acordo com os mais velhos, o jongo nasce na senzala como um momento festivo, mas também de muita dor, como destaca Dona Gessi “(...) Porque o jongo é dor, alegria e sofrimento. É duas coisas ligada à ancestralidade o couro e a madeira, o couro é um alimento e no mesmo instante é uma criação abençoada, porque o couro tem que ser de boi e a madeira é a natureza, é a madeira”. Assim, para evitar que os negros ouvissem o sofrimento dos que estavam no tronco, eles realizavam rodas de jongo. Além disso, o jongo era dançado durante os intervalos de sessão de umbanda e das mesas que tinham naquela época.

Andrade (2021, p. 81) destaca a interligação entre o jongo e caxambus com as percepções da arte e as geografias do corpo. É importante pensar essas práticas não apenas como dança, música e poesia, mas também territorialidade, pois não expressam apenas ancestralidade e circularidade, e sim, afirmam identidades e resistências.

Hall (2003, p. 248) enfatiza a tensão entre tradição, resistência e interpretações equivocadas sobre a cultura popular:

E a tradição popular constituía um dos principais locais de resistência as maneiras pelas quais a "reforma" do povo era buscada. E por isso que a cultura popular tem sido há tanto tempo associada às questões da tradição e das formas tradicionais de vida — e o motivo por que seu "tradicionalismo" tem sido tão frequentemente mal interpretado como produto de um impulso meramente conservador, retrograde e anacrônico. Luta e resistência — mas também, naturalmente, apropriação e a expropriação.

Assim, o jongo é uma prática de luta e resistência, pois preserva a cultura afro-brasileira e mantém vivas práticas ancestrais. Podemos entender esse “tradicionalismo”, como uma

afirmação da identidade e luta contra a opressão, pois o jongo é mais do que uma dança, é cultura que afirma identidades e resistências.

Assim, ao compor o quadro a seguir com base nas falas das entrevistas, podemos compreender melhor sobre o jongo.

Ilustração 23 - O Jongo como saber ancestral feminino

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
Quando ela é dançada com a sabedoria que deve ser, hoje as pessoas dançam para se amostrar. Porque o jongo é dor, alegria e sofrimento. É duas coisas ligada à ancestralidade o couro e a madeira, o couro é um alimento e no mesmo instante é uma criação abençoada, porque o couro tem que ser de boi e a madeira é a natureza, é a madeira (...).	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024
(...) A gente trabalhou por um tempo com o jongo de Santa Bárbara, não somente na dança, nos tambores, na cantiga, mas também como história, né? Foi também como história pra gente também, com as meninas.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
É uma dança de liberdade. A gente, quando está dançando lá a gente se sentia tão liberto, eu acho que é porque já vem do povo da gente de antigamente, né? Quando eles tinham alguma vitória, os escravos tinham alguma vitória, que ia dançar e ia bater o tambor. Aí a gente já veio com aquilo, que quando batia o tambor, a gente já começava a dançar na roda.	Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024
Além da cultura, a amizade, a alegria de brincar, de estar reunido, de mostrar para o mundo a nossa cultura, a nossa realidade, que a gente olhe, a gente já foi em vários lugares e já fomos muito aplaudidos. Tipo, a gente nunca espera isso, ser reconhecido na nossa cultura e que na comunidade você reconhecido: “olha o jongo, esse jongo é do Linharinho”. Eles falam assim: “ah, o jongo é diferente, né?” “É diferente”. “Mas por que é diferente?” “Ah, porque a gente mistura o jongo, aquele jongo que é o jongo mais tradicional, com um pouco de dança africana”. Entendeu?	Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
(...) O jongo você segura aqui na ponta da bainha, a saia ela tem que ser rodada, porque você suspende o lado e aqui ela cria barreira, atrás ela cria barreira, no tudo que você faz isso é que a saia que tem fazer o movimento, às vezes você só faz isso, a saia é que tem que fazer o movimento. E hoje eles suspendem a saia pra rodar.....	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024
Eu acho que é alegria, a sensação de poder dançar, a sensação de poder mostrar algo que nossa comunidade tem, que é diferente, que ninguém nunca viu, que muitas pessoas nunca viram, que muitas pessoas têm curiosidade de ver.	Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
(...) porque o jongo era para esconder o grito da dor, esconder o fugimento de negros na senzala. O jongo era para esquecer as dores, trazer a paz e a alegria. Você ta entendendo o que é o jongo? Você pode estar quietinho, mas se forma uma roda de jongo, né, pra quem busca dá três toques no tambor, você já se alerta: Ólha! Vai ter jongo, alguém bateu tambor. Então, é um alerta, hoje não existe mais, mas a comunicação de um tambor dentro de um quilombo o eco leva de um a outro.	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024

As falas das entrevistadas revelam uma profunda conexão com o jongo, uma dança tradicional africana, que se tornou parte essencial da herança ancestral dessas mulheres quilombolas. Evidencia-se uma profunda ligação ancestral, sendo transmitido oralmente, preservando memórias e tradições.

Os estudos de Hall (2003, p. 136) consideram a cultura como um conjunto de valores e significados compartilhados, pois segundo o autor ela não fica estagnada, ela se transforma e se adapta ao longo do tempo. De acordo com o seu pensamento:

A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas – “dentro de identidades e correspondências inesperadas”, assim como em, “descontinuidades de tipos inesperados” - dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais. A análise da cultura e, portanto, "a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos” (Hall, 2003, p. 136).

Hall (2003) vai destaca a cultura como um conjunto de valores e significado compartilhados. As falas das entrevistas refletem essa visão, pois elas descrevem o jongo como algo que vai além da dança e dos tambores, que representa ancestralidade, carregada de memória, história, identidade e a liberdade do seu povo.

Assim como Hall (2003) defende, a cultura não é apenas um conjunto aleatórios de elementos, mas sim um “padrão de organização” que estrutura e dá forma a vida social. No contexto do jongo, essa organização se manifesta por meios movimentos específicos coreografados, ritmos de tambores e a formação de uma roda. Além disso, o jongo evolui no decorrer do tempo, misturando elementos tradicionais com influência africana. Essa combinação representa a “descontinuidades de tipos inesperados”, pois transcende as fronteiras culturais e cria algo novo e único, mas sem perder a sua essência.

Por fim, seguindo ao pensamento de Santos (2023, p.32) a roda do jongo é expressão coletiva, onde cada integrante contribui para a tradição e a ancestralidade, em uma abordagem não competitiva. Como afirma Santos (2023):

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e números ilimitados de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar de juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que

assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas formas integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade (Santos, 2023, p.32).

6.1.2 - Fé

Santos (2023, p. 38) nos diz que:

No quilombo, somos compartilhantes, desde que tenhamos nascido aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento. E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas. Somos apenas moradores quando não temos uma relação de pertencimento, quando estamos aqui, mas partimos na primeira possibilidade que tivermos (Santos, 2023, p.38).

A relação de pertencimento transcende a mera ocupação geográfica, vai além, envolve uma conexão profunda e espiritual. A fé quilombola está enraizada, pois há conexão cultural, espiritual com a terra, ancestralidade e a tradição.

Ilustração 24 - Fé

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
(...) vou botar com dois mês de nascida, eu fui representada, pra ela, na Mesa de Santa Bárbara, agora pra quem eu não sei, na Mesa de Santa Bárbara. Quando eu completei três meses, eu tive que ser batizada, na Mesa de Santa Bárbara.	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024
(...) Aí, eu tenho muitas memórias dela no terreiro dela, que era uma casa que era pertinho da casa dela, ainda tem até hoje. Algumas pessoas fazem festa de Cosme e Damião lá. E eu lembro dela sempre trazendo bala pra gente, para eu e minha irmã, doces também, e sempre ensinando alguma coisa que ela aprendia, alguma coisa nova, igual falei sobre as ervas medicinais, sobre os banhos que curam, os banhos que dão alívio.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) Lá na minha comunidade, eu, tem várias outras culturas né? Tem quem mexe com condombré, tem um que é da religião católica, hoje até, era tudo misturado, mas hoje até que deu uma separada que eu não entendi o porquê. Mas eu, eu mesmo, hoje em dia, eu sou mais na igreja católica. Minha religião é lá na igreja católica, sou devota de Santa Bárbara, né? Mas não quer dizer que eu já participei de outra, não, que eu já. Lá minha avó, tinha o centro dela, não tem? E aí a gente participava.	Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024

(...) Porque a gente sabe que a gente vive, aquilo ali é como se a gente tivesse um pouco da matriz africana do povo que veio da África pra gente, onde a gente está permanecendo, mostrando que a fé da comunidade não morreu em relação ao que o povo africano trouxe. E a gente está cultivando algo dos nossos ancestrais, que veio lá do passado, lá do povo que veio, quando veio pra vida pro Brasil da África.	Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
(...)Agora são coisas das entidades e a gente não procura muito entrar por esse lado, porque eu acho assim, se uma entidade vem, te avisa, te fala tudo o que você tem que fazer, você tem que fazer. Que se for pra você saber, ela não vai lhe falar. Porque eu aprendi assim, que tudo que eu ia perguntar meu pai mais minha mãe, o que eles diziam? “Faça e observa que com tempo você vai saber”. Então, não é coisa de momento d’eu tá perguntando, eu tenho que fazer.	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024
Então, como eu falei, desde pequena a gente soube como cultivar o que vem da terra. E as ervas vêm da terra, as ervas vêm dos nossos ancestrais, do nosso povo quilombola. Então, a importância que ela tem pra mim... É, eu não sei pronunciar certo, mas é uma importância de cura, de renascimento. E eu tenho, assim, uma pena ou dó de algumas pessoas, algumas crianças da minha comunidade não saberem o significado.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) Quando eu vou fazer alguma prova, algum concurso, não tem jeito, você pode olhar até no meu celular. “Reza, a salve rainha, reza tal coisa”. Aí começa um download de várias rezas, de vários chás para eu tomar. Então, assim, ela... Eu tenho um sobrinho de dois anos que eu tento colocar na cabeça dele o que significa pra cada coisa. Minha irmã sabe disso e ela fala: “mãe” (ela mora em São Mateus), “mãe, traz esse tal chá pra dar ao Ruan, porque ele tá sentindo uma dor de dente”. Aí ela vai e leva. Porque aí mostra a importância da nossa cultura, porque é muito ruim a gente ver uma cultura que a gente tanto lutou se perdendo e essas crianças de hoje em dia elas não sabem valorizar isso e também tem alguns pais que não sabem passar isso pra uma criança de uma forma correta.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) E sempre fui criada no meio desses dois elementos que você falou, né? Um pezinho lá e um pezinho cá. Mas, pra mim, é a mesma função. Você pode reparar, que eu não sei se alguém já te falou, mas quando os escravos se reuniam, eles se reuniam dentro de uma igreja, de um local. E, pra mim, a igreja lá da minha comunidade é onde a gente se reencontra. Antigamente, a gente fazia muitas reuniões e debates lá dentro. Hoje, infelizmente, não pode, né? Muita coisa do ser católico.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...)Então, eu ponho que aquela pessoa é zeladora, é o cavalo para deixar a entidade corporal para ajudar quem necessita. Então, aquela pessoa para mim não é mãe, porque ela tem a sabedoria dos orixás, ela tem a sabedoria dos encantados, ela tem a sabedoria da Jurema, ela tem a sabedoria da Emanjá. Então, não é dela. Eu me vejo assim, então, não é dela. Eu me vejo assim, passando uma coisa que eu me vejo, e não é só eu, é nós todos. Tudo que nós aprende é com o orixá. Então como que você é mãe do orixá.	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024
Quem aqui já viu um pé de baobá?Aqui é um lugar tão sagrado que até um pé de baobá, que é uma árvore sagrada da África a gente tem! Essa árvore ela é tão sagrada na África que quando os negros vieram pra cá, e no mesmo estante uma árvore do esquecimento.	Gessi Cassiano – 12 de abril de 2024

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024.

As falas dessas mulheres negras quilombolas revelam uma profunda conexão entre fé, espiritualidade e ancestralidade. Percebe-se que Dona Gessi relata que foi “apresentada” a Mesa

de Santa Bárbara desde os primeiros meses de vida. Luandra por sua vez, fala sobre as festas de São Cosme e Damião, bem como sobre as ervas medicinais, os banhos curativos. Essas práticas refletem a conexão que há com a espiritualidade e os ancestrais e como essa conexão é importante para a construção de sentido em suas vidas e como essas práticas elas são transmitidas de geração em geração, preservando a sabedoria ancestral.

As falas das entrevistadas vão ao encontro do que dispõe Santos (2023, p.30) sobre a pluralidade presente dentro do quilombo, onde diferentes culturas se entrelaçam. Desse modo, a fé dessas mulheres quilombolas transcende fronteiras religiosas, conectando-as com suas raízes e com o sagrado. Há também uma preocupação da perda dessas tradições, especialmente quando os pais não conseguem transmitir.

6.1.2 Santa Bárbara, a padroeira da Comunidade

Silva (2018, p. 307) na pesquisa *Jongos e Caxambus: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo*, nos fala que:

Os quilombolas de Linharinho fazem uma distinção entre o culto à Santa Bárbara e o assento de Santa Bárbara dedicado aos ancestrais da comunidade. A Mesa de Santa Bárbara é um culto ancestral enquanto as celebrações católicas preenchem outras dimensões sociais dos quilombolas. Também conhecida por eles como culto a Iansã, a Mesa é composta pelos membros de famílias e consiste em sessões de transe e possessão nos quais os Nagores “baixavam” nas pessoas iniciadas da comunidade para curar e dar receituários de banhos, chás e conselhos àqueles que ocorriam à Mesa (Silva, 2018, p.307).

Em consonância com as observações de Silva (2018) que nos diz que as falas das lideranças quilombola de Linharinho mostram distinção de significado entre o culto à Santa Bárbara e o assento a Santa Bárbara. Percebe-se, que a Mesa de Santa Bárbara é um culto ancestral totalmente enraizado dentro da comunidade. Sendo assim, ela transcende o catolicismo e está ligada a ancestralidade. Por outro lado, as celebrações católicas preenchem outras dimensões sociais dos quilombolas.

Assim, Iansã vem com essa dualidade espiritual, para a comunidade Santa Bárbara e Iansã são duas nomenclaturas para a mesma divindade, portanto a Mesa de Santa Bárbara também é um culto a Iansã.

Santos (2023, p. 30) nos fala que:

Quanto aos povos pagãos politeístas que cultuam várias deusas e deuses pluripotentes, pluricientes e pluripresentes, materializados através dos elementos da natureza que formam o universo, é dizer, por terem deusas e deuses territorializados, tendem a se organizar de forma circular e/ ou horizontal, porque conseguem olhar para as suas deusas e deuses em todas as direções. Por terem deusas tendem a construir comunidades heterogêneas, onde o matriarcado e/ou patriarcado se desenvolvem de acordo com os contextos históricos (Santos, 2023, p. 30).

Os aspectos acima mencionados nos ajuda a pensar em uma abordagem descentralizada permitindo assim, uma comunidade heterogênea. Além do mais, com uma relação especial com a natureza.

Ilustração 25 - Santa Bárbara, a padroeira da Comunidade.

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
Dentro do quilombo, a igreja Santa Bárbara, ela foi criada por conta do bispo, foi feito um acordo, um acordo ancestral, aqui no Linharim, que nunca tirasse o tambor da igreja. Era a última igreja na região que batia tambor, a última igreja na região que batia tambor era o Linharim. Seja lá a missa, seja lá o culto, seja lá a festa, mas primeiro tinha que bater o tambor.	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024
(...) Nossa lansã, que Santa Bárbara, ela é a rainha dos trovões, né? A história dela, que me contavam, é que ela foi achada, a imagem dela, foi achada em um canavial. E... queimou as canas todas e só ela que ficou lá, perfeita. E ela foi trazida pra dentro da nossa comunidade. Nós não tinha nem um santo padroeiro lá dentro não. E ela foi nossa santa padroeira. Porque eles encararam ela como se fosse um milagre. Se ela veio até nós, então nós tínhamos que acolhê-la pra nós.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) Quando eu já fui crescendo, eu já fui crescendo nessa comunidade de Santa Bárbara e tudo. Minha relação com ela... das histórias que eu fiquei sabendo é que ela não tinha um lugar pra ficar. Ela ficava na casa de um, na casa de outro, né? Tanto que ela é uma Santa Bárbara que usa vestido, tem cabelinho e tudo, né? Ela ficava na casa de um, ficava na casa de outro, na casa de outro, na casa de outro. Aí contam a história, o pessoal conta que o meu avô, né? Na época falou que não queria mais a Santa Bárbara dançando que ia dar um pedaço de terra pra Santa Bárbara ficar, que é onde a igreja hoje é.	Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024
(...) Santa Bárbara, a importância, eu vejo que foi algo que foi deixado pra gente, algo histórico, é que há muitas dúvidas, há muitas coisas que é pra ser descoberta, é pra ser entendida e deixar explícito e não temos. E esse conhecimento, ele tá ficando com poucas pessoas que só tem acesso, por falta de interesse dos próprios jovens da comunidade, inclusive o meu.	Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
Era o tambor e o pandeiro. Na hora da missa, eu botava todo mundo pra dançar no barco do pandeiro. Porque aqui batia o tambor na igreja, celebrava o dia todo. À noite ia pro terreiro da minha avó aqui, do outro lado dessa estrada.	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024

<p>(...) E a imagem dela está até hoje lá, na nossa comunidade. E ela não é igual as outras, os outros santos de todas as comunidades católicas, você pode olhar. Ela tem cabelo de verdade. Porque todas as mulheres da nossa comunidade que têm o cabelo, tiram um cabelo, a ponta do cabelo e coloca nela. Minha mãe tem o cabelo, o cabelo da minha mãe tá lá nela. Um dia você vai lá dentro da igreja, eu vou te mostrar. Porque o cabelo dela é natural, é cabelo humano mesmo, mas é de mulheres, tá vendo lá? Mas é de mulheres de dentro da comunidade. Tem cabelo que fica nela é de mulheres já falecidas, mulheres que não existem mais dentro da minha comunidade, mas ficou um legado lá. Então ela representa muito. Teve padres que queriam se desfazer dela.</p>	<p>Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024</p>
<p>Darcy Antônio Gomes. Aí ele, aí ele foi e deu um lugarzinho pra ela ficar. Aí nisso, a devoção a Santa Bárbara veio daí, né? Da hora do paradeiro dela, de parar que ela ficava na casa de um, ficava na casa de outro, ficava na casa de outro. Aí veio a cultura assim da minha família, todo mundo é devoto a Santa Bárbara.</p>	<p>Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024</p>
<p>(...) Santa Bárbara, ela, foi uma santa que foi trago pelos portugueses. É o que minha tia contou já uma vez pra mim, né. E nessa vinda dos portugueses, no dia eles decidiram que a gente ia embora e ia levar a santa embora. Eles chegaram lá um dia à noite, mediram o tamanho dela, que minha tia fala. E fizeram um caixote do tamanho dela certinho, bonitinho, pra ela ir no caixote, pra não quebrar. Quando eles botaram na tala, para pegar ela e levar embora, ela estava maior.</p>	<p>Leticia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p>
<p>Tem uma história. Aqui, a comunidade, ela já veio da Bahia trazendo essas pedras e a machadinha. Ela já vinha da Bahia trazendo. Porque Bebê Cassiano já era da Bahia. A finada minha avó era da Bahia. Veio. Já veio trazendo essas pedras. E já cultuava. Lá na Bahia já cultuava o terreiro de Santa Bárbara. Já cultuava a Linha Cruzada. Veio pra comunidade de lá da Bahia pra cá, continuou cultuando. E aí, era só o povo da comunidade.</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>
<p>Porque eles olhavam assim pra ela, eles falavam que eram coisas do mal, não tem? “Ah gente é nossa santa, é nossa protetora”. Que cai um raio aqui que não vai atingir a gente, não? E quer tirar ela de dentro da comunidade? A gente não aceita de jeito nenhum. Ela pode estar lá, com o vestidinho dela, que ela não usa. Não é de gesso, não é vestidinho de gesso, é vestido normal. Vestido branco, roupa normal, branca, cheia de colares. É isso mesmo, tá? Cheia de colares.</p>	<p>Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024</p>
<p>Lá na comunidade todo mundo aceita ela. Aquela Santa Bárbara lá. Há muito tempo ela é a primeira nossa. Então todo mundo aceita, mas os padres não aceitam não. Os padres, principalmente esse de hoje em dia. (...) Não aceita não. Tanto que ele levou outra e está lá do lado dela.</p>	<p>Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024</p>
<p>(...) a importância que a gente percebe que ela, literalmente, queria ficar na comunidade, ela não queria ir embora. É uma forma de mostrar que ali era o lugar dela, ela queria viver ali com a gente. Essa santa está localizada na igreja católica, na igreja de Santa Bárbara católica. Mas muitos padres falam que ela não é Santa Bárbara da igreja católica, que ela é da mesa de Santa Bárbara. Só que aquela santa é muito antiga e a comunidade não abre mão da santa sair de dentro da igreja. Eles não concordam, os padres, em si. Mas a comunidade sempre bate de frente em relação a isso.</p>	<p>Leticia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p>
<p>(...) Essa Santa Bárbara que nós temos na igreja, ela veio porque já tinha inha sangue. Ela continuou sendo na igreja. E aí, ela veio para o navio, pra Barra, mas ela veio com um destino para ir para a Bahia. Ela não veio, no pensamento do povo, ela veio para a Bahia. A imagem veio para a Bahia, mas ela já veio destinada para a comunidade. Olha como é que é as coisas. Os mais velhos entendiam. mas os mais novos eu não entendo até hoje. Hoje eu te digo o seu, porque eu tive que conversar com ela.</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>

<p>(...) no caso a gente foi colocando acessórios nela. A gente coloca cordão nela, vários cordões, saia normal, que ela ganha a saia quando alguma promessa é atendida. Pessoas da comunidade vão lá e compram saia pra ela, vestido pra ela, e ela veste o vestido que as pessoas dão em forma de agradecimento. Igual eu falei pra você, tem os cabelos também. Todo dia ela faz... nós comemoramos ela dia 4 de dezembro. Se tiver faltando cabelinho, a gente vai lá e coloca. E o cabelo de alguém que combina com o cachinho dela, que é liso, né, e cacheado na ponta. E o cabelo da minha mãe é assim, cacheado na ponta. E ela tá lá até hoje, mas ninguém tira ela delá não. E ela tá sempre de olhos atentos.</p>	<p>Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024</p>
<p>(...) Teve. Ele levou a Santa Bárbara e chegou lá. E ele falando assim que aquela Santa Bárbara ali não é de igreja, não sei o que, não sei o que. Até que eu, eu, nós comentamos, né, claro, gente, que é uma Santa Barbará que hoje a gente não via, mas que antigamente vivia no centro de macumba deles pra lá, né? Mas só que, como nós já vínhamos crescendo com ela, com a fé nela...</p>	<p>Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024</p>
<p>(...) “Não, ela veio pra cá, ela quis ficar aqui. Então, eu não abro mão dela sair da igreja”. “Ah, mas vocês podiam fazer um lugarzinho, botá-se ela lá no fundo, não to mandando vocês desfazer dela, não, ela vai ficar aqui”. Então ela, é uma importância que ela quis ficar ali, ela veio pra comunidade, ela é nossa.</p>	<p>Leticia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p>
<p>(...) A história de Santa Bárbara dentro da comunidade. Estou falando uma pula página, né? Vou pular essa página. A história de Santa Bárbara dentro da comunidade, quando ela chegou, ela veio num oratório. Era uma igreja. O oratório de Santa Bárbara era uma igreja, tipo uma igreja barroca. Era igual a igreja da Matriz. Então, quando chegou dentro da comunidade, a página que eu pulei, vou dar continuidade. Chegou dentro da comunidade, “eita, Santa Bárbara chegou”, foi aquela alegria, todo mundo, juntou todo mundo. Os mais velhos juntou todo mundo, que ela ia pra Bahia num tropeiro, que eram uns burros, com aquele balai de burros, né, costurado, aonde botava.</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>
<p>(...) Mas eu tenho que levar ela para poder melhorar o aspecto do olhar dela. Porque se está aqui, ela está vendo isso aqui ó. Ela abre o horizonte e dá para você ver, se você reparar, ela não está só olhando para você, ela está olhando para todo mundo. E você repara, você repara muito bem. É uma coisa assim, inexplicável.</p>	<p>Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024</p>
<p>(...) num certo dia, ele mesmo foi levar. Ele e outros meninos, que eu acho que estudou um negócio com ele, chegou lá com essa Santa Barbará e colocou lá, durinho lá. Mas só que a nossa vai ficar no nosso lugar, no santuários dela, que ela tem lá, aí assim fez, até no dia da procissão, é a outra Santa Bárbara, ele falando mais, ele chegou a topar a nossa em cima lá do Andor, entendeu?</p>	<p>Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024</p>
<p>(...) Tem gente que fala bem assim, ela tá olhando pra mim, o olho dela mexe, eu fico assim, não tem problema de mexer não, mas tem gente que fala. (...)É porque as santas de igreja, católicas mesmo, elas, são totalmente de gesso, do cabelo ao pé. Santa Bárbara, não é um gesso assim, ela é tipo um boneco, não, é uma boneca, os braços dela mexem, é porque é tipo assim, não tem aquelas bonecas que botam um parafuso para os braços mexerem? O cabelo dela é cabelo humano, ela tem um olho mais desenhado, então, ela é praticamente toda desenhada como uma boneca então para muitos eu acho que é isso.</p>	<p>Leticia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p>
<p>(...) Saiu do porto de São Mateus pra quê? Pra ali, perto da casa de Miúda, morava a Sauvalina. Chegou, Santa Bárbara tá dentro da comunidade, Santa Bárbara tá dentro da comunidade, Santa Bárbara tá dentro da comunidade, juntou a população, tudo. Nós temos que fazer uma oração pra Santa Bárbara, temos que rezar uma ladainha, juntou todo mundo da comunidade pra lá. Chegou lá os mais velhos:</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>

<p>“não, pra fazer a oração, tem que tirar ela de dentro do oratório”. Você viu aí? “Tem que tirar ela do oratório, ela tem que receber a nossas orações em cima da mesa”. O que estava carregando uma santa, foi lá tirou ela e deixou em cima da mesa e eles foram fazer a oração. Ela em cima da mesa, forrada com a toalha branca, em cima da mesa. Fizeram a vigília a noite toda. Diziam: “eita minha mãe, olha quem vai despedir de santa Bárbara, ela já vai embora”.</p>	
<p>O assento de Santa Bárbara, quem cuida dele assim, no dia de Santa Bárbara mesmo, e fora dele, é a minha ex-professora Benedita, né, a Bina, e minha tia Miúda. O assento, lá na casinha de barro. Mas elas sempre levam ela, e vamos falar assim, pra algumas pessoas eram pedras, né? Mas pra gente não são pedras. É a nossa santa que tá ali, a verdadeira que tá ali. Leva num córrego, e lá eles banham ela, cantando as músicas antigas. É, cantando as músicas antigas, e sempre lembrando da história de como ela veio pra dentro da comunidade, história dos povos que passaram por dentro da comunidade que são de grande importância.</p>	<p>Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024</p>
<p>É normal como toda igreja, celebração normal. A única coisa que pega é o padre falar que ela não é uma santa de igreja católica, que a Santa Bárbara da igreja católica é diferente, que ela é do assento de Santa Bárbara, que ela é da matriz africana.</p>	<p>Leticia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p>
<p>No tropeiro. Então olharam ela que foram botar dentro do oratório, ela estava maior do que o oratório. Oh! Sim, sim. Dentro do oratório. “Eita santa Bárbara, olha a santa cresceu, olha a santa cresceu, ela está gostando do lugar”. Os mais velhos já sabiam que ela tinha vindo para cá, mas eles não podiam falar. Eles tinham que manter silêncio. Ela não cabe, não cabe, não cabe, o tropeiro disse: “então nós temos um papelão ali, que é o lugar que está colando pra coisa, nós vamos fazer uma caixa e colocar ela. Vamos deixar o oratório fechado, vamos colocar ela dentro da caixa. Tira a medida dela”. O Lula tirou a medida de Santa Bárbara direitinho, para poder fazer a caixa, fizeram maior, quando foram botar a Santa era maior do que a medida dele. “É, a Santa cresceu”. “Ó, Então, o senhor vai fazer disso, o senhor vai embora e a Santa fica”. “Ah, então eu vou deixar mesmo, porque ela não cabe dentro da caixa, não cabe dentro do oratório. Então ela quer ficar aqui”. Mas os pessoal mais velho sabia.</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>
<p>Ela é da comunidade, ela já veio declarado para mostrar que ela é daqui, ela é desse rio São Domingos. Porque, na comunidade, o rio maior, antigamente, era esse rio São Domingos. É tanto que, quando nós ficou sem água, nós ponha ela e bota no meio do rio e pede. E vem. São tantas coisas Wallas. Por isso que eu digo assim, será que todo mundo conhece a história do quilombo?</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024.

Considerando as memórias orais expostas pelas entrevistadas, percebemos o quanto a história de Santa Bárbara é rica e cheia de significados quando consideramos as diferentes perspectivas e tradições. Algumas das entrevistas veem a santa como rainha dos trovões, associando ao orixá Iansã, outras destacam sua origem cristã. É importante perceber que essa multiciplidade de visões reflete a riqueza cultural e a complexidade de devoção a essa santa. Assim como também, o fato de colocar cabelos de mulheres da comunidade na imagem cria um legado e reforça sua importância como protetora e guardiã.

6.2 Infância na comunidade

Minha memória, ainda hoje, evoca esse primeiro quadro histórico de minha infância, ao mesmo tempo que minhas primeiras impressões. É, em todo o caso, sob esta forma que me representei de início os acontecimentos que precederam de pouco meu nascimento, e se reconheço hoje até que ponto esses relatos eram inexatos, não posso saber o quanto me tenha inclinado então por sobre essa corrente confusa e que mais de uma dessas imagens confusas ainda emoldura deformando-as, algumas de minhas lembranças de outrora(Halbwachs, 1990, p.65).

Halbwachs (1990) nos fala sobre a complexidade da memória e como as nossas lembranças podem ser influenciadas por experiências posteriores. Do mesmo modo, o autor menciona que, mesmo reconhecendo a imprecisão dos relatos, não é possível determinar exatamente como as lembranças são moldadas ao longo do tempo.

“(...) evoca esse primeiro quadro histórico de minha infância”, desse modo, aqui vamos trazer a tona cenas específicas relacionadas a infância dessas mulheres quilombolas, como uma pintura, um fotografia. Das suas vivências dentro da comunidade quilombola.

Ilustração 26 - A infância na comunidade

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
(...) foi uma infância muito boa, eu tenho grande lembrança, porque é muito bom viver em uma comunidade tradicional na qual você se reencontra, na qual você sabe como é ser negro, como é ser quilombola. E desde pequena eu ajudava sempre meu pai na agricultura, é, meus pais no caso, minha mãe, meu pai. Meu pai, ele, trabalha com farinha de mandioca, então eu e minha irmã sempre ficava lá ajudando ele na farinheira, raspando mandioca, ou ajudando minha mãe na horta.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) Saudade. Tenho saudade. Pique-esconde, cobra seca, jogava queimada, muita coisa. Subia nos pés de árvore, comia frutas. Era muito bom.	Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
(...) Aí às vezes as pessoas encaram isso como um trabalho infantil, mas pra dentro da comunidade não é um trabalho infantil, é um aprendizado também. Então minha infância foi exatamente isso, uma infância é muito boa, uma infância que eu guardo grandes lembranças do que eu vivi, e das brincadeiras, das artes que a gente fazia, de como a gente carregava água na cabeça do poço até nossa casa, porque antigamente a gente... eu falo antigamente porque eu tenho 28 anos, antigamente a gente não tinha a bomba d'água, mas a gente tinha um poço, né, lá perto e a gente carregava água até nossa casa. Então era uma infância que eu tenho muitas lembranças boas, não lembranças ruins.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024.

É interessante perceber como a infância na comunidade quilombola para as entrevistadas foi importante e que os aprendizados adquiridos elas irão levar para o resto da vida. Luandra revela que foi uma infância “muito boa”, assim como também destaca as vivências dentro de uma comunidade, e enfatiza o reencontro consigo mesma e a compreensão de como é ser negro dentro da comunidade.

Observa-se que o trabalho é visto como aprendizado valioso, como a participação ativa na agricultura, ajudando seu pai na farinheira e raspando a mandioca, revelam a transmissão de saberes e tradições familiares. As brincadeiras mencionadas por Letícia nos trazem a conexão com a natureza e diversão.

6. 2.1 Ser mulher negra quilombola

Para Andrade (2021, p. 81) dentro das comunidades negras, as mulheres são vistas como geradoras, protagonistas, autorreferenciadas. A autora destaca que esse processo de reconhecimento e valorização é fundamental para a construção de um novo ciclo social, onde a mulher negra assume seu lugar de destaque e resiste às opressões históricas.

Os enfrentamentos à opressão pelas comunidades negras na contemporaneidade, constituem a ruptura do estereótipo objetificável do corpo da mulher escravizada, que ao longo da história foi produzido pelo olhar do colonizador, idealizada como serviçal, subalternizada, para pensar um outro ciclo social constituído no seio das comunidades negras: a mulher geradora, protagonista, autorreferenciada. Tornar-se negra entendendo este processo, passa pela aprendizagem do reconhecimento desta mulher com seu próprio corpo, com sua comunidade e de religação com sua ancestralidade (Andrade, 2021, p.81).

Desse modo, torna-se negra é conectar-se com seu corpo de maneira consciente e positiva. Valorizando sua identidade física, além do mais superar os estereótipos e padrões impostos historicamente pela sociedade. “Religação com sua ancestralidade”, reconectar-se com as raízes culturais e históricas, conhecer a história da sua família, tradições, costumes. Assim, “torna-se negra” não é apenas sobre a cor da pele, mas abraçar a identidade completa, incluindo corpo, a comunidade e a herança ancestral.

Ilustração 27 - Ser mulher negra quilombola

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
<p>Porque nós nos unimos diretamente para tudo. A nossa nação tá na Bahia. Nós somos uma nação de mulheres tem homem também. De resistência no lugar. Essa palavra resistência... Hoje você vê no livro, essa palavra é bíblica, o poder do homem branco foi tanto que tirou essa força da mulher, porque começa pelo nascimento de Jesus, com Nossa Senhora. Qual foi a resistência da mãe ver o filho na cruz?</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>
<p>(...) ser mulher, para mim, é muito árduo, tem que ter muita resistência, porque não é fácil, a gente vive num mundo preconceituoso, a gente não basta ser preto, e quando a gente é mulher, eu acho que é mil vezes pior. Porque em questão de salário, em questão de concurso, em questão de emprego, é muito difícil.</p>	<p>Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024</p>
<p>Lá dentro do quilombo é de força, assim superação de força, né? Porque lá eles negociam muito assim, as coisas vão à frente porque é dos jovens, principalmente das mulheres, né? Então, as mulheres tudo lá tá de frente, a gente não deixa nada passar batido assim, a gente sempre tão ali dando força a todo mundo, em todos os sentidos. Na roça, no trabalho, assim, em todos os sentidos, a gente tá ali, a mulheres negra, ali dando força.</p>	<p>Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024</p>
<p>(...) Porque parece que os homens voltaram muito mais para a roça e as mulheres voltaram mais para a luta. Um exemplo é tanto que a minha tia, eu vou usar o lado parental né, é minha tia, que ela dá mais cara-tapa do que muitos. Muita gente tem medo da cara-tapa, mas minha tia não. A tia já levou tantos processos, que eu acho que ela não está nem mais ligada para nada.</p>	<p>Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p>
<p>(...) Você parar para reparar a força da mulher. O homem tem a força na ancestralidade. É bem claro. Por que o homem também é ancestral. Mas você vê dentro de um terreiro o movimento da mulher e do homem é totalmente diferente. O reinado, o cuidado, o abraçar.</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>
<p>(...) ser mulher quilombola e preta, é força, é garra e sempre seguir o caminho de cabeça erguida. Nunca abaixar a cabeça. Já abaixei a cabeça várias vezes. Mas hoje eu aprendo, já aprendi bastante, que eu não tenho que abaixar a cabeça pra ninguém, não. Eu tenho que pisar mesmo, então, eu piso na cabeça da serpente.</p>	<p>Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024</p>
<p>Sei lá, deve que lá as mulheres que mandam, né? Ah, porque é verdade, olhando bem assim, voltando lá, se é pea... é as mulheres, né? Se é lá a coisa da roça, é as mulheres. Se é... associação quem resolve tudo, as mulheres.</p>	<p>Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024</p>
<p>Mas eu acho que é isso vem dos antepassados, do homem ficar mais pra trás e deixar as mulheres mais à frente, a questão disso. (...) Elas foram criadas pra lutar pelo que é delas, e elas pra buscar o que elas acham que é certo pra elas e pelo direito delas.</p>	<p>Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p>
<p>(...) A mulher é tudo. Tudo, tudo, tudo no conselho, no arrumamento, na conversa, no acolhimento. Tudo dentro de um quilombo, na semente, é a mulher. Por isso que eu disse a voê assim, se você samear uma semente na pizarra, você não vai ter fruto nunca. Eu aprendi com a minha avó, que no mundo, a mulher não é só para ter filho e nem zelar do lar. Ela é para semear. E a mulher não vem só para semear. Tem mulher que ela veio para se sombrar. Se você tem o conhecimento da natureza, tem pé de árvore que ela é só para sombrear. É igual a mulher.</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>
<p>(...) Que elas viam que a maioria das mulheres guerreiras do Quilombo, a maioria das pessoas guerreiras do Quilombo eram mulheres. E elas se inspiraram nessas mulheres. E elas queriam que essas mulheres estivessem também, até hoje, dentro da comunidade. E, hoje, agente</p>	<p>Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024</p>

na minha comunidade tem uma associação de mulheres, né? Cara, você precisa ver a força dessas meninas, minhas primas, trabalhadoras rurais. Não têm vergonha do que é, criam seus filhos com suor do trabalho delas. Frutos da feira não existem, é tudo de lá mesmo. Não sei se você foi em uma parte de lá da comunidade, que tem plantações, bem lá em cima, tem a comunidade bem lá em cima. É, eu acho que você não foi lá, não, mas é lindo, só tem plantação, essas plantações é entregue lá no CRAS do PA, que é a associação, só a associação de mulheres que entrega.	
(...) Em questão de tudo, em questão de religião, em questão até do assento de Santa Bárbara. O assento Santa Bárbara fiou na responsabilidade de duas mulheres. Então em questão de tudo, mais é mulher... É sempre as mulheres que estão sempre à frente	Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
(...) Tem mulher que ela veio para criar o filho da outra como se fosse gerado no ventre dela. Que a minha avó dizia, é por isso que diz assim, minha filha mulher seca, ela não é seca, ela já nasceu pra sombriar, não é só da sombra, ela veio pra cuidar do filho da outra e sabe que a outra não vai ter essa mesma paciência, essa mesma orientação, essa mesma dedicação. Eu tenho tia, que criou vários filhos, e não teve nenhum, nenhum, nenhum, mas criou foi muita criança, você chegava na casa dela, tudo era filho. Se chegasse 30 crianças, todas 30 crianças comiam ali naquela esteira.	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024
Então, pra elas serem representadas de alguma forma, ter algo importante dentro da comunidade. Vão falar assim: se achar maioral, se achar heroína, é de grande importância pra ela, porque mostra que a mulher não pode ficar só na cozinha, não pode ficar só cuidando do marido, ela tem voz, tem vez, tem força, pode estar lá no meio político também, porque tem algumas mulheres da minha comunidade que participam de comissões de política, e estão em frente das lutas quilombola, na titulação de território, e elas se mostram muito fortes. Então, para ser uma mulher que é de frente para a comunidade, elas queriam ter esse impasse, eu vou falar assim, que é o impasse de ser uma mulher quilombola de antigamente, que é estar em frente, ter voz, ter vez, se mostrar o diferencial. Por que o homem tem que ficar na frente e eu não? E hoje é implantado, até hoje dentro da comunidade é isso, implantado. Se tem uma reunião, é as mulheres que comandam.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024.

As falas das entrevistadas revelam a complexidade de ser mulher negra dentro de uma comunidade quilombola. Dona Gessi destaca a resistência da mulher, assim como também ela compara a mulher a semente, assim como uma semente não pode dar fruto sem ser semeada, a mulher não está apenas para ter filhos ou cuidar da casa. Luandra enfatiza árdua realidade de ser mulher, apontando desafios a serem enfrentados, assim como também a força e a garra.

Juliana aponta que as mulheres têm papel decisivo dentro da comunidade, seja na roça ou nas associações. Letícia reflete sobre a ancestralidade e posição das mulheres à frente de tudo. Assim, essas mulheres negras enfrentam desafios diários em uma sociedade preconceituosa, mas continuam a lutar pelos seus direitos e a preservar suas culturas. A resistência dessas mulheres fica evidente, pela forma como lideram a comunidade, negociam e como se apóiam mutuamente.

6. 2.2 Educação Escolar Quilombola

Andrade (2012, p. 87-88) destaca que no contexto das comunidades rurais, são enfatizados dois conceitos: comunidade e identidade. Segundo a autora a ressemantização do termo comunidade remete a sentido de unidade do “nós”.

No caso dos quilombolas rurais, são enfatizados dois conceitos – o de comunidade e o de identidade. Na verdade, ao se trabalhar com a 88 Educação do Campo comunidade, a ressemantização do termo remete ao sentido de unidade do “nós”, uma interpretação que leva ao pertencimento, à identificação (Andrade, 2012, p. 87-88).

Dessa maneira, a autora destaca que a noção de comunidade vai além da coexistência geográfica, ela represente vínculo profundo e uma conexão compartilhada. Assim, esse senso de pertencimento é fundamental para a construção da identidade quilombola e também para preservação das tradições, valores e histórias que são transmitidas.

Segundo Andrade (2012, p. 88) a Educação Escolar Quilombola não se limita aos conhecimentos acadêmicos, é preciso valorizar a transformação social, cultural e histórica da comunidade, assim como também valorizar práticas educativas que buscam fortalecer a identidade e promover o orgulho de pertencente a comunidade quilombola, como a valorização da histórias transmitidas oralmente.

Ilustração 28 - Educação Escolar Quilombola

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
A parte boa da minha infância, porque eu estudei, antigamente era de 1ª a 4ª série que falava, eu estudei dentro da minha comunidade. Eu comecei a estudar lá com 5 anos de idade. Estudar, assim, de fazer prova, não. Estou falando de estudar, de ficar sentada lá só ouvindo a professora falar. Minha primeira professora foi Benedita Cassiano. Ela me deu aula até a 4ª série. E era muito bom Wallace, porque a gente não só aprendia português e matemática, a gente aprendia a história da comunidade.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) Igual hoje, minha filha estuda lá e ela aproveita, ela sabe mais coisa que eu, né? Da comunidade, assim: “mãe, a minha escola é do campo, mãe, isso aqui”.E eu já não tinha essa visão na minha época, porque eu não estudava muito sobre a nossa comunidade.	Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024
Quando eu estudei lá, é naquela época que falavam que era até a quarta série, que hoje em dia é quinto ano. Aí eu estudei lá até a quarta série. Mas como não tem mais a partir do sexto ano, aí a gente veio estudar na Barra, então a gente vinha todo dia, ia e vinha, mas o ensino	Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024

fundamental até a quarta série foi na comunidade de Linhares, na escola Linharinho.	
(...) E até hoje, a professora de lá, se você der um tempinho e for visitar, não sei se você foi visitar lá, tem um mapa enorme dentro da sala da história da comunidade, tem coisas... artesanatos de dentro da comunidade, que ela mostra para os alunos, que alguns alunos de hoje em dia são alunos de fora que moram lá, vou falar assim: como invasores, mas mesmo assim ela tenta colocar esse legado, já que a escola é dentro da comunidade, por que não mostrar a realidade nossa, por que não falar da história da comunidade?	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) escola na comunidade foi um momento muito importante pra mim. E elas também, vou falar pra você, que elas preparam muita gente, assim, na minha época, né. Preparava muita gente pra escola da cidade, que a gente falava, né, pra escola da cidade.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024

A partir das falas das entrevistadas, podemos perceber a relevância e a singularidade da Educação Escolar Quilombola dentro da comunidade. Luandra destaca práticas educativas que valorizam a história e a cultura local, pois a educação na comunidade transcende os limites da sala de aula, trazendo recursos como mapa, artefatos que conecta o estudante com a história da comunidade. Leticia enfatiza a preparação e o pertencimento, pois a preparação não se limitava ao conteúdo formal da escola, mas também incluía a consciência de pertencer ao quilombo e sua importância.

6.2.3 A Comunidade Quilombola de Linharinho Sob Olhar das Entrevistadas

Eu preferiria a morte. Do que sair daqui e ficar vagando pela rua. É como se fosse voltar à escravidão. Porque tudo que é forçado, tira a vida. Como aquele território. (Dona Gessi Cassiano, 2024)

A fala de Dona Gessi reflete uma profunda conexão com o território quilombola Linharinho e uma resistência feroz à ideia de deslocamento forçado. É interessante pensar que ao preferir a morte a deixar o seu lugar, ela expressa não apenas o valor intrínseco que o lugar possui para ela e sua comunidade, mas também uma rejeição veemente à ideia de ser desenraizada e marginalizada na sociedade.

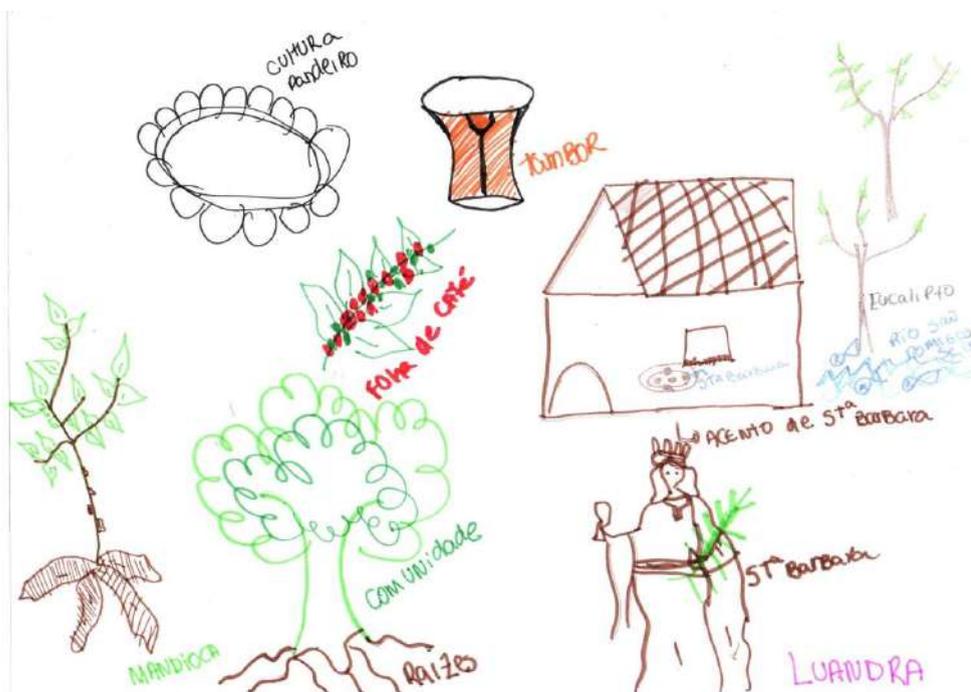
Outro ponto que nos chama atenção é a comparação que ela faz entre ser forçada a sair e “voltar a escravidão” é poderosa e reveladora. Ela sugere que a perda de seu território é equivalente à perda de liberdade e identidade, elementos que foram negados aos escravizados no passado. A frase “ tudo que é forçado, tira a vida”, nos remete a uma crítica à opressão e

ao controle autoritário, que, em sua visão aniquila a essência do ser humano e sua conexão com a terra.

Essa fala de Dona Gessi é um chamamento a reflexão sobre os impactos do deslocamento forçado e a importância da terra e do lar das comunidades tradicionais. A análise crítica dessa fala nos convida a considerar as dimensões históricas, culturais e emocionais que estão em jogo quando a comunidade como a de Dona Gessi enfrenta ameaças à sua existência. É um lembrete pungente da luta contínua pela autonomia, pertencimento e reconhecimento dos direitos fundamentais da comunidade.

Nesta seção, as entrevistadas compartilham, através de desenhos, suas perspectivas pessoais sobre o lugar que chamam de lar. Cada traço e cor refletem não apenas um espaço físico, mas também um território ancestral, impregnado de memórias e vivências. Os desenhos revelam a subjetividade de cada mulher quilombola, trazendo à tona marcas individuais de sua relação com o território, que transcende a mera geografia para se tornar um palimpsesto de histórias, tradições e a essência da vida comunitária. É uma celebração visual da identidade coletiva, na qual cada obra é um testemunho da conexão profunda entre as pessoas e seu espaço sagrado, repleto de significado e história.

Imagem 9 – A minha comunidade quilombola

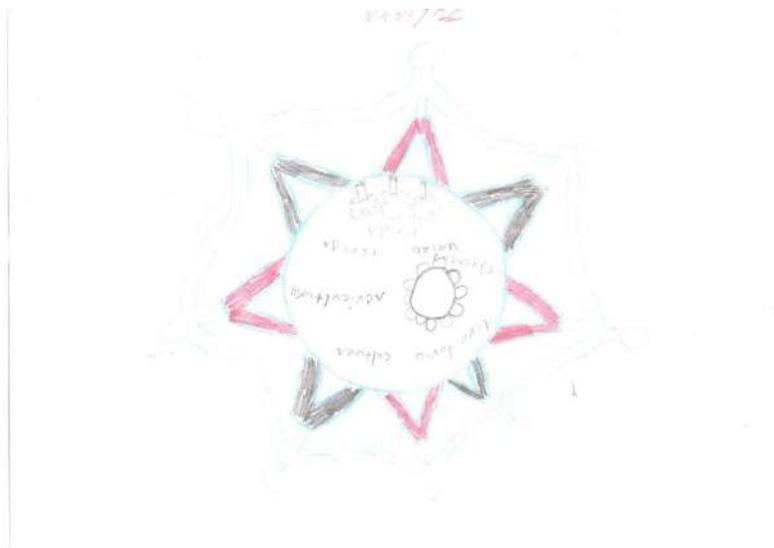


Fonte: Arquivo do pesquisador, 2024.

A partir da imagem disposta acima, desenhada por Luandra Gomes dos Santos percebe como a entrevistada ver a sua comunidade. percebe-se que a territorialidade do quilombo é representada não apenas pelo espaço físico, mas também como um local de lutas e tradições.

Uma imagem colorida que valoriza os elementos cultura e herança da Comunidade Quilombola de Linharinho. Ela traz um artefato cultural, que é um pandeiro, um tambor representando as práticas culturais existentes dentro do quilombo. Assim como também ela destaca o assento de Santa Bárbara, onde estão localizadas as pedras sagradas da comunidade, e também vem trazer a representação da imagem de Santa Bárbara que é a padroeira da comunidade. As folhagens da mandioca e do café agricultura presente dentro da comunidade, destacando a importância desse cultivo.

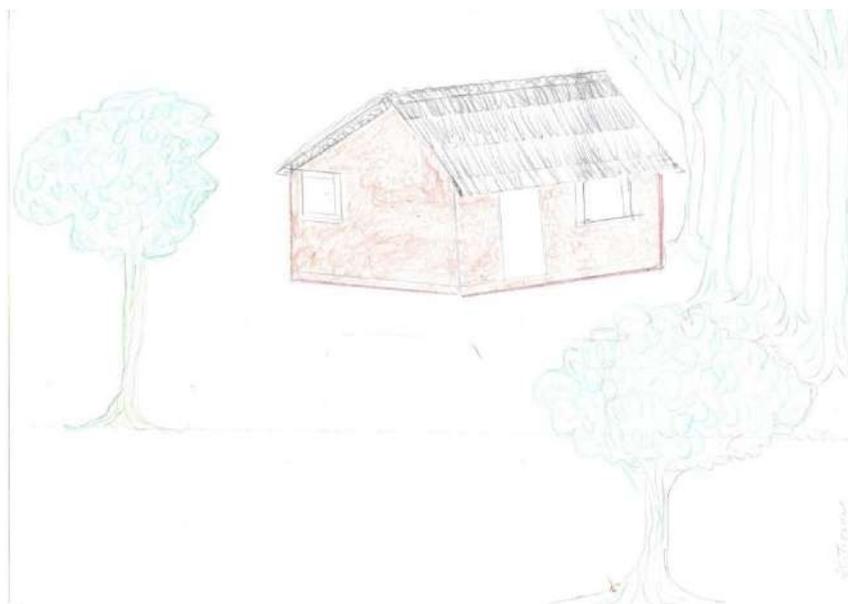
Imagem 10 - A minha comunidade quilombola



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2024.

De acordo com a imagem que Juliana Gomes dos Nascimento, ela nos traz várias pessoas em volta de um círculo, esse círculo representa a comunidade, representando a coletividade que há dentro de um quilombo. E dentro desse círculo há inscrições como: território, cultura, agricultura, educação, união, igreja e escola.

Imagem 11- A minha comunidade quilombola



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2024.

Letícia dos Santos Nascimento por sua vez, traz na leitura da sua comunidade, uma casa simples, com algumas árvores em estilos variados em volta da casa, representando proteção , a proteção da natureza, a cena na imagem transmite a ideia de tranquilidade.

6.2.4 O Entrelaçar da Educação Quilombola com o Ensino na EMEF Dr. Mário Vello Silvaes

A parte boa da minha infância, porque eu estudei, antigamente era de 1ª a 4ª série que falava, eu estudei dentro da minha comunidade. Eu comecei a estudar lá com 5 anos de idade. Estudar, assim, de fazer prova, não. Estou falando de estudar, de ficar sentada lá só ouvindo a professora falar. Minha primeira professora foi Benedita Cassiano. Ela me deu aula até a 4ª série. E era muito bom Wallace, porque a gente não só aprendia português e matemática, a gente aprendia a história da comunidade.

(...)

E hoje em dia é totalmente diferente, né. Então, pra mim, a escola na comunidade foi um momento muito importante pra mim. E elas também, vou falar pra você, que elas prepararam muita gente, assim, na minha época, né. Preparava muita gente pra escola da cidade, que a gente falava, né, pra escola da cidade. Eu me sentia: “nossa, vou pra escola da cidade”. Mas quando a gente chegava aqui, era uma coisa diferente do que a gente vivia lá, costume diferente, comida diferente. O tempero que tinha lá era o tempero da minha tia, ela cozinhava pra gente, comida com pimenta-do-reino. Era comum, era normal pra gente.

Aqui não tinha isso. É uma culinária diferente. Dendê tinha na nossa comida. Aqui não tinha. Então, a gente foi se adaptando quando a gente chegou pra estudar aqui em Conceição da Barca, aqui no centro. E isso a gente acostumou. “Ó, vai ser diferente na escola lá da sede. Vai ser diferente isso, vai ser diferente aquilo. Vocês vão sofrer preconceito, porque a gente sofreu muito preconceito, tá?” (Luandra Gomes dos Santos)

Levando em conta a história oral detalhada e as vivências compartilhadas por Luandra Gomes dos Santos, podemos perceber a sua conexão profunda com suas raízes e a importância da *Educação Quilombola* que ela recebeu na Comunidade Quilombola Linharinho. Percebe-se, que a entrevistada destaca a riqueza de não aprender somente Língua Portuguesa e Matemática, mas também a cultura da sua comunidade, algo que transcende o currículo tradicional e se enraíza na identidade coletiva.

É interessante observar que a transição para a escola da cidade representa um choque cultural significativo para Luandra. A fala da entrevistada, menciona as diferenças nas práticas cotidianas, como a alimentação, o tempero da comida, que simbolizam perdas de uma pedaço da identidade cultural que é preservada e celebrada dentro da Comunidade Quilombola Linharinho. Com isso, a Educação Quilombola emerge como um pilar fundamental na formação de Luandra, criando mecanismo de fortalecimento sólido de conhecimento e autoestima. A fala da entrevistada vai ao encontro do que dispõe no artigo *Modos de Ser e Sentir: Entrelaçando Narrativas das Crianças e Professoras Quilombola*, de Araújo; Andrade; Reginaldo; Cassiano (2020, p. 92):

Nessa compreensão é possível entender que trabalhar a Educação Quilombola se refere às diferentes formas que, considerando os contextos da Educação, ampla, diversa, garantida pela LDBN 9394/96 (BRASIL, 1996) e que compreendam currículos que contextualizem e referenciem a história da população afro-brasileira nos territórios devidamente reconhecidos pelos sujeitos que lá estão, pela tradição familiar quilombola independente da força da lei. (ARAÚJO; ANDRADE; REGINALDO; CASSIANO 2020, p. 92):

Considerando o exposto, percebemos que a *Educação Quilombola* deve ser vista dentro de um contexto mais amplo, na qual reconhece a diversidade de experiências educacionais e a necessidade de um currículo mais inclusivo. Isso fica evidente quando Luandra afirma “porque a gente não só aprendia português e matemática, a gente aprendia a história da comunidade”. Desse modo, os conteúdos devem refletir a trajetória, cultura e contribuições dessa população,

especialmente nos territórios quilombolas, considerando a vivência e a identidade desses sujeitos.

Outro ponto que merece destaque é o *Currículo da Educação Escolar Quilombola* que deverá levar em consideração os aspectos gerais indicados nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, assim como um currículo flexível e aberto que reconheça as particularidades das comunidades quilombolas e se referenciar nos valores das comunidades. Entretanto, a *Educação Escolar Quilombola* deve superar os limites:

ao dialogar e inserir os conhecimentos tradicionais em comunicação com o global, o nacional, o regional e o local, algumas dimensões deverão constar de forma nuclear nos currículos das escolas rurais e urbanas que ofertam a Educação Escolar Quilombola ao longo das suas etapas e modalidades: a cultura, as tradições, a oralidade, a memória, a ancestralidade, o mundo do trabalho, o etnodesenvolvimento, a estética, as lutas pela terra e pelo território. (BRASIL, 2012, p. 42)

Sob essa ótica, a *Educação Escolar Quilombola* integrará os saberes locais das comunidades em articulação com o saber escolar, sem hierarquização. Assim, “Valorizar o passado e recriar o presente tem sido um dos caminhos na construção da identidade quilombola” (BRASIL, 2012, p.42).

O Parecer CNE/ CEB nº 2/2020 que complementa e atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a *Educação Escolar Quilombola* na Educação Básica destaca que a:

Educação Escolar Quilombola foi pensada para os povos negros, com elementos de suas identidades, raízes ancestrais, recuperando e valorizando saberes tradicionais e sua implementação é acompanhada por consulta prévia, do poder público às comunidades, suas organizações e lideranças, considerando os aspectos normativos institucionais e burocráticos que sustentam as políticas públicas. (BRASIL, 2020, p. 4)

Dessa forma, a *Educação Escolar Quilombola* deve levar em conta os elementos da identidade, ancestralidade e sabedoria tradicional, valorizando e recuperando a história e cultura. Assim como também, a implementação da *Educação Escola Quilombola* requer a participação e a consulta das comunidades quilombolas, das suas organizações e lideranças.

De acordo com as *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006, p. 141) o que se deseja, “(...) é que o processo educativo formal contemple a perspectiva de dar sentido aos conteúdos, à aprendizagem, ao conhecimento. (...) na relação com a sua

natureza histórica e cultural consigam portar-se, manter-se e situar dentro da sua comunidade”. Assim, a *Educação Escolar Quilombola* promove uma compreensão profunda e conexão com a realidade vivida.

Conforme discutido nas *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006, p.147):

O contato com a terra, com o ambiente, com a natureza nas comunidades quilombolas que dispõem de seu espaço próprio, de seu território, sugere uma ideia de que homens, mulheres e ambientes se constituem tanto como diferenciações, como extensões e complementaridades. Este perceber-se evoca uma relação menos estilhaçada com a natureza, com a vida; está relação de interdependência, de reciprocidade, de diálogo é a perspectiva que se pode denominar “interdisciplinar”, pressuposto didático-pedagógico que abarca a consequentemente, compromissos, se os sujeitos neles não se encontrarem, também como complementaridades. (*Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* 2006, p.147)

A *Educação Quilombola* valoriza a conexão da comunidade com a terra, o ambiente natural e a cultura local. Vale dizer que isso, envolve não apenas ensinar o conteúdo formal, mas conhecimentos tradicionais, práticas sustentáveis e respeito pelas tradições ancestrais. Isso significa a ideia de interdisciplinaridade, como um *pressuposto didático-pedagógico*, que possa integrar diferentes áreas do conhecimento, como saberes tradicionais, históricos, ambientais, sociais precisam coexistir e dialogar, enriquecendo a experiência na Educação Escolar.

Nessa concepção, observa-se que Educação Quilombola fortalece a identidade das comunidades, valorizando suas raízes, línguas, tradições e histórias. É importante observar que essa perspectiva menos *estilhaçada*, reflete uma visão holística, na qual esses sujeitos se veem como parte de um todo.

Ainda nessa discussão, segundo as *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006, p.147) é um importante entender o *lugar e a oralidade e nos diversos tons de vozes* como componentes pedagógicos. Desse modo, “O pedagógico, enfim, está na nossa capacidade de exigir de nós mesmos uma docência com um olhar mais atento às diversidades étnico-raciais de modo que a diferença e igualdade sejam possíveis (...)”.

Desse modo, é preciso *dar corpo a outros saberes, saberes mais “abertos”, que dêem dinamicidade e consistência aos saberes “fechados”*. Sendo assim, é importante complementar os saberes fechados (aqueles conteúdos mais rígidos, mais específicos) com saberes mais

abertos, mais dinâmicos, amplos, flexíveis e adaptáveis (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p.149)

As colocações acima permitem pensar que:

O conhecimento produzido no seio das comunidades negras é um saber que , articula às contribuições dos que estão de “fora”, pode produzir desenvolvimento sustentável, geração de renda, preservação da cultura, enfim, uma perspectiva do etnodesenvolvimento. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p.150).

A *Educação Quilombola* é um processo que ocorre dentro das comunidades negras, que envolve compartilhamento de conhecimento, assim como também saberes entre seus membros. Percebe-se, que esse conhecimento que é produzido internamente, não é isolado, ele se conecta com as contribuições externas, garantido assim, um diálogo enriquecedor. Então, teremos desenvolvimento sustentável, geração de renda e preservação cultural.

Isso significa dizer que é preciso pensar “(...) em uma formação curricular onde o saber instituído e o saber vivido estejam contemplados, provocando uma ruptura em um fazer pedagógico em que o currículo é visto como grade, hierarquicamente organizado como conteúdos que perpetuam o poder”. Sob essa ótica, pode-se pensar em uma *Educação Escolar Quilombola* que contemple o saber vivido, a *Educação Quilombola* descentraliza o poder do currículo tradicional, rompe com o modelo de currículo hierarquicamente organizado, que muitas vezes perpetuam desigualdade e poder. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p.150)

Quais temas abordar, para uma práxis transformadora na Educação Quilombola? *Identidade, espaço/ território, cultura, corporeidade, religiosidade, estética, arte, musicalidade, linguagem, culinária, agroecologia, entre outros*. Como explorar isso? Como fazer? Didática! “Ora, a exploração didático- pedagógica do espaço é o encontro com as pessoas do lugar, com suas casas , com sua realidade concreta que pode estar sendo revista com um olhar que não é normatizador, mas problematizador”. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p.156).

Para reforçar essa ideia, as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p.209) sugere

(...) um plano de ação enquanto “ ato de criação”, voltando-se para as histórias transmitidas oralmente nas comunidades quilombolas que se constituem redutos onde a ancestralidade “sopra”, através das mais

diversas narrativas, os caminhos por onde buscar os meios de manter-se, porta-se e situar-se diante do mundo.

Em suma, a Educação Escolar Quilombola deve ser sensíveis às narrativas, à cultura e à ancestralidade, promovendo uma abordagem criativa e contextualizada. São fontes de conhecimentos, que permite situar os estudantes no mundo, compreendendo suas raízes e que possam construir suas identidades.

Pensando nisso, esse entrelaçar da *Educação Quilombola* com o ensino na *EMEF.Dr. Mário Vello Silvaes* foi um processo rico, grandioso e transformador. Foram feitas duas visitas a Comunidade Quilombola Linharinho, especificamente no Ponto de Memória Santa Bárbara, os estudantes dos 9º I1, 9º I2 e 9º I3 tiveram a oportunidade de vivenciar essa educação em primeira mão, interagindo com Dona Gessi Cassiano, guardiã do Ponto de Memória.

As experiências na Comunidade proporcionaram aos estudantes um contato direto com as tradições, fé, histórias e saberes quilombolas, que posteriormente foram trazidos para a sala de aula. Na *Educação Escolar Quilombola*, os estudantes participaram de atividades pedagógicas, valorizando as narrativas coletadas durante as visitas. Desse modo, esse entrelaçamento entre vivências reais e práticas educacionais fortalece a identidade, promovendo a valorização da diversidade e contribui para uma educação mais significativa e inclusiva.

Eu já ouvir falar muito do jongo, muitos falaram bem, mas muitos também falaram coisas ruins com por exemplo: “ ah, o jongo é coisa do diabo, fazem macumba, feitiço e etc”. Também já tive muita vontade de participar e também acho muito lindo as danças e o modo da cultura deles, porém com um pouco de medo por conta dos boatos ruins, mas quando fui conhecer realmente um pouco sobre a cultura do jongo com Dona Gessi, eu vi, ouvi coisa muito diferente do que já ouvir dos outros. Eu realmente achei uma experiência muito boa e diferente também. (...) Então, sendo bastante sincera eu amei bastante a experiência de ter ido lá e gostei bastante das palavras de Dona Gessi. O que eu mais gostei foi de uma canção que Dona Gessi cantou, achei muito lindo e diferente. Então, amei bastante de ter ido, se tivesse outras oportunidades de ir eu iria. (Estudante, T.J.P, 14 anos, 9º I³)

A partir da experiência da estudante na Comunidade Quilombola Linharinho podemos destacar um aspecto que é o conhecimento cultural. O valor significativo de vivenciar diretamente uma cultura para formar uma compreensão autêntica. Podemos notar que a estudante começou com uma percepção do jongo por influências por opiniões externas, algumas

negativas e outras positivas, que incluem estereótipos e preconceitos. Porém, seu contato direto com Dona Gessi transformou essa percepção.

A experiência direta que a estudante teve com uma jogueira permitiu que ela superasse os boatos e medos infundados, substituindo-os por apreciação e entendimento. Assim, ouvir Dona Gessi, uma mulher jogueira serviu como um meio poderoso de conexão e expressão cultural, o que é evidenciado pelo impacto emocional que a canção teve sobre ela.

É importante pensar que essa experiência é um lembrete valioso de que as experiências culturais não devem ser filtradas apenas pelas lentes dos outros. Ao invés disso, devem ser exploradas pessoalmente, com uma mente aberta, permitindo que cada indivíduo forme suas próprias opiniões baseadas em interações autênticas.

Desse modo, a experiência da estudante para visitar a comunidade e continuar aprendendo é um testemunho do poder positivo que uma experiência cultural direta pode ter na superação de barreiras e na promoção da compreensão intercultural.

Na visita técnica, os estudantes dos 9º anos I 1 , I 2 e I3 foram divididos em quatro grupos temáticos, cada um representando um pilar fundamental da identidade cultural quilombola. Desse modo, o primeiro grupo, denominado “Territorialidade”, buscou a conexão profunda entre as mulheres quilombolas e sua terra ancestral. Por outro lado, o segundo grupo, chamado “Fé”, mergulhou nas práticas espirituais e na religiosidade que sustentam a comunidade. O grupo “Narrativas”, que se dedicou a desvendar as narrativas e lendas que são transmitidas através das gerações. Por fim, o grupo “Jongo” aprofundou-se no estudo dessa dança envolvente e de sua importância como forma de resistência e afirmação cultural.

A primeira visita técnica à Comunidade Quilombola Linharinho, realizada no dia **12 de abril de 2024**, foi um marco significativo na jornada educacional dos estudantes. Foram 34 estudantes, acompanhados por mim, a supervisora, uma mediadora para um estudante com necessidades especiais e o fotógrafo. Chegamos ao Ponto de Memória de Santa Bárbara por volta das 8 horas: 30 minutos. O ar fresco da manhã e o doce sabor das acerolas colhidas pelos estudantes deram boas-vindas a todos (as), enquanto o aroma da defumação preenchia o ambiente, anunciando a riqueza da tradição do Ponto de Memória de Santa Bárbara.

Imagem 12 – Chegada ao Ponto de Memória de Santa Bárbara – Comunidade Quilombola Linharinho



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Nesse ambiente caloroso, fomos recebidos por Dona Gessi, a guardiã do Ponto de Memória de Santa Bárbara, cujo sorriso cativante e presença acolhedora imediatamente nos fizeram sentir parte da comunidade. Depois de acomodar todos os estudantes, apresentei-os à Dona Gessi, enfatizando a sua importância e a do espaço que ela zela. Assim, ela compartilhou conosco as histórias e a relevância do Ponto de Memória, e também nos apresentou a Almir, Teresinho da Comunidade Quilombola Angelim de Dentro e sua esposa Patrícia que também contribuíram significativamente com o processo.

Imagem 13 – O pesquisador com Dona Gessi Cassiano



Fonte: Arquivo do pesquisador

Imagem 14 – Ponto de Memória de Santa Bárbara



Fonte: Arquivo do pesquisador. Fotógrafo

Imagem 15 – Ponto de Memória de Santa Bárbara



Fonte: Arquivo do pesquisador

Para abençoar a nossa visita, fomos surpreendidos por uma chuva repentina e revigorante, que podemos atribuir esse fenômeno climático a Santa Bárbara, que estava nos acolhendo naquele espaço. A chuva que nos acolheu passou tão rapidamente quanto chegou, deixando para trás um clima sereno e a sensação de que havíamos sido bem-vindos por forças maiores. Assim, com o clima reestabelecido, os estudantes aproveitaram a oportunidade para fazer perguntas e esclarecer dúvidas. Saímos da comunidade por volta de 10 horas e 40 minutos.

Imagem 16 – Ponto de Memória de Santa Bárbara



Fonte: Arquivo do pesquisador

Imagem 17 – Ponto de Memória de Santa Bárbara



Fonte: Arquivo do pesquisador

A segunda visita técnica foi no dia **19 de abril de 2024**. Saímos com 36 estudantes e duas professoras especializadas em atendimento a estudantes. Chegamos ao Ponto de Memória Santa Bárbara por volta as 8 horas e 20 minutos, onde fomos recebidos por Dona Gessi Cassiano, a guardiã do Ponto Memória e também estavam a professora Aissa da Universidade Federal do Espírito Santo, o fotógrafo que estava acompanhando, Léia da Comunidade quilombola São Cristovão, de São Mateus, Natan que é gerente na secretaria de cultura, quilombola da Comunidade de Santana e também jogueiro, Helen da Comunidade quilombola Santana, Teresino e sua esposa Patrícia da Comunidade Angelim de Dentro, Almir e depois chegaram Didito e sua esposa Letícia.

A meu ver, o segundo dia de visita técnica foi o mais emocionante. Fomos calorosamente recebidos por Dona Gessi, que nos acolheu no Ponto de Memória todo perfumado pela defumação. Comecei explicando nosso objetivo para aquele dia, destacando a

importância de cada um presente naquele dia e a continuação das nossas atividades que havíamos iniciado em 12 de abril.

Passei a palavra para Dona Gessi que expressou sua alegria em nos receber e a importância daquele encontro. Em seguida, convidou cada um dos convidados para se apresentar, falar um pouco da comunidade. Após as introduções, Dona Gessi nos guiou para fora, onde vivenciamos o ponto alto do dia, a apresentação da árvore Baobá, que emoção! Foi feito um grande círculo em volta da árvore, Dona Gessi compartilhou histórias, memórias, que momento profundo de grande emoção! Em seguida começamos a falar sobre o jongo.

Fizemos uma pausa para o lanche. Dentro do Ponto de Memória os estudantes deram continuidade às perguntas sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade, de acesso a saúde, educação. Encerramos a nossa visita com Dona Gessi entoando o canto para caboclo protetor das matas. Deixamos o Ponto de Memória por volta de 10 horas e 45 minutos, levando conosco memórias inesquecíveis dessa experiência enriquecedora.

Após as duas visitas técnicas na Comunidade Quilombola Linharinho, em sala de aula refletimos sobre experiência vivida naquele espaço, discutimos o que mais impressionou o que chamou atenção, as memórias que ficarão guardadas. Desse modo cada estudante procurou falar um pouco da experiência dentro da comunidade.

Antes de eu conhecer o ponto de memória, eu achava que era um lugar com pessoas que batiam tambor para poder fazer macumba, mas quando eu fui lá no dia 19 eu vi que não era isso. No ponto de memória para eles é um lugar sagrado e muito importante para eles, o jongo para eles é uma manifestação cultural, eles dançam, batem o tambor para poderem dançar, até as crianças participam na verdade todo mundo participa não importa a idade. Eu achei o lugar legal, lá tem uns quadros que representa a religião deles, lá também tem umas santas que representam a religião deles, mas na verdade eles têm várias religiões, eles se divertem bastante dançando jongo, quem dança é as mulheres e quem bate os tambores é os homens, as mulheres podem bater tambor, os homens batem porque eles têm mais força, e eu gostei bastante de conhecer o ponto de memória. (I.B.O.M, 14 anos – 9º I¹)

Percebe-se que a experiência da estudante na comunidade revelou uma realidade cultural rica e diversificada. Antes, ela tinha uma percepção equivocada do ponto de memória, associando-o a práticas espirituais negativas. Porém, ao fazer a visita, descobriu que é um espaço sagrado e de grande importância cultural. Outra estudante diz:

Antes de ter a experiência, já esperava ser uma chuva de conhecimento, e como o esperado realmente foi. Amei cada parte da pesquisa e Dona Gessi, achei muito interessante sua trajetória e a trajetória dos seus antepassados, irei levar isso para vida. Só me decepcionou foi que muitas pessoas não sabem da existência do quilombo ou olham com intolerância religiosa o que é uma coisa ridícula. (M.E.M.C, 14 anos, 9º I²)

A estudante reflete uma experiência uma apreciação profunda pelo conhecimento adquirido, assim como também pela história de Dona Gessi e seus antepassado, destacando a importância de preservar e valorizar tais narrativas. Portanto, a estudante mostra-se uma preocupação legítima com a falta de conhecimento e a intolerância religiosa que ainda permeiam a percepção de muitos sobre comunidades quilombolas.

Bom, a experiência de está no local é única, sinceramente eu não esperava que trouxesse uma paz tão grande no coração. Gostei muito dos ensinamentos que dona Gessi transmitiu para a gente e espero voltar lá mais vezes. (K.S.B, 14 anos, 9º I²)

A fala da estudante K.S.B, de 14 anos traz uma reflexão positiva e emocionalmente significativa no Ponto de Memória, onde Dona Gessi é guardiã. A unicidade da experiência e o impacto inesperado que teve em seu estado emocional, trazendo-lhe paz. O Ponto de Memória de Santa Bárbara é um ambiente acolhedor e tranquilizador, capaz de provocar sentimentos de serenidade a quem visita. É importante destacar o apreço da estudante pelos ensinamentos de Dona Gessi, indicando que a interação foi não apenas emocional, mas também educativa.

Achei a minha experiência no Ponto de Memória muito diferenciada, nunca tinha visitado um lugar assim antes e achei incrível, em um único lugar ter pessoas contando diversas experiências sobre suas vidas. Lá é um lugar bem colorido com um altar variedades de cores, dessa forma transmitindo um sentimento de pura paz. Ao redor do local é percebido a forte presença de plantas, deixando o local ainda mais bonito. É nítido o quanto Dona Gessi ama o Ponto de Memória e o quanto esse lugar é importante pra ela. (E.A.F, 14 anos, 9º I²)

De acordo com a estudante o Ponto de Memória é único e incrível, ela destaca a importância do espaço que promova a interação, a oralidade e a transmissão de conhecimento, elementos fundamentais na preservação da cultura quilombola. Desse modo, o espaço cumpriu o papel de educar, preservar e celebrar a cultura local.

A partir das vivências da *Educação Quilombola* na Comunidade Linharinho, os estudantes agora fazem um entrelaçamento entre *Educação Quilombola* e o *currículo escolar*. Após o compartilhamento das experiências, os grupos de estudantes se dedicaram a tarefa de transcrever as entrevistas realizadas no dia 12 e 19 de abril de 2024. Vale ressaltar, que a atividade de transcrição não foi apenas um exercício de documentação, mas também uma oportunidade de refletir sobre as narrativas coletadas no Ponto de Memória.

Com a transcrição em mãos os grupos puderam compartilhar as idéias, as narrativas coletadas. Um momento de troca muito essencial para construir uma compreensão coletiva e aprofundada. Assim, as narrativas orais coletadas, agora registradas em papel, transformaram-se em um mosaico de vivências que destacam a riqueza cultural e a importância da preservação da memória.

Posteriormente, um fervilhar de ideias tomou conta da sala de aula. Após as discussões das transcrições das entrevistas, a questão surgiu: O que faremos com essas informações coletadas? O que fazer para que outras pessoas tenham acesso a essas informações? Como organizar essas informações? Foi comum entre outros grupos a necessidade de compartilhar os conhecimentos adquiridos.

Inicialmente, foi sugerido a ideia de um jornal, no entanto a proposta não foi aceita por ser um gênero um pouco ultrapassado e não captura a essência da modernidade. Assim, foi sugerido um material virtual onde o conteúdo pode ser compartilhado livremente, alcançando um público mais amplo e diversificado.

Prontamente a proposta foi aceita com entusiasmo. O próximo passo foi batizá-la, diversos nomes foram sugeridos, cada um refletindo uma faceta diferente da Comunidade quilombola Linharinho. A primeira proposta foi RAIZES DO LINHARINHO, depois VOZES DO LINHARINHO, mas foi LINHARINHO SOB O NOSSO OLHAR que capturou a essência do projeto.

Imagem 17 – Capa do Referencial de Práticas Pedagógicas



Fonte: Arquivo do pesquisador – Capa da Revista Digital

Assim, o Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação Quilombola é uma janela para as narrativas coletadas no Ponto de Memória de Santa Bárbara, uma celebração de histórias, das pessoas e da cultura que formam o tecido vibrante dessa comunidade quilombola. O referencial traz possibilidades de como trabalhar a Educação Quilombola é composto por diferentes tipos de textos verbais e não-verbais. Cada grupo teve a liberdade de se expressar, resultando em uma variedade gêneros na revista como: HQs, Vlog, Blog, poesia, crônica, animação, playlist de música, Podcast entre outros.

Imagem 18 – Processo de construção dos gêneros textuais



Fonte: Arquivo do pesquisador

Com a visão clara e a determinação acesa, vamos mãos à obra! Os grupos se prepararam para a empreitada, uma empreitada que prometia não apenas compartilhar conhecimentos, mas também celebrar as narrativas, a diversidade e riqueza cultural. A plataforma escolhida para produzir a revista virtual foi o Canva, uma ferramenta de design gráfico que oferece flexibilidade e facilidade de uso, permitindo que a criatividade flua sem barreiras técnicas.

Imagem 19 – Processo de construção dos gêneros textuais



Fonte: Arquivo do pesquisador

Selecionei um designer para liberar o projeto visual, garantido que a estética da revista refletisse o espírito vibrante da comunidade. Desse modo, o designer foi compartilhado para os grupos, estabelecendo o terreno comum para a organização e produção colaborativa.

Imagem 20 – Processo de construção dos gêneros textuais



Fonte: Arquivo do pesquisador

Assim, foram selecionadas 20 aulas para que os estudantes pudessem produzir os gêneros textuais. Utilizando os Chromebook, eles puderam realizar todo processo criação. Como o designer era compartilhado entre os grupos, eles podiam ter acesso em casa, agilizando assim todo o processo. Sempre orientando, sugerindo, mas mantendo o protagonismo dos estudantes, eles puderam explorar sua criatividade, trazendo a essência da Educação Quilombola para dentro da revista. Ao término das atividades, no salão da escola, cada grupo apresentou sua seção na revista.

Imagem 21 – Atividade produzida pelos estudantes

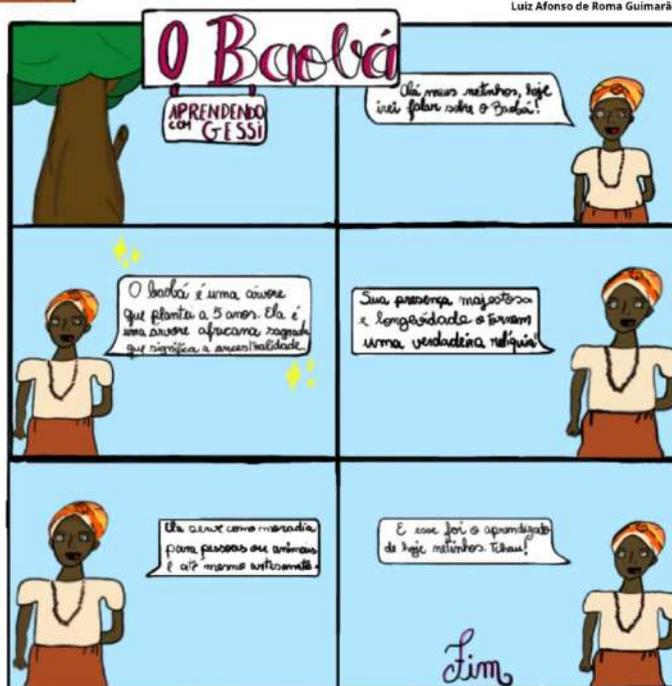
História em QUADRINHOS

DONA GESSI E SEUS ENSINAMENTOS



Olá, nesta história em quadrinhos, temos a personagem dona Gessi destacando a natureza impressionante do baobá, uma árvore repleta de simbolismo cultural. Com sua estatura imponente e sua incrível capacidade de sobreviver por séculos, o baobá se destaca como um monumento natural de grande valor. Seria maravilhoso divulgar ainda mais sobre o seu papel significativo.

Por:
Maria Eduarda M. da C. de Azevedo
Alana Vitória dos Santos
Cauan Clarindo da Silva Alves
João Victor Braga do Nascimento
Vinicius da Silva Calixto
Luiz Afonso de Roma Guimarães Lopes



18

Nessa atividade, os estudantes do grupo Territorialidade do 9º I 2 tiveram a oportunidade de explorar o momento que Dona Gessi os conduziu para fora Ponto de Memória e começou a narrar diferentes histórias sobre a árvore Baobá. Essa atividade é especialmente muito significativa, pois os estudantes incorporaram elementos da Educação Quilombola em seu aprendizado escolar, enriquecendo currículo com práticas e saberes tradicionais vivenciados no quilombo.

Imagem 22 – Atividade produzida pelos estudantes



Nesta outra seção, os estudantes do 9º I 1 tiveram a oportunidade explorar o gênero Podcast, trazendo a discussão sobre a territorialidade e os desafios enfrentados pela Comunidade Linharinho.

7. IN- CONCLUSÕES

Sabe-se que o objetivo geral desta pesquisa foi resgatar as memórias das mulheres do Jongo de Conceição da Barra, valorizando a sua fé e a sua resistência, por meio de narrativas. As questões norteadoras que serviram como base para nossa pesquisa foram a seguinte: *Como pensar a Educação Escolar em uma comunidade quilombola? Como resgatar a memória das mulheres do jongo de Conceição da Barra, valorizando sua fé e sua resistência de maneira que possam contribuir para a educação escolar* Observa-se que, por meio desta pesquisa obtivemos resultados significativos de explorar e registrar as memórias, tradições de fé, resistências das mulheres negras quilombolas da Comunidade quilombola de Linharinho, no município de Conceição da Barra. Além do mais, criamos uma revista digital que apresenta os relatos das memórias orais dessas mulheres.

É importante destacar que na revista digital trazemos os registros de memórias orais de Dona Gessi Cassiano, visto que é a grande guardiã do Ponto de Memória de Santa Bárbara. Enquanto Luandra, Juliana e Letícia compartilham seus saberes, suas experiências, sua força, suas lutas diárias registradas aqui nesta pesquisa. Apesar de suas idades diferentes, percebe-se, que embora cada uma siga caminhos distintos, todas compartilham ideias, pensamentos e lutas, porém com perspectivas variadas.

De um lado temos Dona Gessi militante ativa, participante de diferentes eventos, e muitos deles ligados as religiões de matrizes africanas, e engajando-se em questões dentro da comunidade. Por outro lado, temos Luandra, que estuda para poder ajudar juridicamente a comunidade, e participa de ações locais. Juliana, por sua vez, tem todo um histórico de luta, de envolvimento em associações, buscando melhoria para a comunidade, uma mulher que luta na agricultura. Enquanto, Letícia, está começando a se envolver nos processos de lutas dentro da comunidade.

As visitas técnicas proporcionaram oportunidades significativas. Foi uma imersão nas memórias orais, permitindo que os estudantes vivenciassem tudo de perto. Esses momentos foram repletos de emoção e aprendizado, aproximando-os da Educação Quilombola. Além disso, experimentaram a territorialidade existente dentro do quilombo, que transcende o espaço físico e representa lutas, resistência, ancestralidade, fé e religiosidade. Expressar em palavras o que cada estudante sentiu ao estar no Ponto de Memória de Santa Bárbara é difícil; no entanto, tenho certeza de que essa vivência permanecerá com eles para o resto de suas vidas. É algo impossível de esquecer.

O entrelaçamento dessas vivências quilombolas com a Educação Escolar foi um processo valioso, embora não isento de desafios. Os estudantes chegaram eufóricos, repletos de ideias, cada grupo compartilhando sua visão sobre temas específicos, já que foram divididos em grupos com diferentes temáticas. Ouvir esses estudantes e constatar que realmente aprenderam é extremamente gratificante. E, em seguida, testemunhar todo o processo de transformação, com eles expressando o que aprenderam de maneiras diversas na revista digital, é algo maravilhoso. Alguns trouxeram poesia, crônicas, vídeos, vlogs e blogs, cada grupo com sua própria abordagem. A riqueza de detalhes em cada produção reflete a fidelidade ao que ouviram e sentiram no Ponto de Memória com Dona Gessi.

Partindo para as in-conclusões, é fundamental reconhecer como essas mulheres negras quilombolas da Comunidade quilombola de Linharinho carregam em seus corpos as marcas da ancestralidade, símbolos de resistência e fé. Além disso, exploramos como essas memórias orais podem ser incorporadas aos espaços escolares, enriquecendo o currículo e o trabalho dos professores e professoras. Essas práticas educativas, extraídas das memórias orais dessas mulheres, têm muito a nos ensinar. É impossível passar por esse processo sem absorver a riqueza dessas fontes.

A escola tem muito a ganhar com essa abordagem. Não se trata de eliminar os conteúdos formais, mas sim de ampliar o conhecimento, trazendo vivências e saberes para dentro da sala de aula. Essa conexão com a realidade dos estudantes é valiosa e enriquece o processo educativo.

8. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A Educação na comunidade de Monte Alegre – ES em suas práticas de construção da cultura popular negra**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2007

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola**. Curitiba: Appris, 2018.

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **Sobre Políticas do Corpo Negro Feminino e Territorialidades Jongueiras no Enfrentamento ao Racismo**. Revista Farol, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/farol/issue/view/1351> - acesso em 15 de julh. 2024.

ARAUJO, Noelia da Silva Miranda, ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino, REGINALDO, Sidineide Vidigal, CASSIANO, Genilda. **Modos de Ser e Sentir: Entrelaçando Narrativas das Crianças e Professoras Quilombola**. Pró-Educação – UNIVÁS, 2020.

ARAUJO, Noelia da Silva Miranda. **Entrelaçando saberes e narrativas: Formação de Professoras/es e lideranças quilombolas em Conceição da Barra**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2020. Disponível em <https://educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGMPE/disserta%C3%A7%C3%B5es-defendidas?page=3> Acesso no dia 20 de março de 2024.

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; tradução Julia Romeu. 1º Ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/589163/Estatuto_igualdade_racial_normas_correlatas.pdf

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf Acesso em 06 de abril de 2024.

BLUES, Baco Exu do. **O Sol mais quente**. 2019

BRASIL. **Lei nº 9.934, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 03/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.

Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf

BETHÂNIA, Maria. **As Ayabás.** In: MARIA, Maria Bethânia. Rio de Janeiro: Universal Music, 1978. Faixa 1. LP

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar;** tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/450279/mod_resource/content/1/CARTEU%2C%20inven%C3%A7%C3%A3o%20do%20cotidiano%2017.03%20p234-249.pdf.

Acesso em 04 abr.2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** – São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República. Constituição Federal de 1988, artigo 216

COSTA, Renata Beatriz Rodrigues da. “ **Se planejamento é papel, quando vamos pra prática?**” : **Quilombolas de Linharinho (ES) e seus pontos de vista sobre os direitos ao território e as políticas públicas.** 32ªReuniãoBrasileirade Antropologia. 2020.

COLETIVO DE MULHERES. **Carta das Mulheres Quilombolas de Sapê do Norte.** Março de 2024. Espírito Santo. Disponível em: <https://fase.org.br/wp-content/uploads/2024/03/Carta-das-mulheres-quilombolas-politica-1.pdf> Acesso em 10 de abril.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Catálogo de Teses e Dissertações.** Disponível online. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

CARDOSO, Marcos Antonio. **O Movimento Negro em Belo Horizonte: 1978-199** – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

CALAZANS, Marcelo. **Agricultura, identidade e território no Sapê do Norte quilombola**. Agriculturas, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

ESTATUTO MUNICIPAL Nº 1.132/72. **Conceição da Barra, Espírito Santo**. 1972.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Editora Revista dos Tribunais- LTDA. São Paulo, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. Organizações Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021

Instituto Jones dos Santos Neves. **Censo Demográfico 2022 da População quilombola no Brasil e no Espírito Santo**. Vitória: IJSN, 2022. Disponível em: [link do site do IJSN](#). Acesso em 24 de março de 2024

Instituto Jones dos Santos Neves – IJSN. **Caderno Desenvolvimento Regional Sustentável – 10: Povos Indígenas e Quilombolas no Espírito Santo**. Vitória, 2023. URL do documento . Disponível em [https://ijsn.es.gov.br/Media/IJSN/PublicacoesAnexos/cadernos/IJSN_Caderno_DRS-10_\(3\).pdf](https://ijsn.es.gov.br/Media/IJSN/PublicacoesAnexos/cadernos/IJSN_Caderno_DRS-10_(3).pdf) . Acesso no dia 25 de março de 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**. Disponível online. <https://bdttd.ibict.br/vufind/>

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **O jongo, patrimônio imaterial brasileiro**. Brasília: IPHAN, 2005. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Jongo_patrimonio_imaterial_brasileiro.pdf

LYRA, Bernadette. **Água Salobra**. – Vitória. ES: Cousa, 2017.

LIMA, Rita de Cássia Bóbblio. **Relatos e Retratos de Conceição da Barra**. SPDC. Vitória. 1995.

- LIMA Júnior, Carlos Benevides. **Conceição da Barra – 110 anos de emancipação política**; Carlos Benevides Lima Júnior; Rita de Cássia Bóbbio Lima; Wallace Bonicenha. Vitória: Multicplicidade, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica** – 5º Ed. – São Paulo: Atlas, 2003.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Organização Osvaldo Martins Oliveira. – 2ª ed. – Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016
- MARQUES, Gabriela Pôrto. **O cuidar feminino: Saberes e fazeres tradicionais de benzedeiros quilombolas de Mostardas-RS**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_112063f755189ddc80266e3cb7961d36 . Acesso dia 17 de março de 2024.
- MENDES, Ivone Xavier. **Memórias Necessárias: Narrativas e Histórias de mulheres negras quilombolas do município de Monte Alegre de Goiás**, Universidade Federal de Goiás, 2023. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/e732291f-269d-4903-bfc0-f5361e0430c5>. Acesso em 20 de março de 2024.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo – Documentos de uma militância Pan-Africanista**. Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Quilombos: território, memória e reexistência**. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. GUIMARÃES, Aissa Afonso (Orgs.). **Jongos e Caxambus: Culturas afro-brasileiras no Espírito Santo**. 1º Ed.ampl. – Vitória, ES: UFES, Proex, 2018.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. □ **Comunidades Quilombolas no Estado do Espírito Santo: Conflitos Sociais, Consciência Étnica e Patrimônio Cultural**. Ruris. Volume 5, Número 2. 2011.
- OLIVEIRA, Kiusam. **Pedagogia da Ancestralidade**. São Paulo. 2019.
- OLIVEIRA, Kiusam. **Omo-Obá - História de Princesas**. Ilustrado por Josias Marinho – Belo Horizonte: Mazza Edições. 2009.
- OLIVEIRA, Natane Franciella de. **Um quilombo contestado : análise sobre o processo de demarcação de terras quilombolas**. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de

Ciências Jurídicas e Econômicas. 2017. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_11244_NATANE.pdf Acesso em 06 de abril de 2024.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PARECER CNE/CEB Nº 3 /2004: BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica.

PASINI, ISABELA LEÃO PONCE. **Conflito Territorial e Soberania Alimentar: Um estudo de caso na Comunidade Quilombola Angelim I, no Sapê do Norte – ES**. Universidade Federal de Viçosa – Viçosa MG, 2014. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4211> . Acesso em 19 de Març.de 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico**, 2º Ed. – Novo Hamburgo:Feevale, 2013.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro, Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhas**. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf . Acesso em 08 de Agost. de 2023.

RUFINO, Luiz. **Vende-demanda: educação e descolonização**. 1º ed.- Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

ROZARIO, Ezinete Moreira do. **Escola Quilombola do Linharinho, Conceição da Barra-ES: A Relação entre a escola, o currículo e a comunidade**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2021

ROMANO, Juliana. **RE-LEITURA DA PAISAGEM NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LINHARINHO SOB A ÓTICA DA TEORIA DA PERCEPÇÃO: período entre a chegada do eucalipto e o ano de 2005**. Universidade Federal do Espírito Santo – Dissertação, Vitória, 2008. Disponível em: https://geo.ufes.br/sites/geografia.ufes.br/files/field/anexo/m_juliana.pdf Acesso em 27 de abril de 2024.

RUSSO, Maria do Carmo de Oliveira. **A escravidão em São Mateus/ES: economia e demografia (1848-1888)**. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo,

2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04052012-124952/>.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. UBU Editora. São Paulo. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos- Modos e Significações**. Editora AYÔ , Brasília, 2023.

SIQUEIRA, Jane Seviriano. “**Se o mestre não tiver firmação ele vai a nado**”: o **Jongo de São Bartolomeu no norte Capixaba**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/b6cae461-fac3-4c54-8171-b381ec1573d1> . Acesso em 20 de Março de 2024.

SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE CONCEIÇÃO DA BARRA-ES. **Dados das Comunidades Quilombolas em Conceição da Barra – ES**. Conceição da Barra, Espírito Santo. 2023.

SOUZA, Pedro Henrique Barbosa de. **Na fita de Bárbara tem dendê; desata esse nó que eu quero vê**”: **Identidade e Memória social entre mulheres quilombolas do Sapê do Norte**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2020. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_12727_Na%20fita%20de%20B%E1rbara%20tem%20dend%EA%20desata%20esse%20n%E3%20que%20eu%20quero%20v%EA.pdf . Acesso no dia 17 de março de 2024.

SOUZA, Pedro Henrique Barbosa de e BONOMO, Mariana. **Memórias étnicas e Comunitárias entre lideranças femininas do Sapê do Norte- ES**. Memorandum 38. Belo Horizonte: UFMG. 2021. Disponível: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/20200/22950> Acesso no dia 17 de março de 2024.

SOUZA, Natasha Fernandes de. **O Sagrado (re)velado em narrativas orais de mulheres quilombolas de Santíssima Trindade – Pará**, Universidade Federal do Pará, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/15677> . Acesso dia 20 de março de 2024.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos - Identidade e História**. 1º Edição- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SCHIFFLER, Michele Freire, NASCIMENTO, Jorge Luiz do. **Cantares Ticumbis: resistência e memória na literatura oral de comunidades quilombolas**. I Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades -Universidade Federal de Espírito Santo, 26 a 29 de junho de 2012.

- SILVA, Graziella Moraes, LEÃO, Luciana T. de Souza. **O paradoxo da mistura Identidades, desigualdades e percepção de discriminação entre brasileiros pardos**. RBCS Vol. 27 n° 80 outubro/2012
- SALVATICI, Silvia. **Memórias de Gêneros: Reflexões sobre a história oral de mulheres**. *Histórial Oral*. Volume 8, 2005. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/114/109> Acesso em 17 de abril de 2024.
- THOMPSON, Paul. **História Oral e Contemporaneidade**. *Revista História, História Oral*, 5, 2002.
- TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres** – Dourados-MS : UFGD, 2014.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. UBU Editora. São Paulo. 4 reimpressão. 2023
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Zahar. 1º edição. Rio de Janeiro, 2022.
- FERREIRA, Simone Raquel Batista. **“Donos do lugar”: A Territorialidade quilombola do Sapê do Norte** – ES. Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em <https://livros01.livrosgratis.com.br/cp128766.pdf> . Acesso no dia 26 de março de 2024.
- FERREIRA, Simone Raquel Batista. **Quilombolas no Sapê do Norte-ES: a territorialidade revivida pela memória**. Universidade Federal Fluminense em junho de 2009.
- FERREIRA, Simone R.B. **“Donos do lugar”: A geo-grafia negra e camponesa do sapê do norte-ES**. *Geografares*, Vitória, n.8, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/geografares/article/download/1298/980> Acesso no dia 24 de fev. 2024.
- FURTADO, Marcella; SUCUPIRA, Regina Lúcia; ALVES, Cândida Beatriz. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural**,2014.Disponívelem: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309330671012.≥>. Acesso no dia 25 de fev.2024.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. – São Paulo: Atlas, 2008
- GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020
- WIKIPÉDIA (2021). **Sapê**. Em Wikipédia: A enciclopédia livre. Recuperado 25 de março de 2024, de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sapê>

